

13.1.18

**PADRE ANTONIO VIEIRA.**

**OBRAS POLITICAS E VARIAS.**

**TOMO II.**

TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL

RUA DOS FANQUEIROS, 82.

HISTORIA  
DO FUTURO.

LIVRO ANTE PRIMEIRO.

PROLOGOMENO A TODA A HISTORIA DO FUTURO,

EM QUE SE DECLARA O FIM

E SE PROVAM OS FUNDAMENTOS DELLA.

MATERIA, VERDADE, E UTILIDADES DA HISTORIA DO FUTURO.

COMPOSTA PELO PADRE

**ANTONIO VIEIRA.**

BIBLIOTHECA  
DO  
SENADO  
DO BRASIL

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

RUA DOS FANQUEIROS, 82.

1855

A  
869  
V697  
1855



# HISTÓRIA DO FUTURO

PRIMEIRO LIVRO

PROLOGO E TODA A HISTÓRIA DO FUTURO

HISTÓRIA DO FUTURO

VERDADE E QUINHÕES DE HISTÓRIA DO FUTURO

ESCRITO POR

ALVARO DE ARAÚJO

ESCRITORES

BIBLIOTECA

DO SENADO FEDERAL

BRASÍLIA

EDITORA J. M. G. BRAGA & C. O. EDITORA

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1675

do ano de 1946

# HISTORIA DO FUTURO.

## CAPITULO I.

**Declara-se a primeira parte do titulo desta Historia.  
e quão propria é da curiosidade humana  
a sua materia.**

Nenhuma coisa se pôde prometter á natureza humana mais conforme ao seu maior appetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a noticia dos tempos e successos futuros; e isto é o que offerece a Portugal, á Europa, e ao mundo, esta nova e nunca vista Historia. As outras Historias contam as coisas passadas, esta promete dizer as que estão por vir; as outras trazem á memoria aquelles successos publicos que viu o mundo, esta intenta manifestar ao mundo aquelles segredos occultos e escurissimos, que não chega a penetrar o entendimento. Levanta-se este assumpto sobre toda a esphera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os thesouros della tão liberalmente com os homens, e muito mais

com o primeiro, sempre reservou para si a sciencia dos futuros, como regalia propria da divindade: como Deus por natureza seja eterno, é excellencia gloriosa, não tanto de sua sabedoria, quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes: o homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua sciencia, ou a sua ignorancia; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada.

A sciencia dos futuros, disse Platão, é a que distingue os deuses dos homens, e d'aqui lhes veio sem duvida aquelle antiquissimo appetite de serem como deuses: aos primeiros homens, a quem Deus tinha infundido todas as sciencias, nenhuma lhes faltava senão a dos futuros, e esta lhes prometteu o demonio com a divindade, quando lhes disse: *Eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.* (Genes. III — 3) Mas ainda que experimentaram o engano, não perderam o appetite: esta foi a herança que nos ficou do paraizo, este o fructo daquella arvore fatal bem vedado, e mal appetecido, mas por isso mais appetecido, porque vedado. Como é inclinação natural no homem appetecer o prohibido, e anhelar ao negado, sempre o appetite e curiosidade humana, está batendo ás portas deste segredo, ignorando sem molestia muitas coisas das que são, e affectando impaciente a sciencia das que hão de ser. Por este meio veio o demonio a conseguir que o homem lhe dêsse falsamente a divindade, que o mesmo demonio com igual falsidade lhe tinha promettido; e senão pergunto: Quem foi o que introduziu no mundo, sem algum medo, mas antes com applauso, a adoração do demonio? Quem fez que fosse tão frequentado e consultado o idolo de Apollo em Delphos? O de Jupiter em Babylonia? O de Juno em Carthago? O de Venus no Egypto? O de Daphne em Antiochia? O de Orpheu em Lesbo? O de Fauno em Italia? O de Hercules em Hespanha, e infinitos outros em muitas partes? Não ha duvida que o desejo insaciavel que os homens sempre tiveram de saber os futuros; e a falsa opinião dos oraculos, com que o demonio respondia naquellas estatuas, foram os que todo este culto lhe grangearam; sendo certo que se Deus vindo ao mundo não emmudecera (como emmudeceu) os oraculos da gentilidade; grande parte do que hoje

é fé, fôra ainda idolatria. Tão mal soffreram os homens, que Deus reservasse para si a sciencia dos futuros, que chegaram a dar ás pedras a divindade propria de Deus, só porque Deus fizera propria da divindade esta sciencia : antes queriam uma estatua que lhes dissesse os futuros, que um Deus que lh'os encobria.

Mas que direi das sciencias ou ignorancias das artes, ou superstições que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados deste appetite? Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram os nomes dos seus proprios sujeitos. Agromancia que ensina a adivinhar pelas coisas da terra, a hydromancia pelas da agoa ; a areomancia pelas do ar, e a pyromancia pelas do fogo. Tão cegos seus auctores no appetite vão daquella curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestigios de tantas coisas passadas, cuidaram que na agoa, no ar, e no fogo, os podiam achar das futuras. No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta sciencia. A plisionomia nas feições do rosto, a chiromancia nas raias da mão : em um mappa tão pequeno, tão plano, e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os chiromantes não só linhas, e caracteres distinctos, senão montes levantados e divididos, e alli descripta a ordem e successão da vida, e casos della ; os annos, as doenças e os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades, e todos os outros futuros prosperos, ou adversos ; arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a astrologia judiciaria tão celebrada no nascimento dos principes, em que os genethliacos sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam, ou figura, ou testemunhos a todos os successos della. Nem quero falar na triste e funesta nicromancia, que frequentando os cemiterios e sepulturas no mais escuro e secreto da noite, invoca com deprecações e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos.

A este fim excogitaram tantos generos de sortilegios, como se na contingencia da sorte se houvesse de achar a certeza : a este

fim observaram os sonhos, como se soubesse mais um homem dormindo, do que sabia accordado : a este sentido consultavam as entranhas palpitantes dos animaes, como se um bruto morto podesse ensinar a tantos homens vivos : com o mesmo appetite pediam respostas ás fontes, aos rios, aos bosques, e ás penhas : com o mesmo inquiriam os cantos e vôos das aves, os mugidos dos animaes, as folhas e movimentos das arvores : com o mesmo interpretavam os numeros, os nomes, e as lettras, os dias e os fumos, as sombras e as côres, e não havia coisa tão baixa e tão miuda por onde os homens não imaginassem que podiam alcançar aquelle segredo, que Deus não quiz que elles soubessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o scintillar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como avisos da providencia, e temiam como presagios do futuro. Fallo da cegueira, e desatino dos tempos passados, por não envergonhar a nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes.

Finalmente, a investigação deste tão appetecido segredo, foi o estudo e disputa dos maiores e mais signalados philosophos, de Socrates, de Pitagoras, de Platão, de Aristoteles, e do eloquente Tullio, nos livros mais sublimes e doutos de todas suas obras. Esta era a theologia famosa dos caldeos ; este o grande mysterio dos egypcios ; esta em Roma a religião dos Augures ; esta em Judéa a seita dos Pitões e Ariolos ; esta em Persia a sciencia e profissão dos Magos ; esta em fim, do céu até o inferno o maior desvelo dos sabios, e maior ancia e tropeço dos ignorantes ; uns injuriando o céu, e dando trato ás estrellas para que digam o que não podem ; outros inquietando o inferno, (como dizia Samuel) e tentando os mesmos demonios, para que revelem o que não sabem. Tanto foi em todas as idades do mundo, e tanto é hoje na curiosidade humana o appetite de conhecer o futuro.

Mas o que mais que tudo encarece a tenacidade deste desejo, é considerar que enganados tão porfiadamente os homens pela falsidade e mentira de todas estas artes e seus ministros, não tenha bastado nenhuma experiencia, nem haja de bastar já para mais os desenganar e apartar d'elle : *Genus hominum potentibus infidum, spirantibus fallax, quod in civitate nostra, et vetabitur*

*semper, et retinebitur* : disse Tacito.\* O mesmo Saul, que destrou a Pithonisa, a foi buscar e se serviu de sua má arte; e os mesmos que mais severamente negam o credito ás coisas prognosticadas, folgam de ouvir e saber que se prognosticam, signal certo que não buscam os homens os futuros, porque os acham, senão que vão sempre apoz elles, porque os amam.

Para satisfazer, pois, á maior ancia deste appetite, e para correr a cortina aos maiores e mais occultos segredos deste mysterio, pomos hoje no theatro do mundo esta nossa Historia, por isso chamada do futuro. Não escrevemos com Beroso as antiguidades dos assyrios, nem com Xenofonte a dos persas, nem com Herodoto as dos egypcios, nem com José a dos hebreus, nem com Curcio a dos macedonios, nem com Tucidides a dos gregos, nem com Livio a dos romanos, nem com os escriptores portuguezes as nossas : mas escrevemos sem auctor o que nenhum delles escreveu nem pôde escrever ; elles escreveram historias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. Impossivel pintura parece, antes dos originaes retratar as copias ; mas isto é o que fará o pincel da nossa Historia.

Assim foram retratos de Christo Abel, Isaac, José, David antes do Verbo ser homem. O que ignorou o mundo antigo, o que não conheceu o moderno, e o que não alcança o presente, é o que se verá com admiração neste prodigioso mappa descripto ; coisas e casos que ainda lhes falta muito para terem ser, quanto mais antiguidade.

A historia mais antiga começa no principio do mundo ; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escripta. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continúa por toda a duração do mundo, e acaba com o fim delle : mede os tempos vindouros antes de virem, conta os successos futuros antes de succederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama os publicar, e de serem feitos.

O tempo, como o mundo, tem dois hemispherios : um superior

\* Tac. lib. 1. hist. — 1. Reg. II e VIII — 9 e 11.

e visível, que é o passado, outro inferior e invisível que é o futuro : no meio de um e outro hemispherio ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina, e o futuro começa : desde este ponto toma seu principio a nossa Historia, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo hemispherio do tempo, que são os antipodas do passado : oh que de coisas grandes e raras haverá que vêr neste novo descobrimento !

Aquelles historiadores que nomeámos e foram os mais celebres do mundo, escreveram os imperios, as republicas, as leis, os conselhos, as resoluções, as conquistas, as batalhas, as victorias, a grandeza, a opulencia e felicidade, a mudança, a declinação, a ruina ou daquellas mesmas nações, ou de outras igualmente poderosas, que com ellas contendiam. Nós tambem havemos de falar de reinos e de imperios, de exercitos e de victorias, de ruinas de umas nações e exaltações de outras ; mas de imperios não já fundados, senão que se hão de fundar ; de victorias não já vencidas, mas que se hão de vencer ; de nações não já domadas e rendidas, senão que se hão de render e domar.

Hão se de ler nesta Historia, para exaltação da fé, para triumpho da igreja, para gloria de Christo, para felicidade e paz universal do mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas empresas, heroicas façanhas, maravilhosas victorias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis ; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, empresas e façanhas novas, conquistas, victorias, paz, triumphos e felicidades novas, e não só novas, porque são futuras, mas porque não terão semilhança com ellas nenhuma das passadas. Ouvirá o mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou : e se as historias daquelles escriptores, sendo de coisas menores antigas e passadas, se leram sempre com gosto, e depois de sabidas se tornaram a ler sem fastio, confiança nos fica para esperar que não será ingrato aos leitores este nosso trabalho, e que será tão delectosa ao gosto

e ao juizo a Historia do Futuro, quanto é estranho ao papel o assumpto e nome della.

Mas porque não cuide alguma curiosidade critica, que o nome do futuro não concorda, nem se ajusta bem com o titulo de historia, saiba que nos pareceu chamar assim a esta nossa escriptura, porque sendo novo e inaudito o argumento della, tambem lhe era devido nome novo e não ouvido.

Escreveu Moysés a historia do principio e creação do mundo, ignorada até áquelle tempo de quasi todos os homens: e com que espirito a escreveu? Respondem todos os padres e doutores que com espirito de prophecia\*. Se já no mundo houve um propheta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os prophetas não chamaram historia ás suas prophecias, porque não guardam nellas estylo, nem leis de historias: não distinguem os tempos, não assignalam os logares, não individuum as pessoas, não seguem a ordem dos casos e dos successos, e quando tudo isto viram e tudo disseram, é involto em metaphoras, disfarçado em figuras, escurecido com enigmas, e contado ou cantado em phrases proprias do espirito e estylo prophetico, mais accomodadas á magestade e admiração dos mysterios, que á noticia e intelligencia delles.

Do propheta Isaias, que fallou com maior ordem e maior clareza, disseram S. Jeronymo e Santo Agostinho, que mais escreveu historia que prophecia". A sua prophecia é o evangelho fechado; o evangelho é a sua prophecia aberta. E porque nós em tudo o que escrevemos, determinâmos observar religiosa e pontualmente todas as leis da historia, seguindo em estylo claro, e que todos possam perceber, a ordem e successão das coisas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas das suas circumstancias; e porque havemos de distinguir tempos e annos, signalar provincias e cidades, nomear nações, e ainda pessoas, (quando o soffrer a materia) por isso, sem ambição, nem injuria

\* A Lapid in commis. Scriptura comment. in Pentath. 5. vol. 2.

\*\* Apud P. A Lapid in arg. Isai. V cap. par. 2. Ibi. Ut qui Isai. legun., versari seputent in evangeliiis.

de ambos os nomes, chamamos a esta narração historia e Historia do Futuro.

Sós e solitariamente entramos nella (mais ainda que Noé no meio do diluvio) sem companheiro nem guia, sem estrella, nem pharol, sem exemplar, nem exemplo: o mar é immenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escurissima: mas esperamos no Pae dos lumes (a cuja gloria e de seu Filho servimos), tirará a salvamento a fragil barquinha: ella com maior ventura que Argos, e nós com maior ousadia que Tiphys. Antes de abrir as velas ao vento (oh faça Deus que não seja tempestade!) em logar da benevolencia que se costuma pedir aos leitores, só lhes quero pedir justiça. É de direito natural que ninguem seja condemnado, sem ser ouvido; isto só deseja e pede a todos a nova Historia do Futuro, com palavras não suas, mas de S. Jeronymo: *Legant prius, et postea despiciant*. Lêam primeiro, e depois condemnem, assim dizia aquelle grande mestre da egreja, defendendo a sua versão dos sagrados livros, então perseguida e impugnada, hoje adorada e de fé.

---

## CAPITULO II.

**Segunda parte do titulo desta Historia: convidam-se os portuguezes á lição della.**

No capitulo passado fallámos com todo o mundo; neste só com Portugal: naquelle promettemos grandes futuros ao desejo; neste asseguramos breves desejos ao futuro: nem todos os futuros são para desejar, porque ha muitos futuros para temer. Amanhã serás commigo, disse Samuel a Saul, o propheta ao rei, o morto ao vivo. (1. Reg. XXVII — 19) Oh que temeroso futuro! Caiu Saul desmaiado, e fôra melhor cair em si, que aos pés do propheta: mas era já a vespera do dia da morte; e quem busca o desengano tarde, não se desengana. Outros reis houve, que por não temer os futuros, quizeram antes ignoral-os.

...*Cessant oracula Delphis,  
Sed silvit postquam reges timuere futura,  
Et super os vetuere loqui...*

Disse sem murmuração o satyrico, que taparam os reis a boca aos deuses, e não queriam consultar os oraculos por não temer os futuros prosperos e adversos, os felizes e os infelizes: todos fôra felicidade antever, os felizes para a esperança, e os infelizes para a cautela.

O maior serviço que pôde fazer um vassallo ao rei, é revelar-lhe os futuros; (1. Reg. XXVIII — 11) e se não ha entre nós os vivos quem faça estas revelações, busque-se entre os sepultados, e achar-se-ha: Saul achou a Samuel morto, e Balthasar a Daniel vivo, porque um matava os prophetas, outro premiava as prophcias. (Daniel V — 16) Declarou Daniel a Balthasar a escriptura fatal da parede, annunciou-lhe intrepidamente, que naquella mesma noite havia de perder a vida e o imperio: e que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação? No mesmo ponto, diz o texto, mandou Balthasar, que o vestissem de purpura, e que lhe dessem o anel real, e que fosse reconhecido por tetrarcha de todo o imperio dos assyrios, que era fazel-o um dos quatro supremos ministros ou governadores da monarchia. (Ibid. — 29) Só isto fez Balthasar nos instantes que lhe restaram de vida; e premiado assim o propheta, cumpriu-se a prophcia, e foi morto o rei, digno só por esta acção (se não foram as suas culpas sacrilegios) de que Deus lhe perdoára a vida. Se tanto val o conhecimento de um futuro, ainda que tão infeliz, se tanto premio se dá a uma prophcia mortal, e que tira imperios; que seria se os promettêra? Não faltou a este merecimento Dario Hidaspes, rei dos persas e dos medos: succedeu victorioso este principe na coroa de Balthasar, e confirmou sempre a Daniel na mercê e logar em que elle o tinha posto; porque assim como prophetizou que havia de perder o imperio o rei dos assyrios, ajuntou tambem, que o havia de ganhar o dos persas e medas: *Divisum est regnum à te, et dabitur medis et persis.* (Dan. V — 28) Eu, Portugal (com quem só fallo agora) nem espero o teu agradecimento, nem temo

a tua ingratidão ; porque se me não contas com Daniel entre os vivos, eu me conto com Samuel entre os mortos ; se nas letras que interpreto achára desgraças (bem poderá ser que as tenhas) eu te dissera a má fortuna sem receio, assim como te digo a boa sem lisonja : mas é tal a tua estrella (benignidade de Deus contigo deverá ser) que tudo o que leio de ti são grandezas, tudo que descubro melhoras, tudo o que alcanço felicidades. Isto é o que deves esperar, e isto o que te espera ; por isso em nome segundo e mais declarado chamo a esta mesma escriptura Esperanças de Portugal, e este é o commento breve de toda a Historia do Futuro.

Mas vejo que o mesmo nome de Esperanças de Portugal lhe poderá com razão suspender o gosto, assustar o desejo, e embarçar os mesmos alvoroços em que o tenho mettido com estas esperanças : *Spes, quæ differtur, affligit animam*, (Prov. XIII — 12) disse a verdade divina, e o sabe e sente bem a experiencia e paciencia humana, ainda que seja muito segura, muito firme, e muito bem fundada a esperança, é um tormento desesperado o esperar.

Muito seguras eram, e tão seguras como a mesma palavra de Deus (que não póde mentir nem faltar) as promessas dos antigos prophetas : mas cançava-se tanto o desejo na paciencia de esperar por ellas, que vinham a ser fabula do vulgo em Jerusalem as esperanças das prophecias : assim conta esta queixa Isaias no capitulo 28, que pelas ruas e praças da cõrte se andavam cantando por riso as suas esperanças, e que a volta ou estribilho da cantiga, era :

*Expecta, reexpecta.*

*Expecta, reexpecta*

*Modicum ibi.*

*Modicum ibi.*

(Isai. XXVIII — 10)

Esperavam, reesperavam e desesperavam aquelles homens, porque em muitas coisas das que lhes promettiam as prophecias, primeiro se acabava a vida, do que chegasse a esperança. Deixa-

ram os paes em testamento as esperanças aos filhos, os filhos aos netos, e nem estes, sendo então as vidas mais compridas, chegavam a vêr o cumprimento do que tão longamente tinham esperado: as esperanças da terra de promissão deixou-as Abrahão a Isaac, Isaac a Jacob, e Jacob aos doze patriarchas; mas todos elles morreram e foram sepultados no Egypto: a quem ha de cobrir a terra do Egypto, que lhe importam as esperanças da terra de promissão? No captiveiro de Babylonia prégavam e promettiam os prophetas que Deus havia de levantar mão do castigo, e restituir o povo á sua antiga liberdade: e se lhe perguntavam quando, respondiam e affirmavam constantemente, que d'alli a setenta annos. (Hier. XXIII — 10) Boa esperança para um captivo, ainda que não fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiro se ha de acabar a vida? O mesmo podem arguir os que hoje vivem com estas esperanças, que eu lh'as prometto: grandes são essas esperanças de Portugal; mas quando ha de vêr Portugal essas esperanças?

Ponto é este que depois se ha de tractar muito de proposito, e em que a nossa historia ha de empregar todo o quinto livro: por agora só digo que me não atrevêra eu a prometter esperanças, se não foram esperanças breves. Deus na lei escripta, como notaram graves auctores, (Com. Padres e Doctores) nunca prometteu o céu expressamente, porque o que se não póde dar logo não se ha de prometter: prometter o céu para ir esperar por elle ao limbo, são promessas em que por então se dá o contrario do que se promette: taes são as esperanças dilatadas: se nellas se promette a vida, são morte; se nellas se promette o gosto, são tormento; se nellas se promette o paraizo, são inferno.

O limbo chamava-se inferno; e porque? Porque era um lugar onde se esperava tantos annos pelo paraizo: não me tenha a minha patria por tão cruel, que lhe houvesse de prometter martyrios com nome de esperanças. Para se avaliar a esperança, ha se de medir o futuro, e não é este o futuro da minha Historia.

São Paulo, aquelle philosopho do terceiro céu, desafiando todas as creaturas, e entre ellas os tempos, dividiu os futuros em dois futuros: *Neque instantia, neque futura.* (Rom. VIII — 38)

Um futuro que está longe, e outro futuro que está perto : um futuro que ha de vir, e outro futuro que já vem ; um futuro que muito tempo ha de ser futuro : *Neque futura* ; e outro futuro, que brevemente ha de ser presente : *Neque instantia*. Este segundo futuro é o da minha Historia, e estas as breves e deleitosas esperanças que a Portugal offereço. Esperanças que hão de vêr os que vivem, ainda que não vivam muitos annos, mas vivirão muitos annos os que as virem. *Lignum vitæ, desiderium veniens*, disse no mesmo logar allegado a mesma Verdade divina : (Prov. XIII — 12) assim como ha esperanças que tardam, ha esperanças que vem : as esperanças que vem, são o pomo da arvore da vida : *Lignum vitæ, desiderium veniens*. A virtude maravilhosa daquelle pomo, era reparar e accrescentar a vida, e remoçar aos que o comiam. As esperanças que tardam, tiram a vida, as esperanças que vem, não só não tiram a vida, mas accrescentam os dias e os alentos della : *Spes, quæ differtur, affligit animam. Lignum vitæ, desiderium veniens*. (Ibid. — 12) Que vida haverá em Portugal tão cançada, que idade tão decrepita, que á vista do cumprimento destas esperanças não torne atraz os annos para lograr tanto bem ? Vivei, vivei, portuguezes, vós os que mereceis viver neste venturoso seculo, esperae no auctor de tão estranhas promessas, que quem vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento dellas.

Não é privilegio este de qualquer prophecia ; mas daquellas prophecias de que se compõe esta Historia, sim, porque são mais que prophecias. Um propheta houve no mundo mais que propheta, que foi o grande precursor de Christo ; (Mat. XI — 9) e porque razão mereceu a singularidade deste nome S. João entre todos os prophetas deste mundo ? Porque os outros prophetas prometteram a Christo futuro, mas não o viram, nem o mostraram presente : o Baptista prometteu o futuro com a voz, e mostrou o presente com o dedo ; *Cecinit ad futurum, et adesse monstravit*. Se houve um propheta que foi mais que propheta, porque não haverá tambem algumas prophecias, que sejam mais que prophecias ? Assim espero eu que o sejam aquellas em que se fundam as minhas esperanças ; e que se nos promettem as felicidades futuras, tambem

as hão de mostrar presentes : agora as promettem com a voz, depois as mostrarão com o dedo. Mas este grande assumpto fique para seu lugar. Só digo que quando assim succeder, perderá esta nossa Historia gloriosamente o nome, e que deixará de ser historia do futuro, porque o será do presente.

Mas perguntar-me-ha por ventura alguma emulação estrangeira (que ás naturaes não respondo), se o imperio esperado, como se diz no mesmo titulo, é do mundo, as esperanças porque não serão tambem do mundo, senão só de Portugal? A razão (perdoe o mesmo mundo) é esta. Porque a melhor parte dos venturosos futuros que se esperam, e a mais gloriosa delles será não só propria de nação portugueza, senão unica e singularmente sua. Portugal será o assumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio e fim destas maravilhas; e os instrumentos prodigiosos dellas os portuguezes.

Vê agora, ó patria minha, quão agradavel te deve ser, e com quanto gosto debes aceitar a offerta que te faço desta nova Historia, e com que alvoroço e alegria pede a razão e amor natural que lêas e consideres nella os seus e os teus futuros. O grego lê com maior gosto as historias de Grecia, o romano as de Roma, e o barbaro as da sua nação; porque leem feitos seus, e de seus antepassados. E Portugal que com novidade inaudita lerá nesta Historia os seus, e os dos seus vindoiros, com quanto maior gosto e contentamento, com quanto maior applauso e alvoroço, será razão que o faça? Portentosas foram antigamente aquellas façanhas, ó portuguezes, com que descobristes novos mares, e novas terras, e déstes a conhecer o mundo ao mesmo mundo: assim como lieis então aquellas vossas historias, lêde agora esta minha que tambem é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que elle era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior cabo, maior esperanza, maior imperio. Naquelles ditosos tempos (mas menos ditosos que os futuros) nenhuma coisa se lia no mundo senão as navegações e conquistas de portuguezes: esta historia era o silencio de todas as historias. Os inimigos liam nella suas ruinas, os emulos suas invejas, e só Portugal suas glo-

rias. Tal é a Historia, portuguezes, que vos presento, e por isso na lingua vossa : se se ha de restituir o mundo á sua primitiva inteireza, e natural formosura, não se poderá concertar um corpo tão grande, sem dor, nem sentimento dos membros, que estão fóra de seu lugar : alguns gemidos se hão de ouvir entre vossos applausos, mas tambem estes fazem harmonia. Se são dos inimigos, para os inimigos será a dor, para os emulos a inveja, para os amigos e companheiros o gosto, e para vós então a gloria, e entretanto as esperanças.

---

### CAPITULO III.

#### **Terceira parte do titulo, e divisão de toda a Historia.**

O que encerra a terceira parte do titulo desta Historia, só se pôde declarar inteiramente com o discurso de toda ella, porque toda se emprega em provar a esperança de um novo imperio, ao qual, pelas razões que se verão a seu tempo, chamamos quinto. Entretanto, para que a materia de uma vez se comprehenda, e saiba o leitor em summa o que lhe promettemos, porei brevemente aqui sua divisão. Divide-se a Historia do Futuro em sete partes ou livros. No primeiro se mostra que ha de haver no mundo um novo imperio : no segundo, que imperio ha de ser : no terceiro, suas grandezas e felicidades : no quarto, os meios porque se ha de introduzir : no quinto, em que terra : no sexto, em que tempo : no setimo, em que pessoa. Estas sete coisas são as que ha de examinar, resolver, e provar a nova Historia que escrevemos, do quinto imperio do mundo.

Mas porque esta palavra mundo, nos ambiciosos titulos dos imperios e imperadores, costuma ter maior estrondo na voz, que verdade na significação, será bem que digamos neste lugar, o que o titulo da nossa Historia intende por mundo. Os Pharaós do Egypto, e tambem os Ptolemeus, que lhe succederam, de tal ma-

neira mediam a estreiteza de suas terras, pela arrogancia, e inchação de seus vastos pensamentos, que dominando somente aquella parte não grande de extrema Africa, que jaz entre os desertos de Numidia, e os do mar Vermelho, não duvidavam intitular-se Izés do mundo. Essa foi a desigualdade do nome que puzeram os egypcios ao seu restaurador José: *Vocaverunt eum lingua ægyptiaca Salvatorem mundi.* (Genes. XLI — 45) Não lhe chamaram Salvador do Egypto, senão do mundo, como se não houvera mais mundo que o Egypto. Imitavam a soberba de seu soberbo Nilo, que quando sae ao mar, se espraia em sete bocas, como se foram sete rios, sendo um só rio; assim era aquelle imperio, e os demais chamados do mundo, maiores sempre nas vozes, que no corpo e grandeza.

Do imperio dos assyrios temos nas divinas letras uma provisão lançada aos tres capitulos do propheta Daniel, e mandada expedir pelo grande Nabucodonosor, cujo exordio é este: *Nabuchodonosor rex omnibus populis, gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra:* (Daniel III — 98) Nabucodonosor, rei, a todos os povos, gentes, e linguas, que habitam em todo o mundo. E o mesmo Daniel (que é mais) fallando a este rei, e accommodando-se aos estylos da sua côrte, e aos titulos magnificos de sua grandeza, lhe diz assim no mesmo capitulo: *Tu rex magnificatus es, et invaluisti, et magnitudo tua pervenit usque ad cælum, et potestas tua usque ad terminos universæ terræ.* Comtudo, se lançarmos os compassos ás terras que obedeciam a Nabucodonosor, acharemos que da Asia então conhecida, tinha uma boa parte, da Africa pouco, da Europa menos, e do resto do mundo nada: mas bastavam estes tres retalhos da terra para a soberba de Nabucodonosor revestir os titulos de seu imperio com o nome estrotondoso de todo o mundo: tão grande era a significação dos nomes, e tanto menos o que significavam!

Do imperio de Assuero (que era o dos persas) diz o texto sagrado no primeiro capitulo da historia de Esther, que se estendia da India até á Ethiopia, obedecendo áquella corôa 127 provincias: esta era a demarcação das terras, e estes os limites do imperio, mas os titulos não tinham limite: assim nos consta por

um decreto de Dario, que se refere no sexto capitulo de Daniel, por estas pomposas palavras semelhantes em tudo ás de Nabuco: *Darius rex omnibus populis, et gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra, vobis multiplicetur.* (Daniel VI — 25) E o mesmo Assuero por outro decreto no cap. 13.º de Esther, não duvidou firmar por sua propria mão, que tinha sujeito ao seu dominio o orbe universo: *Cum universum orbem meæ ditioni subjugassem.* (Esth. XIII—2) De maneira que os reis persas por serem senhores de 127 provincias, passaram provisões e decretos a todo o mundo: mas quem desenrolasse o mappa do mundo, e puzesse sobre elle os pergaminhos destas provisões, veria facilmente que o mundo sem demasiado encarecimento, é cento e vinte e sete vezes maior que o imperio persiano: tão pouco se proporcionava a geographia dos títulos com a medida dos imperios!

Que direi do imperio dos romanos? Os termos que lhe signalam seus escriptores, são as raias do mundo:

*Orbem jam totum Victor romanus habebat.  
Qua mare, qua terra, qua sias currit utrumque*

disse Petronio: e Cicero que professava mais verdade que os poetas: *Nulla gens est, quæ non aut ita subacta sit ut vi extet, aut ita domata ut quiescat, aut ita pacata ut victoria nostra, imperioque latetur.* Tal era a opinião que Roma tinha de sua grandeza, e tal o estylo que guardava em seus edictos: *Exiit edictum à Cesare Augusto* (diz S. Lucas) (Luc. II — 1) *ut describeretur universus orbis.* Mandou Augusto Cesar matricular e alistar seu imperio, e dizia o edicto: Aliste-se o mundo: mas se examinarmos este mundo romano até onde se estendia, acharemos que pelo oriente se fechava com o rio Tigres, pelo occidente com o mar de Cadiz, pelo meio-dia com o Nilo, e pelo septentrião com o Danubio e Rheno. Estes limites lhe prescreveu Claudiano, ainda que lhe deu por margens os orientes:

*Subdidet oceanum superis, et margine celi  
Claudit opes, quantum distant a Tigride Gades,  
Inter se Tanais quantum Nilusque relinquunt.*

Deixo o Mogor, o China, o Tartaro, e outros dominios barbaros do nosso tempo, que com a mesma magestade de titulos se chamam imperadores do mundo, seguindo a antiquissima arrogancia da Asia, em que o mundo andou sempre atado aos titulos da monarchia.

O mundo do nosso promettido imperio não é mundo neste sentido : não prometto mundos, nem imperios titulares, nomes tão alhêos da modestia, como da verdade. Bem sei que o imperio de Allemanha (envelhecidas reliquias, e quasi acabadas do romano) em muitos textos de um e outro direito, se chama imperio do mundo; mas tambem se sabe que os textos podem dar titulos, mas não imperios. No livro setimo examinaremos os fundamentos deste direito; entretanto ainda que liberalmente lh'o concedamos, é certo que os imperios e os reinos não os dá, nem os defende a espada da justiça, senão a justiça da espada. A Abrahão prometteu Deus as terras da Palestina, mas conquistou-as a espada de Josué, e defendeu-as a de seus successores. Estes são os instrumentos humanos de que se serve (ainda quando obra divinamente) a providencia daquelle supremo Senhor, que o é do mundo e dos exercitos. Os que querem o ruido, e encher de algum modo o vasio destes grandes titulos, dizem que se intende por hyperbole ou exaggeração, e por aquella figura que os rhetoricos chamam synedoché, em que se toma a parte pelo todo. O titulo desta Historia não falla por hyperboles nem synedoches, não chama a um pygmeu gigante, nem a um braço homem. O mundo de que fallo, é o mundo, aquelle mundo, e naquelle sentido em que disse S. João : *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* (Joan. I — 10) O mundo que Deus creou, o mundo que o não conheceu, e o mundo que o ha de conhecer : quando o não conheceu, negou-lhe o dominio; quando o conhecer, dar-lhe-ha a posse : *Universum terrarum orbem* (diz Ortelio) *veteres in tres partes divisere, Africam, Europam, et Asiam, sed in inventa America, eam pro quarta parte nostra aetatis adjecit quintam, quæ expectat sub meridionali cardine jacentem.* O mundo que conheceram os antigos se dividiu em tres partes : Africa, Europa, Asia : depois que se descobriu a America,

acrescentou-lhe a nossa idade esta quarta parte, espera-se agora a quinta, que é aquella terra incognita, mas já reconhecida, que chamamos Austral. Este foi o mundo passado, e este é o mundo presente, e este será o mundo futuro: e destes tres mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um mundo inteiro. Este é o sujeito da nossa Historia, e este o imperio que prometemos do mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que allumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o sol, será sujeito a este quinto imperio; não por nome ou titulo phantastico, como todos os que atégora se chamaram imperios do mundo, senão por dominio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um sceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as corôas se rematarão em uma só diadema, e esta será a peanha da cruz de Christo.

Resolveu Augusto com o senado pôr limites á grandeza do imperio romano: duvida Tacito, se foi filha esta resolução do receio, ou da inveja: *Incertum metu, an per invidiam*. Temeu Cesar (se foi receio) que um corpo tão enormemente grande, se pudesse animar com um só espirito, não se pudesse governar com uma só cabeça, não se pudesse defender com um só braço; ou não quiz (se foi inveja) que viesse depois outro imperador mais venturoso, que trespassasse as balizas do que elle até então conquistára, e fosse ou se chamasse maior que Augusto. Tal foi, dizem, o pensamento de Alexandre, o qual visinho á morte repetiu em diferentes successores o seu imperio, para que nenhum lhe pudesse herdar o nome de Magno. Não é, nem poderá ser assim no imperio do mundo, que promettemos; a paz lhe tirará o receio, a união lhe desfará a inveja, e Deus (que é fortuna sem inconstancia) lhe conservará a grandeza.

Aqui acaba o titulo desta Historia, e mais claramente do que o dissemos agora, o provaremos depois: entretanto, se aos doutos occorrem instancias, e aos escrupulosos duvidas, damos por solução de todas a mão omnipotente: *Sciant, et recogitent, et intelligant, quia manus Domini fecit hoc*. (Isai. XLI — 20)

## CAPITULO IV.

## Utilidade da Historia do Futuro.

## § I.

Se o fim desta escriptura fôra só a satisfação da curiosidade humana, e o gosto ou lisonja daquelle appetite, com que a impaciencia do nosso desejo se adianta em querer saber as coisas futuras: e se as esperanças que temos promettido, foram só flores sem outro fructo mais que o alvoroço e alegria com que as felicidades grandes e proprias se costumam esperar, certamente eu suspendêra logo a penna e a lançára da mão, tendo este meu trabalho por inutil, impertinente e ocioso, e por indigno, não só de o communicar ao mundo, mas de gastar nelle o tempo e o cuidado.

Mas se a historia das coisas passadas (a que os sabios chamaram mestra da vida) tem esta e tantas outras utilidades necessarias ao governo e bem commum do genero humano, e ao particular de todos os homens; e se como tal empregaram nella sua industria tantos sujeitos em sciencia, engenho e juiso eminentes, como foram os que em todos os tempos immortalizaram a memoria delles com seus escriptos; porque não será igualmente util e proveitosa, e ainda com vantagem, esta nossa Historia do Futuro, quanto é mais poderosa e efficaz para mover os animos dos homens a esperança das coisas proprias, que a memoria das alheias?

Se em todos os livros sagrados contarmos os escriptores de coisas passadas (como foram na lei da graça os quatro evangelistas, e na escripta Moysés, Josué, Samuel, Esdras e alguns outros cujos nomes se não sabem com tão averiguada certeza) acharemos que são em muito maior numero os que escreveram das futuras: differença que de nenhum modo fizera Deus, que é o verdadeiro Auctor de todas as escripturas (sendo todas ellas, como diz S. Paulo, escriptas para nossa doutrina) se não fôra igual, e ainda maior, a utilidade que podemos e devemos tirar do conhecimento das

coisas futuras, que da noticia das passadas. E verdadeiramente que se os bens da sciencia se colhem, e conhecem melhor pelos males da ignorancia, achará facilmente quem discorrer pelos successos do mundo, desde seu principio até hoje, que foram muito menos os damnos em que caíram os homens por lhes faltar a noticia do passado, que aquelles que cegamente se precipitaram pela ignorancia do futuro.

Em consequencia desta verdade, e em consideração das coisas que tenho disposto escrever, digo (leitor christão) que todos aquelles fins que sabemos teve a providencia divina em diversos tempos, logares e nações para lhes revelar antecedentemente o successo das coisas que estavam por vir, concorre com particular influxo nesta nossa Historia, e se acham juntos nella. Esta é, não só a principal razão, mas a unica e total, porque nos sujeitamos ao trabalho de tão molesto genero de escriptura, esperando que será grato e aceito a Deus, a quem só pretendemos servir; e intendendo que foram vontade, inspiração, e ainda força suave da mesma providencia, os impulsos, que a isto (não sem alguma violencia) nos levaram, para que estes secretos de seu occulto juizo e conselho se descobrissem e publicassem ao mundo, e em todo elle produzissem proporcionadamente os effeitos de mudança, melhoria e reformation, a que são encaminhados e dirigidos. Á mesma Magestade divina, humildemente prostrados diante de seu infinito acatamento, pedimos com todo o affecto de coração, agora que entramos na maior importancia desta materia, se sirva de nos communicar aquella luz, graça e espirito, que para negocio tão arduo nos é necessario, conhecendo e confessando que sem assistencia deste soberano auxilio, nem nós saberemos explicar a outros o pouco que por mercê do céu temos alcançado e conhecido, nem menos poderemos descobrir e alcançar ao diante, o muito que nos resta por conhecer.

## § II.

### PRIMEIRA UTILIDADE.

O primeiro motivo e mui principal, porque Deus costuma re-

velar as coisas futuras (ou sejam beneficios ou castigos) muito tempo antes de succederem, é para que conheçam clara e firmemente os homens, que todas veem dispensadas por sua mão. Arma-se assim a sabedoria eterna contra a natureza humana, sempre soberba, rebelde e ingrata, ou porque se não levante a maiores com os beneficios divinos, e se beije as mãos a si mesma, como dizia Job, ou porque não attribua a coisas naturaes (e muito menos ao caso) os effeitos que veem sentenciados como castigo por sua justiça, ou ordenados para mais altos e occultos fins por sua providencia. Foram mostradas a Pharaó em sonhos as sete espigas gradas, e as sete fallidas: as sete vaccas fracas, e as sete robustas (Gen. XLI — 1, 2, 3 e 4): e logo ordenou a providencia divina que estivesse em Egypto um José (posto que vendido e desterrado), que lhe declarasse o mysterio dos sete annos da fartura, e sete de fome; (Ibid. — 12) para que conhecesse o barbaro, que Deus e não o seu adorado Nylo, era o auctor da abundancia e da esterilidade, e que a elle havia de agradecer no beneficio dos sete annos o remedio dos quatorze: como na terra do Egypto não chove jámais, e se regam e fertilizam os campos com as inundações do rio Nylo, disse discretamente Plinio, que só os egypcios não olhavam para o céu, porque não esperavam de lá o sustento, como as outras nações.

Oh quantos christãos ha egypcios, que nem esperando, nem temendo, levantam os olhos ao céu, e em logar de reverenciarem em todos os successos a primeira causa, só adoram as segundas! Por isso mostra Deus a Pharaó tantos annos antes, quaes hão de ser os da fome e quaes os da fartura; para que conheça a ignorante sabedoria do Egypto, que os meios da conservação ou ruina dos reinos a mão omnipotente de Deus é a que os distribue quando são, pois só elle os póde determinar antes que sejam.

Quiz a mesma providencia, como assim diziamos, tirar o imperio a Balthazar, e dal-o a Dario; mas appareceu primeiro a sentença escripta no paço de Babylonia, e houve logo um Daniel (tambem captivo e desterrado), que interpretasse ao rei os mysterios della, (Dan. V — 5 e 55) para que Balthazar, que perdia o reino, conhecesse que o perdia, porque Deus lh'o tirava; e para que

Dario, que o havia de receber, intendesse que o recebia porque Deus lh'o dava. Deus é o que dá e tira os reinos e os imperios, quando e a quem é servido. E não bastam, se Deus dispõe outra coisa, nem as armas de Dario para os adquirir, nem o direito e herança de Balthazar para os conservar; por isso quer a mesma providencia divina, que as sentenças estejam escriptas antes da execução, e que haja quem as interprete antes do successo.

Os futuros portentosos do mundo, e Portugal, de que ha de tractar a nossa Historia, muitos annos ha que estão sonhados como os de Pharaó, e escriptos como os de Balthazar; mas não houve atégora nem José que interpretasse os sonhos, nem Daniel, que construísse as escripturas; e isto é o que eu começo a fazer (com a graça daquelle Senhor, que sempre se serve de instrumentos pequenos em coisas grandes), para que conheça o mundo e Portugal, com os olhos sempre no céu e em Deus, que tudo são effeitos de seu poder, e conselhos da sua providencia; e para que não haja ignorancia tão cega, nem ambição tão presumida, que tire a Deus o que é de Deus, por dar a Cezar o que não é de Cezar, attribuindo á fortuna, ou industria humana, o que se deve só á disposição divina.

Estylo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receioso porventura de que uma nação tão amiga da honra e da gloria lhe quizesse roubar a sua. Quem considerar o reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro; no passado o verá vencido, no presente resuscitado, e no futuro glorioso: e em todas estas tres differenças de tempos e estylos lhe revelou e mandou primeiro interpretar os favores e as mercês tão notaveis, com que o determinava ennobrecer: na primeira fazendo-o, na segunda restituindo-o, na terceira sublimando-o. Antes do nascimento de Portugal appareceu o mesmo Christo a el-rei (que ainda o não era) D. Affonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei, e a Portugal reino; a victoria que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa, e as armas de tanta gloria com que o queria singularisar entre todos os reinos do mundo. E o embaixador e interprete deste e de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquelle velho, desconhecido e reti-

rado do mundo, o ermitão do campo de Ourique; para que conhecesse e não pudesse negar Portugal, que devia a Deus a victoria e a coroa, e que era todo seu desde seu nascimento. Antes da sua resurreição, que todos vimos tambem, foi revelado o successo della com todas suas circumstancias, não havendo quem ignorasse, ou quem não tivesse lido, que no anno de quarenta se havia de levantar em Portugal um rei novo, e que se havia de de chamar João. E o interprete deste futuro, que parecia tão impossivel, e de tantos outros que logo se cumpriram e vão cumprindo, foi a nossa experiencia; para que conhecesse outra vez Portugal, que a Deus e não a outrem devia a restitução da coroa, que havia sessenta annos lhe caíra da cabeça, ou lhe fôra arrancada della. Antes das glorias de Portugal, que é o tempo futuro, e muitos centos e ainda milhares de annos antes (como depois mostraremos), tambem está promettido este terceiro e mais feliz estado do nosso reino, e promettidos juntamente os meios e instrumentos prodigiosos por onde ha de subir e ser levantado ao cume mais alto e sublime de toda a felicidade humana: e o interprete deste ultimo e glorioso estado de Portugal já tenho dito quem é, e quão indigno de o ser, e por isso mui proporcionado (segundo o estylo de Deus) para tão grande e difficullosa empreza; para que até por esta circumstancia conheçam os portuguezes, que a mesma mão omnipotente que ha vinte e quatro annos conserva e defende tão constante e victoriosamente o reino de Portugal, é a que ha de levantar e sublimar ao estado felicissimo e glorioso, que lhe está promettido.

Considerem agora os portuguezes, e leam tudo o que d'aqui por diante formos escrevendo, com este presupposto e importantissima advertencia, que, se alguma coisa lhe poderia retardar o cumprimento destas promessas, seria só o esquecimento ou desconhecimento do soberano Auctor dellas, quando por nossa desgraça fossemos tão injuriosamente ingratos a Deus, que, ou referissemos os beneficios passados, ou esperassemos os futuros de outra mão, que a sua.

Prometteu Deus de livrar os filhos de Israel do captiveiro do Egypto, como tinha jurado aos seus maiores, e de os levar e met-

ter de posse da terra de promessa : e posto que todos viram o cumprimento da primeira promessa, conseguindo milagrosamente a liberdade, e sacudiram sem sangue, nem golpe de espada a sujeição de tão poderoso dominio, sendo comtudo mais de seiscentos mil homens os que triumpharam de Pharaó, e passaram da outra parte do mar Vermelho ; de todos elles não entraram na terra de promessa, nem chegaram a lograr a felicidade e descanso da segunda promessa, mais que Josué e Calef, dois daquelles aventureiros, que, escolhidos pelos doze tribus foram, diante a explorar a terra. Raro exemplo de severidade na misericordia de Deus, mas bem merecido castigo ; porque se buscarmos no texto sagrado as causas deste desvio e dilação (a qual durou quarenta annos inteiros, sendo a distancia do caminho breve, e que se podia vencer em poucos dias) acharemos que foram tres : agora nos servem as duas, depois diremos a terceira. A primeira causa foi attribuirem a liberdade do captiveiro a Moysés : assim o disseram no cap. 32.º do Exod. : *Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit.* (Exod. XXXII — 1) A segunda, e ainda mais ignorante (sobre impia e blasphema), foi attribuirem a mesma liberdade ao idolo que de seu oiro tinham fundido no deserto : assim o disseram tambem no mesmo capitulo, e o apregoaram impiamente a altas vozes : *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* (Ibid. — 4) Basta, povo descortez, ingrato e blasphemo, que Moysés e o vosso idolo foram os que vos livraram do captiveiro do Egypto ? Por certo que o não disse assim Deus ao mesmo Moysés, quando lhe deu o officio e a vara, e o fez com tanta repugnancia sua instrumento de seus poderes : *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et clamorem ejus audivi, et sciens dolorem ejus descendi ut liberem eum de manibus Ægyptiorum, et deducam de terra illa in terram bonam, et spatiosam, in terram, quæ fluit lacte, et melle :* (Ibid. III — 7 e 8) Vi, diz Deus, a afflicção do meu povo, e ouvi os seus clamores ; e porque sei com quão justa razão se queixam, desci em pessoa a livral-os das mãos dos egypcios, e tiral-os daquella terra para outra, que lhe hei de dar, boa, espaçosa, abundante, e cheia de todos os regalos e delicias. De maneira que quem tirou os fi-

lhós de Israel do Egypto, foi Deus, e quem fez os portentos e maravilhas foi Deus, e quem abriu o mar Vermelho e afogou nelle Pharaó e seus exercitos, foi Deus: e os que attribuem as obras de Deus e os beneficios (de que só a elle se devem as graças) a Moysés e ao idolo, não merecem ter vida, nem olhos para chegar a vêr a terra de promissão; sendo muito justo e muito justificado castigo, que morram e acabem todos antes de chegar o praso das felicidades, e que pois tão ingrata e impiamente interpretaram o beneficio da primeira promessa, sejam privados de gosar a segunda. Eu não nego que em bom sentido se podia chamar Moysés libertador do captiveiro, como tambem Deus pelo honrar lhe dava esse nome; mas nos homens que deviam dar a Deus toda a gloria (pois toda era sua) referirem-na a Moysés, era descortezia, attribuirem-na ao idolo, era blasphemia, e não a darem a Deus toda, era ingratidão summa.

Já Deus, portuguezes, nos livrou do captiveiro, já por mercê de Deus triumphámos de Pharaó e do poder de seus exercitos, já os vimos, não uma, mas muitas vezes afogados no mar vermelho de seu proprio sangue: imos caminhando pelo deserto para a terra de promissão, e póde ser que estejamos já muito perto della, e do ultimo cumprimento das promettidas felicidades. Se ha algum tão invejoso dos bens da patria, e tão inimigo de si mesmo, que queira retardar o curso de tão prospera e feliz jornada, e acabar infelizmente, ainda antes de vêr o fim desejado della, negue a Deus o que é de Deus, e attribua á liberdade as victorias e o cumprimento das primeiras promessas que temos visto, ou a Moysés, ou ao idolo: quem refere a gloria dos bons successos ao seu valor, á sua sciencia militar, ao seu braço; ao seu talento, dá a gloria de Deus ao idolo: por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas victorias, e esses mesmos successos, assim os que já se viram, como os que restam, para se vêr, tantos annos antes revelados por Deus: para que conheça por nossa confissão todo o mundo, que são misericordias suas, e não obras do nosso poder; e para que nós, como effeitos da providencia, da bondade e omnipotencia divina, a Deus só as referamos todas, e a Deus só louvemos e dêmos as graças. Os ini-

migos que mais temo a Portugal, são soberba e ingratição, vicios tão naturaes da prospera fortuna, que, como filhos da vibora, juntamente nascem della e a corrompem. A humildade e agradecimento, a desconfiança de nós, a confiança em Deus, e o zelo e desejo purissimo de sua gloria, dando-lh'a em tudo e por tudo, sempre são os meios seguros que nos hão de sustentar, levar e metter de posse daquellas segundas promessas. E este conhecimento tão grato a Deus, que aprendemos nas noticias de seus futuros, é o primeiro fructo e utilidade que da lição desta nossa Historia se pôde tirar, tão importantemente para a vida como para a vista.

#### BREVE ADVERTENCIA AOS INCREDULOS.

Mas antes que passemos ás outras utilidades, que ficarão para os capitulos seguintes, justo será que fechemos este com a terceira causa do castigo que ponderavamos, a qual refere o texto sagrado no cap. 14.<sup>o</sup> dos Numeros, e pôde ser de grande exemplo para outra casta de gente, que são os que a escriptura chama *filhos da desconfiança*. Chegados os doze exploradores da terra de promissão, concordaram todos na largueza, bondade, e fertilidade da terra, mas excepto Josué e Calef, que facilitaram a conquista, e animavam o povo a ella : os outros conformemente, instavam que era impossivel, assim pela fortaleza e sitio das cidades, como pela valentia, forças, e corpulencias dos homens, que, comparados com os hebreus (diziam elles) pareciam gigantes. Em fim, prevaleceu o numero contra a razão (como as mais vezes succede), deliberou o povo eleger capitão, e voltar-se com elle ao captiveiro do Egypto, não bastando a experiencia de tantas victorias passadas, e de tantos successos e prodigios inauditos, e sobretudo as promessas divinas tão repetidamente inculcadas, de que Deus os havia de metter de posse daquella terra, para crêrem e confiarem que assim havia de ser. Esta tão covarde incredulidade foi a ultima, ou a ultima da semrazão, com que acabou de se apurar a paciencia divina. E resolutio Deus a não soffrer mais tal gente, nem os perdoar, ou dissimular, como até alli tinha

feito, resolveu que fosse executada nelles a sentença de sua propria incredulidade; e pois criam que Deus os não havia de metter de posse da terra de promissão, que nenhum delles entrasse nella, nem a vissem, e que todos morressem primeiro, e fossem sepultados naquelle deserto: assim o disse, e assim se executou. As palavras da queixa de Deus, e da sentença, foram estas: *Usquequo detrahet mihi populus iste? Quousque non credent mihi in omnibus signis, quæ feci coram eis? Vivo ego, ait Dominus: sicut locuti estis audiente me, sic faciam vobis. In solitudine hæc jacebunt cadavera vestra: non intrabitis terram, super quam levavi manum meam, ut habitare vos facerem.*

Lêam e pezem bem estas palavras de Deus os incredulos e desanimados (vícios ambos, não sei se de pouco, se de má coracão) e vejam o perigo em que os pôde metter, ou tem mettido a sua incredulidade: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Os que pela experiencia do que teem visto crêem o que está promettido, vel-o-hão, porque são dignos de o verem: os que não crêem, ou não querem crêr, a sua mesma incredulidade será a sua sentença; já que o não crêram, não o verão, diz Santo Agostinho (cujas excellentes palavras adiante citaremos) que depois de cumprida uma parte das promessas, não crêr que se hão de cumprir as outras, é não só pertinacia de incredulidade racional, senão crime de ingratidão grande contra o divino Auctor dos mesmos beneficios: e a estes incredulos e ingratos castiga justissimamente sua providencia, com que não cheguem a vêr nem gosar o que não querem crêr de sua bondade: *Quousque non credent mihi in omnibus signis, quæ feci coram eis?*

Antes da experiencia das primeiras maravilhas, alguma desculpa parece que podia ter a incredulidade na fraqueza do receio e desconfiança humana: mas depois de cumpridas e vistas com os olhos tantas coisas, tão grandes, tão maravilhosas, e tão raras, não crêr ainda as que estão por vir, é rebeldia de ingratidão, e dureza da incredulidade, merecedoras ambas de que Deus as castigue com se conformar com ellas: *Sicut locuti estis,*

\* Num. XIV — 11, 28, 29 e 30.

*sic faciam vobis.* Quem quizer saber (segundo o estylo ordinario da justiça e providencia divina) se ha de chegar a vêr as felicidades que debaixo de sua palavra aqui lhe promettemos, examine o seu coração, e consulte a sua fé: do nosso proprio coração nos corta Deus a sentença, e de nossas proprias palavras a fórma: *Ex ore tuo te judico.* (Luc. XIX — 22) Aos que crêem, como ao Centurião, diz Christo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* (Matth. VIII — 18) E aos que não crêem como os israelitas do deserto, diz Deus: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Quem crê que se hão de cumprir aquellas tão felizes promessas, para elle será o vêl-as e gosal-as: *Sicut credidisti fiat tibi.* (Ibid.) E quem não crê que se hão de cumprir, será tambem para elle não gosal-as, nem vel-as. É lei da liberalidade de Deus pagar a fé com a vista, por isso havemos de vêr no céu os mysterios que vemos na terra. E este estylo que Deus custuma guardar na gloria da outra vida, guarda tambem ordinariamente nas felicidades desta, quando as tem promettido: os que as crêem, terão vida para as vêrem; os que as não crêem, morrerão para que as não vejam: assim o sentenciou o mesmo Deus outra vez em similhante caso por bocca do propheta Habacuc: *Ecce qui incredulus est, non erit recta anima ejus in semetipso, justus autem infide sua vivet.* (Hab. II — 4) O incredulo (diz Deus) nem terá a vida segura; e ao que crê, a sua mesma fé lhe conservará a vida. Assim succedeu, porque na guerra que Nabucodonosor fez a Jerusalem, os que creram aos prophetas com el-rei Iconias viveram; e os que não quizeram crêr, com el-rei Sedecias pereceram: quem não crê, desmerece a vista; e para que não chegue a vêr, tira-lhe Deus a vida. Olhem por si os incredulos, e se não crêem que havemos de vêr, crêam que não hão de viver: *Si non credideritis, non permanebitis,* diz o propheta Isaías.

## CAPITULO V.

## Segunda utilidade.

A segunda utilidade desta Historia, e mais necessaria aos tempos proximos, e presentes, é a paciencia, constancia e consolação nos trabalhos, perigos e calamidades com que ha de ser afflicto e purificado o mundo, antes que chegue a esperada felicidade. Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mette primeiro o machado, corta, derriba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semêa. Quando o architecto quer fabricar de novo sobre edificio velho e arruinado, tambem começa derribando, desfazendo, arrazando e arrancando até os fundamentos, e depois sobre o novo alicerce levanta nova traça e novo edificio: assim o faz e fez sempre o supremo Creator, e Artifice do mundo, quando quiz plantar e edificar de novo. Assim o disse e mandou notificar a todo o mundo pelo propheta Jeremias no cap. 10.<sup>o</sup> *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* (Jer. I — 10) Ó gentes, ó reis, ó reinos, quanto arrancar, quanto destruir, quanto perder, quanto dissipar se verá em vossas terras, campos e cidades, antes que Deus vos replante e reedifique, e se veja restaurado o universo? Maravilha é que ha muitos annos está promettida para esta ultima idade do mundo por aquelle supremo Monarcha, que tem por assento o throno de todo elle: *Et dixit, qui sedebat in throno, ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI — 5) E porque ninguem o duvidasse como coisa tão nova e desuzada, accrescenta logo o evangelista propheta: *Hæc verba fidelissima sunt, et vera.* Se deste trabalho e castigo póde tambem caber alguma parte a Portugal, e se é elle um dos reinos da christandade, que merece ser mui renovado e reformado, o mesmo Portugal o examine, e elle mesmo, se se conhece, o julgue, lembrando-lhe que está escripto que o juiso e exemplo de Deus ha de começar por sua casa: *Judicium incipiet à domo Dei.* Mas, ou sejam para Portugal, ou para o resto do mundo, ou para

todos, (como é mais certo) nenhuma coisa poderão ter os homens de maior consolação, allivio, nem remedio para o soffrimento e constante firmeza de tão fortes calamidades, do que a lição e condição desta Historia do Futuro, não pelo que ella tem de nossa, mas pelas escripturas originaes de que foi tirada. Este é o fim, diz S. Paulo, e o fructo muito principal para que ellas se escreveram: *Quæcumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt, ut per patientiam, et consolationem scripturarum spem habeamus.* (Rom. XV — 4) A lição das escripturas, do conhecimento e fé das coisas futuras, é a que mais que tudo nos póde consolar nos trabalhos, porque a paciencia tem a sua consolação na esperança, a esperança tem o seu fundamento na fé, e a fé nas escripturas.

Que maior trabalho, ou perigo, póde sobrevir a uma republica, que vêr-se cercada e combatida por todas as partes de poderosissimos inimigos, só, e desamparada, e sem amigo, nem alliado, que a soccorra? Neste estado se viram muitas vezes no tempo de seu governo os Machabeos, de que Deus sempre os livrou com maravilhosas victorias e assistencias do céu, pelas quaes lhes não foi necessario valerem-se da confederação que naquelle tempo tinham com os romanos e esparciatas: e dando conta disto aos mesmos esparciatas Jonathas, que então governava o povo, diz assim em uma epistola: *Nos cum nullo horum indigeremus, habentes solatio sanctos libros, qui sunt in manibus nostris, maluimus mittere ad vos renovare fraternitatem, et amicitiam:* (1. Mac. XII — 9 e 10) Mandamos renovar por este nosso embaixador (diz Jonathas) a antiga amisade e confederação, que comvosco fizeram nossos maiores, não porque tenhamos necessidade della, e dos vossos soccorros, posto que não nos faltam inimigos, guerras, oppressões e trabalhos; mas temos sempre em nossas mãos os livros santos, em que lemos as promessas divinas e com elles, e com ellas nos consolamos e animamos a resistir, pelejar e vencer, como temos vencido e vencemos a todos nossos inimigos. No cap. 8.º se verá que sem atrevimento ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa Historia do Futuro, livro santo, se houver (como ha de haver primeiro) trabalhos, perigos, oppressões,

tribulações, assolações, e todo o genero de calamidades, miserias e açoites, com que Deus costuma castigar, emendar e domar a rebeldia dos corações humanos.

Para esta occasião, e tão apertada, sáe a luz e se offerece ao mundo este livro santo, no qual acharão os afflictos allivio, os tristes consolação, os attribulados remedio, os combatidos soccorro, os desconfiados esperança, paciencia, constancia e fortaleza, tudo por meio da lição e fé das divinas promessas, e consolação dos felicissimos fins, a que todos estes trabalhos e tribulações pela providencia do altissimo são ordenadas.

É coisa muito digna de notar, que nunca no povo de Israel concorreram tantos prophetas juntos como antes do captiveiro de Babylonia, e no mesmo captiveiro. Antes do captiveiro prophetizaram por sua ordem Oseas, Isaias, Joel e Amos: no captiveiro prophetizou Micheas, Habacuc, Jeremias, Ezechiel, Daniel e Sophonias. De maneira que sendo só doze os prophetas canonicos, os dez delles tiveram por assumpto, e materia muito principal de todas suas prophcias, o captiveiro de Babylonia. Os quatro primeiros que escreveram mais de seis annos antes daquelle tempo, prophetisaram que o povo por seus peccados havia de ir captivo, mas que por misericordia de Deus seria depois restituído á sua patria. Os outros seis, que prophetisaram no tempo do captiveiro, insistiram constantemente em que elle havia de ter fim, determinando signaladamente o anno da liberdade. A razão deste concurso tão extraordinario de prophetas e prophcias (nunca antes, nem depois visto) foi, porque nunca o povo e reino de Judá padeceu tão grande trabalho e calamidade como o captiveiro, ou transmigração de Babylonia, sendo captivos, presos e despojados de seus bens, arrancados da patria, e levados a terras de barbaros, e lá opprimidos e tractados como escravos em durissima servidão. Ordenou pois a providencia e misericordia divina, que naquelle tempo e estado tão calamitoso, houvesse muitos prophetas e muitas prophcias, uns que as tivessem escripto no tempo passado, e outros que as prégassem no presente, para que o povo não desmaiasse com o peso da afflicção, e animado com a esperança da liberdade pudesse com o trabalho do captiveiro. O captiveiro e o tyranno os

\*

opprimia : os prophetas e as prophecias os alentavam. Cantavam-se as prophecias ao som das cadêas, e com a brandura deste som os ferros se tornavam menos duros, e os corações mais fortes.

Foi mui particular neste caso entre todos os outros prophetas o zelo e diligencia de Jeremias, porque tendo ficado em Jerusalem, onde padeceu grandes trabalhos, prisões e perigos da vida por prégar e prophetisar a verdade, (pela qual finalmente morreu apedrejado) no meio destas oppressões e perigos proprios, não esquecido dos alheios, antes mui lembrado do que padeciam os desterrados de Babylonia, escreveu um livro das suas prophecias, em que por termos muito claros e palavras de grande consolação, lhes annunciava a liberdade e o tempo della, como se póde vêr no cap. 29.<sup>o</sup> do mesmo pròpheta. Levou este livro a Babylonia o propheta Baruch, companheiro de Jeremias, leu-se em presença d'el-rei Iconias, e publicamente de todo o povo, que com elle vivia no captiveiro, e nota o mesmo Baruch, que todos com grande alvoroço corriam ao livro : assim o diz no primeiro capitulo da relação que fez desta jornada, e anda no texto sagrado junta com as obras de Jeremias : *Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniae filii Joachim regis Juda, et ad aures universi populi venientis ad librum.* (Bar. I — 3)

Não sei se terá a mesma fortuna, e se será recebido e lido com o mesmo animo e affecto este nosso livro da Historia do Futuro : mas sei que nos trabalhos, calamidades e afflicções que ha de padecer o mundo e póde ser cheguem tambem a Portugal, nem Portugal, nem o mundo poderá ter outro allivio, nem outra consolação maior, que a frequente lição e consideração deste livro, e das prophecias e promessas do futuro, que nelle se verão escriptas : ao menos não negará Portugal, que no tempo da sua Babylonia e do captiveiro e oppressões com que tantas vezes se viu tão maltratado e apertado, nenhuma outra appellação tinha a sua dor, nem outro allivio ou consolação a sua miseria, mais que a lição e interpretação das prophecias, e a esperanza da liberdade e do anno della, e do termo e fim do captiveiro que nellas se lia. Lia-se na carta e tradição de S. Bernardo, que quando Deus alguma hora permittisse que o reino viesse a mãos

e poder de rei estranho, não seria por espaço mais que de sessenta annos. Lia-se no juramento d'el-rei D. Affonso Henriques, e na promessa do santo ermitão, que na decima-sexta geração attenuada, poria Deus os olhos de sua misericordia no reino. Lia-se nas celebres tradições de Gregorio de Almeida no seu Portugal Restaurado, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças d'elle se haviam de cumprir no anno signalado de quarenta: e no concurso de todas estas prophecias, se consolava e animava Portugal, a ir vivendo ou durando até vêr o cumprimento dellas.

Fallando no mesmo captiveiro de Babylonia o mesmo propheta Isaías, e do allivio e consolação, que com suas prophecias haviam de ter em seus trabalhos aquelles captivos, diz com igual brandura e eloquencia, estas notaveis palavras: *Spiritus Domini super me, ut mederer contritis corde, et prædicarem captivis indulgentiam, et annum placabilem Domino, ut consolarem omnes lugentes, et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu*: (Isai. LXI — 1, 2 e 3) Desceu sobre mim o Senhor, e ungiu-me com seu espirito, diz Isaías, para que como medico dos afflictos captivos de Babylonia, curasse com o talento de minhas promessas e prophecias, a tristeza e desmaio de seus corações: e declarando mais em particular os remedios cordeaes que lhes applicava, aponta nomeadamente dois, que mais parecem receitados para o nosso captiveiro, que para o de Babylonia. O primeiro, era um anno de indulgencia e redempção, em que o captiveiro se havia de acabar: *Et prædicarem captivis indulgentiam, annum placabilem Domino*. O segundo, era uma corôa trocada pelas antigas cinzas, com que os luctos e tristezas passadas se convertessem em festas e alegrias: *Et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu*. Assim o liam os captivos de Babylonia nas suas prophecias, e assim o liamos nós tambem nas nossas; e assim como elles não tinham outro remedio na sua dor senão a esperança daquelle desejado anno, e a mudança daquella prometida corôa, assim nós com os olhos longos no suspirado anno de quarenta, e na esperada corôa do novo rei portuguez alliviavamos o pezo de nosso jugo, e consolavamos a pena do nosso captiveiro:

e pois este remedio das prophcias foi tão presente e efficaz para os trabalhos passados, razão tenho eu (e razão sobre a experiencia) para esperar e confirmar que o será tambem para os futuros. Eu não prometto nem espero infortunios a Portugal; mas ou sejam de Portugal, ou da christandade, ou do mundo, os que póde causar nelle a necessidade, ou a adversidade dos tempos, para todos lhes prometto este remedio: melhor é que sobejem os remedios á cautéla, do que faltem á providencia.

E porque não pareça que argumento só de casos e prophcias de tempos antigos, sejam os casos e prophcias proprias dos nossos tempos, e escriptas só para elles.

Ninguem ignora que as prophcias do Apocalypse, (e mais ainda as que estão por cumprir) são proprias dos tempos que hoje correm, e hão de parar no fim do mundo: assim o dizem padres e expositores, e nós o mostraremos em seu proprio lugar. Mas a que fim, pergunto, ordenou a providencia divina que S. João tivesse aquellas revelações, e escrevesse aquellas prophcias? É pergunta esta de que foi respondida Santa Brizida, como se lê no livro sexto de suas revelações. Querendo Christo, por particular favor, que a santa ouvisse a resposta da boca do mesmo propheta, appareceu alli S. João, e disse desta maneira: *Tu Domine inspirasti mihi mysteria ejus, et ego scripsi ad consolationem futurorum, ne fideles tui propter futuros casus everterentur*\*. Vós, Senhor, me revelastes aquelles mysterios, e eu escrevi as prophcias delles para consolação dos vindouros, e para que os vossos fieis com os casos futuros se não perturbem, antes confirmados com as mesmas prophcias, estejam nelles constantes.

Este é o fim (posto que não só este) porque Deus revela as coisas futuras, e porque os prophetas antigos, e o ultimo de todos, que foi S. João, as escreveram; para que se veja quão justa e quão util é, e quão conforme com a vontade e intento de Deus, a diligencia com que eu me disponho, e o trabalho de escolher entre todas as prophcias que pertencem a nossos tempos, e de as ajuntar, ordenar, e tirar á luz para o beneficio publico;

\* Revelatio S. Birg. lib. 6.

e porque o fructo deste beneficio se póde colher nas novidades, que promete este mesmo anno em que somos entrados, applicando o remedio á ferida, ou aos ameaços della, digo assim com o propheta Amos: *Leo rugiet, quis non timebit? Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* (Amos III — 8) Está o leão bramindo? Sim, está; pois agora é o tempo de se ouvirem as prophecias, e de se saber e publicar o que Deus tem dito: *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Fallem todos nas prophecias, e intendam-nas todos, pratiquem-nas todos, que agora é o tempo. Quando os bramidos do leão se ouvirem em suas caixas e trombetas, sõe tambem em nossos ouvidos por cima de todas ellas, o trovão de nossas prophecias: assim lhe chamei, porque são voz do céu: *Leo rugiet, quis non timebit?* Quando bramir o leão, quem não tremerá? Responderão com razão os nossos soldados, que não temerão aquelles que tantas vezes o tem vencido: que não temerá Portugal, que é o Samsão, que tantas vezes o tem desqueixado: que não temerá Portugal, que é o Hercules, que tantas vezes se tem vestido de seus despojos: que não temerá Portugal, que é o David, que tantas vezes lhe tem tirado das garras os seus cordeiros: esta é a resposta do valor, e esta póde ser tambem a da arrogancia, de que Deus se não agrada. Não confie Portugal em si, porque se não offenda Deus; confie só no mesmo Deus, e em suas promessas, e pelejará seguro. Oh! que bem armados esperarão o leão na campanha os nossos soldados, se tiverem nas mãos as armas, e no coração as prophecias! *Leo rugiet, quis non prophetabit?* Estas são as trombetas do céu, de cujo som tremem os muros de Jericó, e a cuja bateria nenhuma fortaleza resiste.

Mas se acaso (que póde ser) houver algum successo adverso (que tambem depois do milagre de Jericó houve nos campos de Hay), não perca Josué, nem seus soldados o animo; recorram a Deus, e a suas promessas, que por isso nos tem prevenido com ellas. Costuma a providencia divina começar suas maravilhas por effeitos contrarios, ou para provar nossa fé, ou para mais exaltar sua omnipotencia: elle póde mais que todos os poderes humanos, e só uma coisa não póde, que é faltar ao que tem promettido.

Deixou Christo aos discipulos lutar com a tempestade na primeira vigia, na segunda não lhes acudiu, nem na terceira, e quando na quarta depois de os atemorisar com phantasmas, os soccorreu com sua presença, ainda então os reprehendeu de pouca confiança. (Matth. XIV — 25) Escureça-se a noite, brame o mar, rompã-se o céu, enfureçam-se os ventos, que Deus ha de acudir por sua palavra; seguro está o reino em que elle e a palavra de Deus correm o mesmo perigo.

---

## CAPITULO VI.

### Terceira utilidade.

Finalmente (e é a terceira e não menor utilidade desta Historia), lendo os principes da christandade, e mais particularmente aquelles que forem ou estão já escolhidos por Deus para instrumentos gloriosos de tão singulares maravilhas, e maravilhosas felicidades: lendo, digo, no discurso da Historia do Futuro, as victorias, os triumphos, as conquistas, os reinos, as corôas, e o dominio e sujeição de nações, tantas e tão dilatadas, que lhe estão promettidas, na fé e confiança das mesmas promessas se atreverão animosamente a emprehender-as, sendo certo, que, medidas só as forças da potencia humana, sem ter por fiador a palavra divina, nenhuma razão haveria no mundo, que se atrevesse a aconselhar, nem ainda temeridade que se arrojasse a emprehender a desigualdade de tamanhas guerras, e a desproporção de tão immensas conquistas. Mas as promessas, e as disposições divinas, antecedentemente conhecidas na previsão do futuro, tudo facilitam, e a tudo animam.

Para testemunho desta tão importante verdade, e alento dos que a lerem, porei aqui um só exemplo de guerras, outro de conquistas, mas um e outro os maiores que até hoje se yiram no mundo.

Tinham vindo sobre o povo de Israel os exercitos dos philisteus com trinta mil carros de guerra, e tanta multidão de soldados, que não só compára a escriptura sagrada o numero delles com o da arêa do mar, senão com a arêa muita: *Sicut arena, quæ est in littore maris, plurima.* (1 Reg. XIII -- 5) Os israelitas reconhecendo sua desigualdade para resistir a tão superior e excessivo poder, diz o mesmo texto, que se tinham escondido pelas brenhas, pelas montanhas, pelas covas, pelas grutas, pelas cisternas, e por todos os outros logares mais occultos e secretos, que sabe inventar o medo e a necessidade.

Neste estado de horror e miseria sãe de noite o príncipe Jonathas, filhos d'el-rei Saul, tracta de consultar a Deus por um modo de oraculo, ou sorte, a que os hebreus chamavam *Phurim*; pela qual a providencia divina naquelle tempo costumava responder e significar os successos futuros; e encaminhando para os alojamentos do inimigo disse assim ao seu pagem da lança, que só o acompanhava: Se quando formos sentidos do exercito dos philisteus disserem as sentinellas: — esperae por nós — é signal que responde Deus, que paremos, e que não convem acontecer; mas se as sentinellas disserem: — vinde para cá — é signal que responde Deus que acommetamos, porque os tem entregues em nossas mãos, e que havemos de prevalescer contra elles: ajustados os signaes nesta fórma, proseguiram seu caminho, chegaram perto, e foram sentidos: as sentinellas que deram fé dos dois vultos, fallaram entre si, concordando em que eram hebreus dos que estavam mettidos pelas covas; levantaram a voz, e disseram para elles: Vinde cá, que temos certa coisa que vos dizer. Não foi necessario mais, para que Jonathas intendesse a resposta do divino oraculo, interpretando-a (como verdadeiramente era) conforme o signal que tinha posto; e na fé e confiança desta prophecia, tendo por sem duvida que havia de vencer, avança animosamente as terras dos philisteus, começa elle e o companheiro a matar nos inimigos, toca-se arma, cresce a confusão, perturbam-se os arraiaes, trava-se uma brava peleja dos mesmos philisteus, uns contra os outros, cuidando que eram os soldados de Saul; fogem, atropellam-se, matam-se: sãem das covas os israelitas, seguem os philisteus fugi-

tivos, e voltam carregados de despojos: conhecem-se em fim com immortal gloria de Jonathas os auctores de tão estupenda façanha, bastando só dois homens armados da confiança de uma prophesia, para pôrem em fugida o mais poderoso exercito, e alcançarem a mais desigual e prodigiosa victoria.

A maior e mais nobre conquista que até hoje se intentou e conseguiu no mundo, foi a famosa de Alexandre Magno: o homem que a emprehendeu era o maior capitão que creou a natureza, formou o valor, aperfeiçãoou a arte, e acompanhou a fortuna; mas se não fôra ajudado da prophesia, nem elle se atrevera a o que se atreveu, nem obrára e levára ao cabo o que obrou. Bem sei que no dia em que nasceu Alexandre, ardeu o famosissimo templo de Diana Ephesina, onde prognosticaram os Magos, que naquelle dia entrára no mundo, quem havia de ser o incendio de toda Asia\*.

Tambem sei, que a quem desatasse o nó gordiano que Alexandre cortou com a espada, estava promettido pelos oraculos de Apollo Delphico o imperio de todo o oriente; mas não chamo eu a isto prophcias, nem assento considerações e verdades tão serias sobre fundamentos de tão pouca subsistencia, como são os vaticinios da gentilidade.

Conta José no liv. 11.º de suas Antiguidades, que entrando Alexandre em Jerusalem, saiu a o receber fóra do templo o summo sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos pontificaes, e que Alexandre, vendo-o, se lançára a seus pés, e o adorára; (José Ant. XI — 8) e perguntado pela causa de tão desuzada reverencia, tão alheia de sua grandeza e magestade, respondeu, que elle não adorára aquelle homem, senão nelle a Deus, porque reconhecêra que aquelle era o habito, o ornato e a representação, em que Deus lhe tinha apparecido em Dio, cidade de Macedonia, e exhortando-o a que emprehendesse a conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, lhe segurára a victoria.

As palavras de Alexandre (que é bem se veja a sua formalidade) são as seguintes: *Non hunc adoravi, sed Deum, cujus prin-*

\* A Lap. in Dan. 2. 29. § 12. 5.

*cipatus sacerdotii functus est, nam per somnium in hujusmodi eum habitu conspexi adhuc in Dio civitate Macedonia constitutus: dumque mecum cogitassem posse Asiam vincere, incitavit me, ut nequaquam negligere, sed confidenter transirem: nam super ducturum meum exercitum dicebat, et Persarum traditurum potentiam: ideoque neminem alium in tali stola videns cum hunc advertissem, habens visionis, et probationis nocturnæ memoriam salutari, exinde arbitror Divino vivamine me directum Dariumque vixisse, virtutemque solvisse persarum: propterea et ea, quæ meo corde sperantur, pro ventura confido\*.*

No mesmo templo de Jerusalem, refere tambem José, que foram mostradas a Alexandre as prophcias de Daniel, particularmente aquella do cap. 8.º Conta alli o propheta, que viu dois animaes do campo, um o maioral das ovelhas, com dois cornos muito fortes; outro o maioral das cabras com um só corno entre os olhos (o qual depois de quebrado se dividiu em quatro), e que este segundo animal correndo da parte do occidente contra o primeiro, sem pôr os pés na terra o investira e derribara e mettera debaixo dos pés. Nestas duas figuras é certo que estava prophetisado, na primeira o imperio dos persas e medos (como explicou o anjo a Daniel), por isso tinha a testa dividida em dois cornos. Na segunda o imperio dos gregos, que no principio esteve unido em uma só pessoa, que foi Alexandre, e depois de sua morte se dividiu em quatro, que foram os quatro reinos, em que elle o repartiu entre seus capitães. Saiu pois Alexandre da parte occidental, que é a Macedonia, e sem pôr os pés na terra, pela velocidade com que vencia e sujeitava tudo, investiu, derribou e metteu debaixo dos pés o imperio dos persas e medos, acabando de se cumprir a prophcia na ultima batalha do Tigranes, em que venceu e desbaratou de todo os exercitos de Dario, e tomou ou se deixou saudar com o nome de imperador da Asia.

Não parou aqui Alexandre; porque não pararam aqui as prophcias de Daniel na visão dos quatro animaes referidos no cap. 7.º O terceiro era Alexandre significado no leopardo com qua-

\* A Lap. in arg. libr. Sap. § Jam. ut ut proximus.

tro azas. Na visão da estatua de Nabuco referida no cap. 2.<sup>o</sup> O terceiro dos metaes, que era o bronze, significava tambem o imperio de Alexandre, e diz alli o propheta, que reinaria e se faria obedecer de todo o mundo: *Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universæ terræ*\*. Em seguimento e confiança destas prophecias partiu Alexandre victorioso para a conquista que lhe restava do mundo oriental, o qual sujeitou e uniu todo o seu imperio passando o Tauro e o Caucaso, e chegando até os fins do Ganges, e praias do mar Indico, que eram então as ultimas da terra d'onde Hercules e o padre Libero as tinham collocado.

Mas foram ainda mais em numero e grandeza as nações que venceu e sujeitou Alexandre com a fama, mais que com a espada, porque entrando da volta desta jornada em Babylonia, achou nella os embaixadores de Africa, de Carthago, Hespanha, Gallia, Italia, Sicilia, Sardenha, as quaes provincias, em obsequio e reconhecimento de sua potencia se lhe mandaram sujeitar e entregar espontaneamente, e entre ellas os mesmos romanos (nome já naquelle tempo famoso no mundo), como é auctor Clitarcho, referido e louvado por Plinio no liv. 3.<sup>o</sup> da Historia Natural. Tudo certifica ainda com palavras maiores o mesmo texto sagrado no exordio do primeiro livro dos Macabeus, dizendo: *Alexander, qui primus regnavit in Græcia, percussit Darium regem Persarum, et Medorum, constituit, et prælia multa obtinuit omnium munitiones, interfecit reges terræ, pertransiit usque ad fines terræ, accepit spolia multitudinis gentium, et siluit terra in conspectu ejus.* (1. Mac. I — 1, 2 e 3)

Porém o que mais admira nas conquistas e victorias de Alexandre, é a desigualdade do poder, e o limitado apparatus de guerra com que entrou em tão immensa empreza; porque, como refere Plutarco, e o prova com graves auctores, saíu de Macedonia com menos de quarenta mil homens, bastimentos só para trinta dias, e com setenta talentos para estipendios, que fazem da nossa moeda quarenta e dois mil cruzados.

\* Dan. II. A Lap. v. 16. § Et ecce Dan. II — 39. § Et regnum tertium.

Mas como Alexandre antes de obrar todas estas maravilhas com que mereceu o nome e se fez verdadeiramente magno, se tivesse visto a si mesmo melhor retratado nas prophcias de Daniel, do que depois se viu nas estatuas de Lysipo, nem nas pinturas de Apelles, não é muito que animado e soprado do espirito das mesmas prophcias, e cheio da magestade dellas, se atrevesse a tão arduas e difficultosas emprezas, das quaes justamente se duvida (como poz em questão Justino) se foi maior faganha o intental-as, ou vencel-as.

E d'aqui se póde desculpar (coisa que não soube, nem póde advertir nenhum dos historiadores de Alexandre, sendo tantos e tão excellentes) d'aqui digo se póde desculpar aquella mais temeridade, que audacia (qualidade posto que honrosa, indigna de um general prudente e muito mais de um rei, quando conquista o alheio, e não defende o proprio), com que Alexandre empenhava sua pessoa e vida, e se precipitava muitas vezes aos perigos por coisas leves, sendo a confiança, ou o seguro de todos estes arrojamientos, não o dominio que elle tivesse sobre a fortuna: *Quam solus omnium mortalium sub potestate habuit*; (V. A. Lap. ubi sup.) como com discrição gentilica disse delle Curcio, liv. 10.<sup>o</sup>; mas a previsão e presciencia de suas futuras victorias, e do imperio que lhe estava promettido, e havia necessariamente de conquistar, conforme as prophcias de Daniel: e como tinha a vida e as emprezas firmadas por uma escriptura de Deus, ou por tres escripturas, e ao mesmo Deus por fiador de sua palavra e promessas, fé era e não audacia, confiança e não temeridade, empenhar-se Alexandre nos perigos para conseguir as emprezas, e dar exemplo de despreso da vida a seus soldadós para os animar ás victorias: tanta parte teve a prophcia nas accões deste grande capitão e no imperio deste grande monarcha, o qual, se deve a Philippe o ser Alexandre, deve a Daniel o ser magno!

Os exemplos que temos domesticos desta mesma utilidade, não são menos admiraveis que os estranhos, assim nas batalhas, como nas conquistas. Era tão innumeravel a multidão de sarracenos que debaixo das luas de Ismael, e dos outros quatro reis moiros, inundaram os campos de Guadiana com intento de tomar

Portugal naquelle dia fatalissimo, o primeiro de nossa maior fortuna, que justamente estavam temerosos os poucos portuguezes, e seu valoroso principe duvidoso se aceitaria ou não a batalha; mas como o velho ermitão, interprete da divina providencia, visto primeiro em sonhos, e depois realmente ouvido e conhecido, lhe assegurou da parte de Deus a victoria, com aquellas tão expressas e animosas palavras: *Vinces Alphonse, et non vinceris*; soccorrido o animoso capitão, e fortalecido o pequeno exercito com esta promessa do céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança christã havia no campo cem moiros, resolveu intrepidamente dar a batalha.

Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a prophesia, accomette de frente a frente ao inimigo, sustenta quatro vezes o peso immenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exercito, mata, captiva, rende, despoja, triumphá; e alcançada na mesma hora a victoria, e libertada a patria, piza glorioso as cinco coroas mauritanas, e põe na cabeça (já rei) a portugueza.

Isto obraram as prophcias daquella noite na guerra, mas ainda mostraram mais os poderes de sua influencia na conquista. Quem duvida que foram mais estendidas e gloriosas as conquistas dos portuguezes, que as de Alexandre Magno na mesma India? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande historiadór: *Oriente perdomito, aditoque Oceano, quidquid mortalitas cupiebat, implevit*. Domado o Oriente, e navegado o Oceano, cumpriu e encheu Alexandre tudo o que cabia na mortalidade. Que dissera, se vira as navegações dos portuguezes no mesmo Oceano, e suas conquistas no mesmo Oriente? Obrigação tinha em boa consequencia de lhes chamar immortaes. Não chegaram os portuguezes só ás ribeiras do Ganges, como Alexandre; mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento e terras, do que ha do mesmo Ganges a Macedonia, dond e Alexandre tinha saído.

Não venceram só o Poro, rei da India, e seus exercitos; mas sujeitaram e fizeram tributarias mais coroas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Indico ou Eritreo,

que é um seio ou braço do Oceano na sua maior largueza e profundidade, aonde elle é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indomito; o Atlantico, o Ethiopico, o Persico, o Malabarico, e, sobre todos, o Synico, tão temeroso por seus tufões, e tão infame por seus naufragios. Que perigos não desprezaram? que difficuldades não venceram? Que terras, que ceus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontorios não contrastaram? Que gentes feras e bellicosas não domaram? Que cidades e castellos fortes na terra? Que armadas poderosissimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não soffreram e supportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar atraz, insistindo sempre e indo ávante, mais com pertinacia, que com constancia?

Mas não obraram todas estas proezas aquelles portuguezes famosos por beneficio só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas prophcias. Sabiam que tinha Christo promettido a seu primeiro rei, que os escolhêra para argonautas apostolicos de seu evangelho, e para levarem seu nome e fundarem seu imperio entre gentes remotas e não conhecidas; e esta fé os animava nos trabalhos; esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o norte que os guiava; e esta esperança a ancora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros\*.

Maiores contrastes tiveram ainda as conquistas de Portugal na nossa terra, que nas estranhas, e mais forte guerra experimentaram nos naturaes que resistencia nos inimigos: quem quizer vêr com admiração a tormenta de contradicções populares, e de todo o reino, que por espaço de dez annos padeceram os primeiros descobrimentos das conquistas, lêa o grande Chronista da Asia no 4.º cap. do 1.º liv., e conhecerá quantas obrigações deve Portugal e o mundo ao soffrimento, valor e constancia do infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João o I, auctor desta heroica empreza, o qual como religiosissimo principe que era, e nella principalmente

\* Juramento d'el-rei D. Affonso apud P. Vasconcellos.

pretendia a gloria de Deus, dilatação da fé, e conversão da genti-  
lidade, mereceu que o mesmo Deus com uma voz do céu o ex-  
hortasse a levar por diante o começado, com promessa de seu fa-  
vor, e luz dos gloriosissimos fins, que por meio de tão dura por-  
fia se haviam de alcançar.

Assim se conta e escreve por fama e tradição daquelle tempo :  
com este oraculo divino mais fortalecido o espirito do infante,  
não só pôde romper e abrir as portas tão cerradas do Oceano, e  
deixal-as francas e patentes aos que depois vieram, vencidas as  
primeiras e maiores difficuldades; mas dar animo, valor, guia e  
esperança aos que, seguindo seu exemplo e empreza, a levaram ao  
cabo. Desta maneira o infante D. Henrique, que será sempre de  
feliz memoria, nos ganhou com sua constancia as conquistas,  
conquistando-as primeiro em Portugal, do que fossem conquis-  
tadas na Africa, Asia, America; e contrastando com igual forte-  
leza o indomito furor do segundo e quinto elemento (que são o mar  
e o fogo), que não pudéra conseguir sem o soccorro da luz do céu,  
animado nas contradicções e contrariedades presentes com o co-  
nhecimento e certeza dos successos futuros, para que até nesta parte  
deva Portugal as suas conquistas aos lumes e alentos da prophecia.

Finalmente, esta ultima resolução que no anno de quarenta  
assombrou o mundo, posto que muito a devamos á ousadia do  
nosso valor, muito mais a deve o nosso valor á confiança de nos-  
sos vaticinios. Que valor sesudo, prudente e bem aconselhado se  
havia de atrever a uma empreza tão cercada de difficuldades,  
como levantar-se contra o mais poderoso monarcha do mundo, e  
restituir-se á sua liberdade, e acclamar novo rei, não longe, senão  
dentro de Hespanha, um reino de grandeza tão desigual sobre  
sessenta annos de captivo e despojado; sem armas, sem soldados,  
sem amigos, sem alliados, sem assistencias, sem soccorros, só, e  
até de si mesmo dividido em tão distantes partes do mundo? Mas  
como havia outros tantos annos que a prophecia estava dando  
brados aos corações, em que nunca se apagou o amor da patria,  
e a saudade do rei, e o zelo da liberdade, dizendo e publicando a  
todos, que o desejado tempo della havia de chegar no anno felicis-  
simo de quarenta, em que o novo rei seria levantado; a promessa

que sempre a conservou nos corações, o levantou a seu tempo nas vozes, e ella foi a que deu o rei ao reino, o reino á patria, a patria aos portuguezes, e Portugal a si mesmo; e este seja entre todos o maior exemplo, assim das nossas guerras, como das nossas conquistas, pois tudo o que tínhamos vencido e conquistado em quinhentos annos, alentados das promessas do céu, o podemos restaurar em um dia.

E se tanto tem vallido e importado a Portugal o conhecimento de seus futuros, em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a corôa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe accrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a ellas, e se restituiu a si mesmo; oh quanto mais necessario lhe será a Portugal, e quanto mais util e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros successos para aquellas empresas novas, e muito maiores que nos tempos que hão de vir (ou que já vem) o esperam? Não se poderá comprehender a grandeza e capacidade desta importancia, senão depois de lida toda a Historia do Futuro, na qual só se medirá bem a immensidade do objecto com a desigualdade do instrumento.

Mas quem quizer desde logo fazer de algum modo a conjectura desta desproporção, tome os compassos a Portugal e ao mundo, e pergunte-se a si mesmo, se se atreve a igualar estes paralelos. É porém tão poderoso contra todos os impossiveis o conhecimento e fé do que ha de ser representado no espelho das prophecias, que nenhuma empresa pôde haver tão desigual, nenhuma tão armada de perigos, nenhuma tão defendida de difficuldades, que debaixo do escudo desta confiança se não intente, se não avance, se não prosiga, se não vença. Da conquista espiritual do mundo se pôde fazer bom argumento para a temporal, pois é mais forte a guerra, e mais dura resistencia a dos intendimentos, que a dos braços. Quiz Deus que a igreja, que é o seu reino, fundada pelos apostolos, se estendesse por seus successores em todo o mundo; e quaes foram as armas com que Deus os fortaleceu para que não temessem ou duvidassem a empresa, e se dispuzessem animosamente a tão estranha conquista? Advertiu com profundo

juiso Primasio, que fôra o Apocalypse de S. João, porque lendo os soldados evangelicos naquellas prophecias, quão largamente se havia de propagar a mesma egreja, e quão prodigiosas victorias havia de alcançar a fé contra todos os inimigos; este mesmo conhecimento os animava a quererem ser (como foram) os instrumentos gloriosos dellas. Segurou-lhes Deus as victorias, para que não duvidassem commetter as batalhas: *Post exortum autem ecclesiarum, quæ jam fuerat apostolorum prædicatione fundata, revelari oportuit (diz Primasio) qualiter esset latius propaganda, vel quali etiam sine contenta, ut prædicatores veritates hujus cognitionis fiducia præditi indubitanter aggredierentur pauci multos, inermes armatos, humiles superbos, obscuri nobiles, infirmi potentes.* (Prim. in Apocalyp.) Não se pôde dizer, nem mais certa, nem mais elegantemente, se exceptuarmos a desproporção de poucos a muitos, *pauci multus*: em todas as outras considerações foi mais desigual esta empresa, que as que eu prometto, ou hei de prometter; e se a esta se atreveram poucos homens sem armas, sem estimação, sem nobreza, sem poder, contra tantos armados arrogantes, nobres, e poderosos, só porque no conhecimento das prophecias tinham segura a felicidade e fim da empresa; porque se não atreverão á mesma empresa, e na confiança das mesmas prophecias, aquelles em quem o poder se iguala com as armas, as armas se illustram com a nobreza, e a nobreza compete com a estimação e com a fama, ainda que sejam poucos contra muitos? E digo na confiança das mesmas prophecias; porque uma boa parte da nossa Historia (como veremos em seu lugar) são as do mesmo Apocalypse. Lerão os portuguezes, e todos os que lhes quizerem ser companheiros, este prodigioso livro do futuro, e com elle embaraçado em uma mão, e a espada na outra, posta toda a confiança em Deus, e em sua palavra, que conquista haverá que não emprehendam, que difficuldades que não desprezem, que perigos que não pizem, que impossiveis que não vençam? Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente S. Gregorio, escudo fortissimo da presciencia, em que todas as adversidades e golpes do mundo se sustentam, se reparam, e se rebatem: *Et nos tolerabilius mundi*

*mala suscipimus, si contra hæc per præscientiæ clypeum munimur*\*. Que vem a ser esta nossa Historia do Futuro, senão escudo da presciencia, *præscientiæ clypeum*? Armados com este escudo, que trabalhos, que perigos nos pôde offerecer o mar, a terra e o mundo, e que golpes nos pôde atirar com todas as forças de seu poder, que não sustentemos nelle com animosa constancia? Quem haverá que debaixo deste escudo não emprehenda as mais difficultosas conquistas, nem aceite as mais arriscadas batalhas, e não vença e triumphe dos mais poderosos inimigos, se as empresas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas, e os inimigos já triumphados?

Fingiu o principe dos poetas latinos, que pediu Venus, mãe de Eneas, ao deus Vulcano, lhe fabricasse umas armas divinas, com que entrasse armado na difficultosissima conquista de Italia, com que vencesse os reis, e sujeitasse as nações bellicosissimas que a dominavam, com que victorioso fundasse naquellas terras o famosissimo imperio romano, que pelos fados lhe estava prometido. Forjou Vulcano as armas, e no escudo, que era a maior e principal peça dellas, diz que abriu de subtilissima escultura as historias futuras das guerras e triumphos romanos, compondo e copiando os successos pelos oraculos e vaticinios dos prophetas, e pelas noticias proprias que tinha, como um dos deuses que era participante dos segredos do supremo Jupiter.

.....*Clypei non enarrabile textum  
Illic res Italas, romanorumque triumphos,  
Haud vatum ignarus, venturique inscius ævi,  
Fecerat igni potens: illic genus omne futuræ  
Stirpis ab Ascanio, pugnataque; ordine bella.*  
(Virg. Æneid. 8.)

O officio e obrigação dos poetas não é dizerem as coisas como foram, mas pintarem-nas como haviam de ser, ou como era bem que fossem: e achou o mais levantado e judicioso espirito de quantos escreveram em estylo poetico, que para vencer as mais

\* D. Gregor. homil. 35, in Evang.

difficultosas emprezas, para conquistar as mais bellicosas nações, e para fundar o mais poderoso e dilatado imperio, nenhuma arma poderia haver mais forte, nem mais impenetravel, nem que mais enchesse de animo, confiança e valor, o peito que fosse cuberto e defendido com ella, que um escudo formado por arte e sabedoria divina, no qual estivessem entalhados e descriptos os mesmos successos futuros que se haviam de obrar naquella empreza: assim armou o grande poeta ao seu Eneas; e este mesmo escudo, não fabuloso, senão verdadeiro, e não fingido depois de experimentados os successos, senão escriptos antes de succederem, é propriamente, e sem ficção, o que nesta Historia do Futuro offereço, portuguezes, ao nosso rei. Dobrado de sete laminas, dizem, que era aquelle escudo; e tambem o da nossa Historia, para que em tudo lhe seja semelhante, é publicado em sete livros. Nelle verão os capitães de Portugal, sem conselho, o que hão de resolver; sem batalha, o que hão de vencer; e sem resistencia, o que hão de conquistar. Sobre tudo se verão nelle a si mesmos e suas valorosas acções, como em espelho, para que com estas copias de morte-cor diante dos olhos, retratem por ellas vivamente os originaes, antevendo o que hão de obrar, para que o obrem; e o que hão de ser, para que o sejam.

---

## CAPITULO VII.

### Ultima utilidade.

Entre as utilidades proprias, e dos amigos, não quero deixar de advertir por fim dellas, que tambem a lição desta Historia pôde ser igualmente util e proveitosa aos inimigos, se, deixada a dissonancia e escandalo deste nome, quizerem antes ser companheiros de nossas felicidades, que padecer-as dobradamente na dor e inveja dos emulos. Lerão aqui nossos vizinhos e confinantes (que muito a pesar meu sou forçado alguma vez a lhes chamar inimi-

gos, havendo tantas razões, ainda da mesma natureza, para os não serem) lerão aqui com boa conjectura as promessas e decretos divinos, provada a verdade dos futuros com a experiencia dos passados: e verão, se quizerem abrir os olhos, um manifesto desengano de sua prophécia, conhecendo que na guerra que continuam contra Portugal, pelem contra as disposições do supremo poder, e combatem contra a firmeza de sua palavra. Oh quantos damnos, quantas despezas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de vidas, quantas lagrimas e oppressão de naturaes e estrangeiros podia escusar Hespanha, se, com os olhos limpos de toda a paixão e affecto, quizesse lêr esta Historia do Futuro, e com tanto zelo e desejo de acertar com os caminhos de seu maior bem, como é o animo com que elle se escreve!

Não entre só nos conselhos de estado a conveniencia e reputação, o appetite e o odio, a vingança, o discurso militar e politico; tenha tambem algum dia logar nelles a fé; supponha-se que Deus é o que dá e tira os reinos, como e quando é servido; conheça-se e examine-se a sua vontade pelos meios com que ella se costuma declarar; e depois de averiguada e conhecida, ceda-se e obedeça-se a Deus por conveniencia, pois se lhe não pôde resistir com força.

Bem pudéra conhecer Hespanha, voltando os olhos ao passado, pela experiencia, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido, e o conserva victorioso. Quando se soube em Madrid do rei que tinham acclamado os portuguezes no primeiro de dezembro do anno de 640 chamavam-lhe por zombaria rei de um inverno, parecendo-lhes aos senhores castelhanos, que não duraria a phantasia do nome mais que até á primeira primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse: mas são já passados vinte e cinco invernos, em que as inundações do Betis e Guadiana não afogaram a Portugal, e vinte e quatro primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes ficaram matizados.

Imaginou Hespanha, que na prizão do infante D. Duarte atava as mãos a Portugal, e lhe tirava a cabeça com que haviam de

ser governados na guerra, e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu em fim (ou foi morto) aquelle principe, e nem por isso desmaiou o reino, antes se armou de novo a justiça de sua causa com a sentença daquella innocencia, e se endurceram e fortificaram mais os peitos com o horror e fealdade daquelle exemplo.

Voltou-se todo o pezo da guerra contra Saul: maquinou-se contra a vida d'el-rei Dom João por tantos meios e instrumentos (e algum delles sobre indecente sacrilegio); parecia-lhe a Castella que faltando a Portugal aquella grande alma, seria facil a suas aguias empolgarem no cadaver do reino. Faltou el-rei D. João ao reino, sobre ter faltado de antes seu primogenito Theodosio, principe de tantas virtudes, opinião e esperanças; mas viu o mundo, posto que o não quiz vêr Castella, que era o braço immortal o que defendia e conservava aos portuguezes. Succedeu na menoridade do rei com tanta prudencia e valor a regencia da rainha mãe, e á regencia da rainha o governo felicissimo d'el-rei D. Affonso, que Deus guarde, monarcha de tão conhecida fortuna, que parece a traz a soldo nos exercitos. Fez Castella neste tempo os maiores esforços de seu poder, e para os poder fazer maiores, assim como por esta causa tinha já concluido ou comprado, a preço da propria reputação, a paz de Hollanda, ajustou tambem a de França. Desembaraçadas em toda a parte as suas armas, chamou os espiritos de todo o corpo da monarchia aos dois braços, com que Castella cerca a Portugal: viram-se juntas contra elle em um exercito, Hespanha, Allemanha, Italia, Flandres, com toda a flor militar, sciencia e valor daquellas bellicosas nações. Mas que resultas foram as desta tão estrondosa potencia, e dos progressos que com ella se tinham ameaçado a nós e promettido a Europa?

Entrou a guerra dividida no anno de 62 por todas nossas provincias; em todas achou opposição igual e effeito superior: uniu-se no anno seguinte com novo conselho o poder; acrescentou-se de gente de cavallos, de cabos, de apparatus bellicos: escolheu-se para theatro daquella formidavel campanha a provincia de Alémtéjo: começou a tragedia com prosperos e alegres passos, trium-

phando dos que não podiam resistir ás armas castelhanas; mas o fim foi tão adverso, tão lastimoso, e verdadeiramente tragico, como viu com admiração o mundo, e chorará eternamente Castella: perdeu a batalha, o exercito e a reputação; deixou a Portugal a victoria, a fama, os despojos e só levou (como sempre) o desengano.

Estes teem sido em vinte e cinco annos os effeitos do poder; passemos aos da industria. Intendeu Castella que não podia conquistar a Portugal sem Portugal; tratou de inclinar á sua devoção os grandes e os menores: na constancia houve differença, mas nos effeitos nenhuma: o povo, cuja fortuna é inalteravel, não padeceu alteração: sendo tão livre e aberto em Portugal o mar como a terra, se não viu em tantos annos nenhum pastor que se passasse a Castella com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso, que aos seus portos derrotasse uma barca.

Basta por exemplo, ou desengano, a famosa resolução do povo de Olivença, que com partido de poder ficar inteiro com cazas e fazendas, se não achou em todo elle um só homem de espirito tão humilde, que accitasse a sujeição. Perderam todos a patria pela lealdade, triumphou Castella das paredes, e Portugal dos corações. Não viu Roma semelhante exemplo, e assim o celebrou um Jeronymo Petruccho, poeta romano, com este epitaphio:

*Victor uter que manet, victoria dividit orbem  
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.*

Ainda deu muito a Castella em partir a victoria pelo meio: o vencedor conquistou pedras, o vencido vassallos: de industria se pudéra perder a praça, só por lograr a fineza; e de industria se pudéra tambem não ganhar, só por não experimentar o desengano: isto vence Castella, quando vence; e assim se rende o povo de Portugal, quando se rende.

A nobreza, em que tem maiores poderes o réceio ou a esperança, como mais escrava da fortuna, não foi toda constante: alguns grandes houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço d'el-rei D. Filippe, outros que com maior ousadia o

quizeram servir em Portugal; a uns e outros castigou o mesmo braço da providencia, a estes com a vida, áquelles com o des-terro; atégora não tiveram outro premio, nem mereciam outro, porque Castella nem póde resuscitar os primeiros, nem quiz pagar os segundos.

É fama, que foi respondido á sua queixa, que tinham feito o que deviam, mas ainda devem o que fizeram: cá perderam o que tinham, lá não ganharam o que esperavam: entre os portuguezes reos, entre os castelhanos portuguezes, que tambem é culpa.

Isto é o que foram buscar a Castella todos os que lá se passaram — o desengano de seu discurso, o descredito de sua resolução, e o castigo de sua incredulidade: e ainda de lá nos mandam o exemplo de seu arrependimento. Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram as suas rendas. A Portugal deixaram os despojos de suas casas, aos vindouros a memoria de sua infidelidade, e ao mundo pregão de sua covardia. Tal foi o merecimento, tal o premio: julgue agora Castella se terá esse interesse cobiçosos, e este empenho imitadores.

Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França, (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação) que no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao turco, que a Castella. Era o embaixador ministro de letras, e como um grande senhor francez lhe pedisse a razão deste seu dito, sendo catholico e letrado, respondeu assim: Porque eu em Turquia se defender a fé, serei martyr; se renegar, far-me-hão baxá: e em Castella, monsieur, nem baxá, nem martyr.

Foi mui celebrada a discrição da resposta, a que accrescentava galanteria a mesma pessoa do embaixador; porque era mui avultado de presença, e tão bem lhe podia estar na cabeça o turbante, como na mão a palma. Nada mais venturosamente lhe succederam a Castella as industrias estrangeiras, que as domesticas; todas desarmou em armas contra si mesma. Em Roma impediu o provimento das mitras; mas os bagos se converteram em lanças, e o que haviam de comer os pastores das ovelhas, comem os

que as defendem dos lobos. Em Hollanda comprou os estorvos da paz, mas esta se retardou somente quando foi necessario para se recuperarem as conquistas. Caso grande, e de providencia admiravel! Em Inglaterra se empenhou por divertir o parentesco; em França capitulou, que não podessemos ser soccorridos; mas teve uma e outra diligencia tão contrarios effeitos, que se vêem hoje em Portugal as suas quinas tão acompanhadas das cruces de Inglaterra, como assistida das lizes de França. Unidas e complicadas estas tres bandeiras, fazem um syllogismo politico, de tão segura como terrivel consequencia. Se só Portugal pôde resistir a Castella tantos annos; ajudado dos dois reinos mais poderosos da Europa, no mar, e na terra, como não resistirá? O maior contrario que tem Hespanha, é o seu proprio poder. Quando se quiz levantar sobre todos, se sujeitou á emulação de todos: estes terão por si Portugal, em quanto ella fôr poderosa; se o não fôr, não os ha mister.

Os discursos da esperanza (que é a ultima appellação de Castella) são os que mais lhe mentiram, porque os homens (quando assim lh'o concedamos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre ella: todos os que nas materias de Portugal se governaram pelo discurso, erraram e se perderam: e por aqui se perderam (ainda entre nós) os que na opinião dos homens eram de maior juizo: são obras e mysterios de Deus, quer elle que se venerem com a fé, e não se prophanem com o discurso: por isso todas as esperanças que se assentaram sobre esta fé, foram certas, e todas as que se fundaram sobre o discurso, erradas.

É natureza isto, e não milagre da palavra e promessas divinas: *In verba tua super speravit*: (Psal. CXVIII — 147) dizia aquelle grande politico de Deus, que não só esperava, mas sobre-esperava nas promessas de sua palavra divina; porque se ha de esperar nas promessas da palavra divina, sobre tudo o que promete a esperanza do discurso humano: assim o temos sempre visto em Portugal com admiravel credito da fé, e igual confusão da incredulidade.

No tempo em que Portugal estava sujeito a Castella, nunca as forças juntas de ambas as corôas puderam resistir a Hollanda; e

d'aqui inferia e esperava o discurso, que muito menos poderia prevalescer só Portugal contra Hollanda, e contra Castella; mas enganou-se o discurso. De Castella defendeu Portugal o reino, e de Hollanda recuperou as conquistas. Aquelle fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam, e se perderam tantos generaes, por não quererem aceitar a empreza sem competente exercito; que discurso podia imaginar, que sem exercito, e sem armada, se restaurasse? E só com a vista phantastica de uma frota mercantil se rendeu Pernambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos hollandezes com tanto sangue em dez annos, e conservando-se vinte e quatro. Menos esperava o discurso, que se conquistasse Angola com tão desigual poder enviado a tão differente fim; e conquistou-se comtudo, aquella tão importante parte de Africa contra todo o discurso, e antes de toda a esperanza: e porque se saiba mais distinctamente quão grandes significações se conteem debaixo destes nomes tão pequenos, Pernambuco e Angola; o que se recuperou em Angola, foram duas cidades, dois reinos, sete fortalezas, tres conquistas, a vassallagem de muitos reis, e o riquissimo commercio de Africa e America. Em Pernambuco recuperaram-se tres cidades, oito villas, quatorze fortalezas, quatro capitancias, trezentas legoas de costa. Desafogou-se o Brazil, franquearam-se seus portos e mares, libertaram-se seus commercios, seguraram-se seus thesouros. Ambas estas emprezas se venceram, e todas estas terras se conquistaram em menos de nove dias, sendo necessario muitos mezes só para se andarem. Quem nestes dois successos não reconhecer a força do braço de Deus, duvidar-se póde se o conhece: assim assiste a Portugal dentro e fóra, ao perto e ao longe, aquelle supremo Senhor que está em toda a parte, e que em todas as do mundo o plantou, e quer conservar: bemdita seja para sempre sua omnipotencia e bondade.

Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos dos portuguezês com a continuação da guerra, e experiencia de suas molestias, se enfastiassem e suspirassem pela antiga e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais á vista de seu contrario: que as contribuições forçosas para o subsidio dos soldados, e a li-

cença e oppressão dos mesmos soldados fossem carga intoleravel aos povos : que os povos depois de apagados aquelles primeiros fervores, que traz comsigo o desejo e alvoroço da novidade, com o tempo e seus accidentes, se fossem entibiando até se esfriarem de todo : que os paes se cançassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mães (como lhe chamou o Lyrico) fosse tambem detestada e aborrecida das portuguezas, que, entre as outras mães, o costumam ser mais que todas no amor e na saudade. Mas tambem aqui mentiu a esperança, e se enganou o discurso ; porque os animos se acham hoje mais alentados, os fervores mais vivos, os corações mais resolutos, o amor ao rei, á patria, á liberdade, mais forte, mais firme, e mais constante, e maior que todos os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembra-se os paes, que davam os filhos para as guerras de Flandres, de Italia, de Catalunha, e navegação das indias de Castella, onde os perdiam para sempre ; e querem antes dal-os para as fronteiras de Portugal, onde os vêem, os assistem, e os teem comsigo ; onde recebem a gloria de ouvir celebrar as acções de seu valor, e feitos galhardos, e vêem estampados seus nomes, e estendida por todo o mundo sua fama, honrando-se (como é razão) de serem paes de taes filhos : e que se morrem na guerra, teem rei que lhes pague as vidas com larga remuneração de mercês, e augmento de suas casas, sendo tão generosas as mães (nas quaes este affecto é superior a toda a natureza), que com igual alegria os choram e sepultam mortos gloriosamente na guerra, do que os parem e criam para ella.

Os povos não se cançam com os subsidios e contribuições ; porque sabem quanto maiores e mais pezadas são as que se pagam em Castella para os conquistar, do que elles em Portugal para se defenderem. Vêem o fructo de seus trabalhos e suores, e que concorrem com elle para o estabelecimento e honra de sua patria, e não para a cobiça de ministros e exactores estranhos.

Teem na memoria, que tambem antigamente pagavam, e que então era tributo do captiveiro, o que hoje é preço da liberdade : sobre tudo vêem a seu rei da sua nação e da sua lingua, e que o teem comsigo e junto a si para o requerimento da justiça, para o

premio do serviço, para o remédio da oppressão, para o allivio da queixa; rei que os vê e se deixa vêr; que os ouve e lhes responde; que os entende e o intendem; que os conhece e lhes sabe o nome, sem a dura e insupportavel pensão de o irem buscar a Madrid, não para o vêrem e lhe fallarem, mas para o vêrem por fé: conhecem a grandeza desta estimavel felicidade, e que logram aquelle estado ditoso de que se lembravam e fallavam seus avós com tanta saudade, e por que suspiravam seus paes com tantas ancias: e todo o preço para a conservação de tanto bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a difficuldade suave, todo o perigo obrigação: pelo contrario todo o pensamento que não seja desta perpetuidade horror, toda a conveniencia ruina, toda a promessa traição, e toda a mudança impossivel.

Isto é o que só tem Castella, e o que só pôde esperar dos animos dos portuguezes. Finalmente, esperava o discurso, que Portugal, como reino menor e dividido em todas as partes do mundo, com obrigação de alimentar aquelles membros tão distantes com sua propria substancia, havendo de sustentar as guerras e opposição de seus inimigos em todos elles, natural e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer: que a gente sendo toda da mesma nação se havia lentamente de diminuir: que o dinheiro e cabedaes não tendo minas, nem Potosis se havia de esgotar: e que não era possivel aturar por muitos annos as despezas excessivas de uma guerra interior, tão continua, tão viva e tão multiplicada em tantas provincias, cercado della por todas as partes contra os combates de uma potencia tão desigual e superior, como era a do maior monarcha do mundo: que quando o valor dos portuguezes se atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleazaro contra a grandeza e corpulencia do elephante, que, ainda caindo, seria sobre elle, e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio triumpho, sem mais diligencia, nem acção, que o mesmo peso e grandeza de tão immenso contrario\*.

Verdadeiramente este discurso, humana ou gentilicamente considerado, e não entrando na conta desta arithmetica o po-

\* D. Ambros. de Offic. liv. I cap. 10.

der e assistencia de Deus, tinha mui forçosa consequencia, e antes da experiencia mui difficultosa solução. E por tal julgaram ainda aquelles politicos, que, sem odio, nem amor, esperavam e prognosticavam o fim, e mediam a desproporção de tão desigual empreza. Mas Deus (a quem não queremos roubar a gloria) e a mesma experiencia natural e o concurso ordinario de suas causas, tem mostrado, que só era sophistico e apparente, e em realidade falso aquelle discurso.

Porque as conquistas (que era o primeiro reparo), membros tão remotos e tão vastos deste corpo politico de Portugal, ainda que do reino, como do coração recebem os espiritos de que se animam, é tanta a copia de alimento, e tão abundante, que elles mesmos com suas riquezas lhes subministram, que não só teem sufficiente materia para formar os espiritos, que com os membros mais distantes reparte, mas lhes sobeja com que se sustentar a si e a todo o corpo; e a verdade desta experiencia se tem provado com mais sensiveis effeitos depois da paz universal das mesmas conquistas, as quaes com igual liberalidade e interesse remetem hoje ao reino toda aquella substancia que o calor da guerra propria lhe consumia: com que se acha Portugal mais rico e abundante que nunca das utilissimas drogas de seus commercios. E ou seja esta a causa natural, ou outra mais occulta e superior, o certo é que as rendas e cabedaes do reino, assim proprios como particulares, com o tempo e continuação da guerra, não teem padecido a quebra e diminuição, que o discurso lhes prognosticava; antes se prova com evidente e milagrosa demonstração da experiencia, que a substancia do reino está hoje mais grossa, mais florente e opulenta, que no principio da guerra; pois crescendo mais os empenhos sempre, e despezas della, ao mesmo passo parece, que, ou crescem, ou se manifestam novos thesouros, com que se sustentaram até agora, e se sustentam todos os annos, sempre mais e maiores exercitos, tão notaveis por seu nome e grandeza, como bizzaros por seu luzimento.

Nenhum anno se poz em campo exercito tão grande, que no seguinte se não puzesse outro maior: nenhum anno tão bizzaro e tão luzido, que no seguinte se não excedesse na bizzaria e nas

galas. O anno passado, que foi o ultimo, quando a primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exercito : tanta era a variedade das cores com que os terços se matizavam e distinguiam, para que pela divisa se conhecessem os soldados e ostentassem a competencia de seu valor : o menor gasto nos vestidos é o que se veste ; mais se gasta em cobrir os vestidos, que em cobrir os corpos. A vulgaridade do oiro e prata só se estima pelo invento e pelo artifice, e não pelo preço : a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão ás batalhas como a festas, e que se vestem mais para triumphar que para vencer. Não me atrêvera a fallar com tanta largueza, se não pudéra allegar por testemunhas os mesmos que podiam ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se pôde haver falta no necessario, onde sobeja e se dispende tanto com o superfluo ? Mais temo eu a Portugal os perigos da opulencia, que os danos da necessidade. O mesmo que se vê na policia bellica das campanhas, se admira na pacifica das cidades : com a guerra, que tudo quebranta e diminue, cresceu e se augmentou tudo em Portugal : nunca tanto se gastou no primor e preço das galas, nunca tanto no acieio e ornamento das casas, nunca tanto na abundancia e regalo das mezas, nunca tantos criados, tantos cavallos, tanto aparato, tanta familia, nunca tão grandes salarios, nunca tão grandes dotes, nunca tão grandes soldos, nunca tão grandes mercês ; nunca tantas fabricas, nunca tantos e tão magnificos edificios, nunca tantas, tão reaes, e tão sumptuosas festas. Passo em silencio os immensos gastos do serviço e magestade do culto divino, porque só o silencio os pôde explicar, não encarecer. Que templo, que capella, que altar, que santuario, que neste mesmo tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lastima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo mais ricas, mais preciosas e de mais polido artificio ? Tudo isto do que sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deus são cento por um, e estas são as minas do nosso reino, estes os Potosis de Portugal : destes commercios lhe vem as riquezas, com que pôde pagar e premiar seus exercitos, e com que os premios e as pagas sejam verdadeiras, e não falsificadas, sem inju-

ria dos soldados, sem adulterio dos metaes, e sem hypocrisia da moeda.

Bem sabem os doutos, que o nome grego *hypocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foi posto em nossos tempos mais para declarar o vicio da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudera nunca imaginar, que chegasse a tal estado uma monarchia, que é a senhora da prata, e de quem a recebe o resto do mundo? Cuidou Castella que a Portugal havia de faltar o dinheiro, e vê em si o que cuidou de nós; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, tambem as errou á gente: com verdade se podia dizer de Portugal, o que dos romanos disse o seu poeta:

*Per damna, per caedes ab ipso,  
Ducit opes, animumque ferro.*

Ou tenha Portugal a qualidade da hydra, ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, apparecem na seguinte duas; e por cada ramo que faltou no outono, brotam dois na primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presidios, assim os nossos exercitos: exercito no Minho, exercito em Traz-os-Montes, exercito e dois exercitos na Beira, exercito e florentissimo exercito, e sempre mais numeroso e florente em Além-Téjo. Assim se converte e se multiplica em nova substancia tudo o que come a guerra. E se Castella quer conhecer as causas naturaes desta philosophia, sem serem os portuguezes dentes de Cadmo, saiba que a sua reparação foi o primeiro principio deste augmento. Todos os portuguezes que povoavam suas Indias, que mareavam suas frotas, que lavravam seus campos, que frequentavam seus portos, que trafegavam seus commercios, que inteiravam seus presidios, que militavam seus exercitos, ficam hoje dentro em Portugal, e o habitam e o enchem e o multiplicam, e assim se vêem hoje mais povoados seus logares, mais frequentadas suas estradas, mais lavrados seus campos, e até as serras, brenhas, lagos e terras, onde nunca entrou ferro, nem arado, abertas e cultivadas. As conquistas com a paz

não levam, nem hão mister soccorros, antes dellas o recebe o reino com muitos e valentes soldados, e experimentados capitães, que, ou veem requerer o premio de seus antigos serviços, ou servir e merecer de novo, e justificar com os olhos do rei e do reino as certidões mais seguras de seu valor. Foi lei e lei prudentissima no principio da guerra — que não se alistassem nella senão mancebos livres: á sombra desta immuidade muitos filhos por industria dos paes se acolhiam na menoridade ao sagrado do matrimonio, com que as familias se multiplicaram infinitamente, e os mesmos que então se retiravam da guerra, teem hoje muitos filhos com que a sustentam e os sustentam com ella.

Desta maneira se acha Portugal cada dia mais fornecido de muitos e valentes soldados, nascidos e creados entre o mesmo estrondo das armas, em que o pelear e o morrer não é accidente senão natureza, todos dentro em si e nas mesmas provincias e climas, onde nada lhes é estranho, e não trazidos por força de Sicilia, de Napoles, de Milão e de Allemanha, comprados e conduzidos com immensas despezas e perigos, sendo muitos os que se alistam e pagam, e poucos os que chegam, uns para se passarem logo, como passam a Portugal, outros para pelejarem sem amor e com valor vendido, como quem defende o alheio, e conquista o que não ha de ser seu.

Os portuguezes, pelo contrario, com grande vantagem de coração pelem pelo rei, pela patria, pela honra, pela vida, pela liberdade e cada um por sua propria casa e fazenda, sendo a maior commodidade da guerra, e multiplicação da gente, a mesma estreiteza do reino (que o discurso mal avaliava), por beneficio da qual os exercitos e provincias se podem dar as mãos umas a outras, pelejando os mesmos soldados quasi no mesmo tempo em diversos logares, e multiplicando-se por este modo um soldado em muitos soldados, e apparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos castelhanos com novo horror e assombro. Desta maneira não teme o valor portuguez que lhe succeda como a Eleazaro com o elephante, ficando opprimido com a sua propria victoria; mas está certo que lhe ha de succeder como a David com o gigante, lo-grando vivo a gloria de seu triumpho.

## CAPITULO VIII.

**Continua a mesma materia.**

Desenganado por estas evidencias o poder, a industria, o discurso, e esperança hespanhola, bem pudéra eu esperar do juizo, mais politico de nossos competidores, e seus conselheiros, acabassem de desistir de tão infructuosa prophécia. Mas deixados á parte os argumentos da razão e experiencia, subamos um ponto mais alto, e se atégora me ouviram como homem a racionaes, oiçam-me agora como christão a catholicos.

Não duvido, nem alguém póde duvidar da fé, religião, e piedade hespanhola, que, se o seu catholico principe, e seus maiores conselhos se acabassem de persuadir, que Deus tinha decretada a conservação e perpetuidade de Portugal, obedeceriam com summa reverencia aos divinos decretos; abateriam a Deus, ainda que tremulassem victoriosas suas catholicas bandeiras; tocariam a recolher seus capitães e exercitos, e confessariam na mais levantada fortuna a desigualdade de sua maior potencia contra os accenos da divina.

Isto é o que eu agora lhes quero persuadir e demonstrar, e um dos fins principaes porque escrevo esta Historia, para que pelo conhecimento de nossos futuros, possam emendar o engano de suas esperanças presentes. Sempre são falsas e enganosas as esperanças humanas, mas nunca mais certamente falsas, que quando se oppoem e encontram com as promessas divinas. Veja e saiba Castella o que Deus tem promettido a Portugal, e logo advertirá a vaidade do que suas esperanças lhe promettem. Oh quantas guerras, oh quanto sangue, ou quantos thesouros baldados poderiam poupar os reis, se no meio de seus conselhos podessem pôr um espelho em que se vissem os futuros! Tal é este livro, ó Hespanha, que tambem a ti dedico e offereço: aqui verás os futuros de Portugal, e tudo o que pódes esperar delle em sua conquista.

Levantou Deus no mundo a Jeremias por seu ministro, e a

commissão e officio que lhe deu, foi esta : *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et dissipas, et ædifices, et plantes* : (Jerem. I — 10) Hoje te ponho e constituo sobre as gentes, e sobre os reinos, para que arranques, destruas, e dissipas a uns; plantes e edifiques a outros. Não quer dizer Deus que Jeremias ha de arruinar ou edificar reinos com a espada; mas que os ha de arruinar ou edificar com as suas prophcias, prophetizando a uns sua exaltação, e a outros sua destruição e ruina. Se as prophcias resolutamente dizem que os reinos se hão de perder ou arruinar, apparelhem-se sem remedio para sua ruina; e se dizem que se hão de estabelecer e exaltar, crêam sem duvida sua conservação e augmento : *Ecce constitui te super gentes, et super regna*. Estão os prophetas e as prophcias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos, que influem e promettem suas felicidades, ou como cometas tristes e funestos, que influem e ameaçam suas ruinas. Levantem pois os reis e os reinos os olhos, olhem para estes signaes do céu, e se os virem estrellas, esperem; se os virem cometas, temam. Mas porque muitos reis esperam d'onde deviam temer, por isso erram, e se despenham, e se perdem, e perecem muitos. Se Acab, rei de Israel, temêra, como devia temer, a prophcia de Micheas, desistira da conquista de Ramoth Galaad, em que tão teimosamente insistia\*; mas porque quiz antes esperar, como não devêra, nas promessas e lisonjas vãs de seus aduladores, em um dia perdeu a batalha, a conquista, a corôa, a vida. Não podem as armas dar a victoria a Acab, quando nas prophcias está segura Ramoth.

Clamava a prophcia de Jeremias ao rei e principes de Jerusalem, que se accommodassem com Nabucodonosor, contra o qual não podiam prevalecer"; mas porque el-rei Sedecias, fiado na potencia de suas armas, quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os assyrios, prevaleceram estes em fim como o propheta tinha promettido; e o rei

\* 3. Reg. cap. 22 per tot.

" Jerem. cap. 21 e 22 per tot. et cap. 34.

conheceu tarde a temeridade de seu conselho. Que differente foi o de Cyro, prudente e famoso rei de Babylonia! Intendeu este mesmo excellente principe pela mesma prophecia de Jeremias, e pelas de outros prophetas, que o captiveiro e sujeição dos israelitas que elle tinha debaixo de seu imperio, não queria Deus que durasse mais de sessenta annos. (Jerem. XXIX -- 10) E tanto que estes se acabaram (sendo gentio idolatra), sem partido, sem interesse, sem obrigação, nem reconhecimento, os restituiu todos livres á sua patria.

Contentou-se o gentio com o que Deus se contentava, e não quiz perpetuar a servidão, quando Deus tinha limitado annos ao castigo: crêu as prophecias sem serem suas, ou de seus oraculos, senão dos mesmos israelitas, porque tendo-as experimentado verdadeiras na sentença do captiveiro, fôra cobiça, e não razão, tel-as por falsas na promessa da liberdade. Oh que caso tão parecido ao nosso caso! Oh que acção tão digna de se santificar, e fazer christã passando-a de um rei gentio a um rei catholico! Quiz Deus por seus altos juisos, que Portugal perdesse a soberania de seus antigos reis, e que sua corôa, ajuntando-se ás outras de Hespanha, estivesse sujeita a rei estranho; mas esta sujeição, e este castigo, não quiz o mesmo Deus que fosse perpetuo, senão por tempo determinado e limitado, e que este termo e limite fosse o espaço só de sessenta annos. Assim o diziam as prophecias, e assim o provou com admiravel consonancia o cumprimento dellas: só faltou para total similhaça do caso de Babylonia, e para immortal gloria de Cyro de Hespanha, que a acção fosse voluntaria, e não violenta; sua, e não dos portuguezes. Mas vamos ás prophecias do captiveiro, e ao termo dos sessenta annos delle.

S. Frei Gil, religioso portuguez da ordem de S. Domingos, (de cujo espirito prophetico se dará noticia em seu logar) diz assim: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus, insperatè ab insperato redime*". Portugal por

\* 1. Esdr. cap. 1, per tot.

\*\* Gregorio de Almeida na Restauração de Portugal, e o auctor no sermão do primeiro de Janeiro.

orphandade do sangue de seus reis, generá por muito tempo; mas Deus lhe será propicio, e, não esperadamente, será remido por um não esperado. Gemeu Portugal muito tempo, porque gemeu por espaço de sessenta annos debaixo da sujeição de Castella; e foi occasião desta sujeição, e destes gemidos, ficar o reino orphão de seus reis, porque os dois ultimos, D. Sebastião, e D. Henrique, faltaram sem deixar successão; mas foi-lhe Deus propicio, porque dispoz com tão notaveis successos a execução de sua liberdade, e foi remido não esperadamente, porque muitos não esperavam, antes desesperavam desta redempção; e remido por um não esperado, porque o redemptor, pelo qual geralmente se esperava, era outro, e não el-rei D. João o IV.

No juramento authenticico d'el-rei D. Affonso Henriques, em que se conta o miraculoso apparecimento de Christo quando por sua propria pessoa quiz fundar o reino de Portugal, são bem notorias aquellas palavras, mandadas annunciar ao rei pelo mesmo Senhor, com o recado de que lhe queria apparecer: *Domine bono animo esto: vices, vices, et non vinceris: dilectus es Domino, posuit enim super te, et super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit*: Senhor estae de bom animo: vencereis, vencereis e não se-reis vencido: sois amado de Deus, porque poz sobre vós e sobre vossa descendencia os olhos de sua misericordia até á decima sexta geração, na qual se attenuará a mesma descendencia, mas nella attenuada tornará a pôr seus olhos. Até aqui a divina promessa, cujo cumprimento é tão manifesto, que quasi não necessita de explicação. A decima sexta geração d'el-rei D. Affonso Henriques (contando as gerações, como se devem contar, de rei a rei e de coroa a coroa) foi o cardeal rei D. Henrique, como se vê pelo cathalogo seguinte:

- 1.º El-rei D. Sancho I.
- 2.º El-rei D. Affonso II.
- 3.º El-rei D. Sancho II.
- 4.º El-rei D. Affonso III.
- 5.º El-rei D. Diniz.

- 6.º El-rei D. Affonso IV.
- 7.º El-rei D. Pedro I.
- 8.º El-rei D. Fernando.
- 9.º El-rei D. João I.
- 10.º El-rei D. Duarte.
- 11.º El-rei D. Affonso V.
- 12.º El-rei D. João II.
- 13.º El-rei D. Manuel.
- 14.º El-rei D. João III.
- 15.º El-rei D. Sebastião.
- 16.º El-rei D. Henrique.

Neste ultimo rei se attenuou a descendencia, porque ainda que não quebrou de todo, ficou por um fio, e fio tão delgado e attenuado, como era a unica casa de Bragança descendente do infante D. Duarte, irmão menor de D. Henrique: mas neste fio, unico e tão delgado, se veio a verificar, que depois da descendencia d'el-rei D. Affonso Henriques attenuada no decimo sexto rei, tornaria Deus a pôr seus olhos nella, porque nella se restituiu a coroa, que Christo então lhe dava, sendo restituída (como foi) ao duque D. João o II de Bragança, rei D. João o IV de Portugal, e decimo setimo dos reis portuguezes descendentes do primeiro Affonso. Por outros modos tambem verdadeiros se faz esta mesma conta; mas este temos por mais natural, mais facil, e mais conforme á mente da prophecia e ás circumstancias em que naquella occasião se fallava.

S. Bernardo, em uma carta escripta a el-rei D. Affonso Henriques, com quem tinha particular e intima amisade e correspondencia, a respeito das coisas presentes e futuras do reino, prophetizou com admiravel clareza o termo dos sessenta annos do castigo, e a continuação e successão de reis portuguezes, antes e depois della: a carta é a que se segue, conservada em muitos archivos deste reino, e divulgada fóra delle muitos annos antes da nossa restauração: « *Dou as graças a vossa senhoria pela mercê e esmola que nos fez do sitio, e terras de Alcobaça, para os frades fazerem mosteiro, em que sirvam a Deus, o qual em recompensação desta, que no céu lhe pagará, me disse lhe certifi-*

*casae eu da sua parte que a seu reino de Portugal nunca faltariam reis portuguezes, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar; não será porém tão comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta annos. De Clara-val 13 de Março de 1136. Bernardo »\*.*

A condicional do castigo cumpriu-se por nossos peccados, que sem duvida deviam ser muito grandes: mas tambem se cumpriu muito pontualmente, que o castigo não chegaria a termo de sessenta annos, porque el-rei D. Philippe o II foi jurado por rei de Portugal nas côrtes de Thomar em 26 de abril do anno de 1581. El-rei D. João o IV nas côrtes de Lisboa em 13 de dezembro de 640 que fazem 59 annos e cinco mezes menos alguns dias, ou sessenta annos não completos, como S. Bernardo tinha prophetisado. Outra carta temos do mesmo santo escripta ao mesmo rei, em que dá outro signal manifesto (e tambem já cumprido), do tempo em que havia de faltar a coroa, que adiante poremos.

Finalmente, muitas pessoas (de cujo espirito, a respeito dos successos futuros de Portugal, tractaremos larga e particularmente no cap. 60 deste livro, não só predisseram a sujeição do reino a Castella, e sua liberdade, mas que o fim de uma, e principio de outra, havia de ser signaladamente no anno de quarenta, e que naquelle anno seria levantado novo rei de Portugal, e que este se chamaria D. João, com todas as outras circumstancias tão miudas e particulares, como se verá no mesmo logar\*\*.

De maneira que por todas estas prophcias consta claramente, que ao reino de Portugal haviam de faltar os reis portuguezes, e que esta falta havia de succeder no decimo sexto rei descendente d'el-rei D. Affonso Henriques, e que havia o reino de gemer debaixo da sujeição estranha, e que esta sujeição havia de ser a Castella, e que não havia de durar mais que sessenta annos não completos, e que o termo destes sessenta annos havia de ser

\* Fr. Francisco de Foyos no seu sermão iupresso da introducção do Lausperenne de Alcobaca.

\*\* Vide D. João de Castro, e o memorial que deu ao papa Innocencio X Panteleão Rodrigues Pacheco, bispo nomeado de Elvas.

no anno de quarenta, e que neste seria levantado pelos portuguezes rei novo; e que se havia de chamar D. João: as prophcias o disseram, e os olhos o viram.

Pois se Deus não quiz que a sujeição de Portugal a Castella fosse perpetua, porque hão de querer e porfiar os homens, em que o seja? Se Deus limitou esta sujeição ao termo de sessenta annos, porque se não hão de conformar os homens com seus soberanos decretos? E porque se não hão de contentar com o que Deus se contentou? Porque se não verá no catholico Cyro de Hespanha um acto de tanta justiça e generosidade, e de tanto rendimento e obediencia a Deus, como se viu no Cyro de Babilonia? Se Deus lhe deu o usufructo de Portugal por praso somente de sessenta annos, e estes são acabados, porque se ha de querer chamar ao dominio e prescrever contra o céu? Se lhe parece coisa dura arrancar de sua coroa uma joia tão preciosa como o reino de Portugal, reparem seus prudentes e catholicos conselhos, que o não era menos naquelle tempo, nem menos conhecido e celebrado no mundo o reino de Judá, e que Cyro, rei ambicioso, arrogante e gentio, nem duvidou de o demittir de seu imperio. Quanto mais que por este acto de consciencia, religião e christandade, e por este reino que Castella restituir, ou consentir a Deus (pois elle tem já restituído), lhe pôde Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa, e amplifique o imperio de sua monarchia, como succedeu ao mesmo Cyro. Por aquelle acto de generosidade e desinteresse foi Cyro tão amado de Deus, que lhe chamava o meu rei, o meu unguido, o meu Christo, o meu Cyro; e pelo merecimento deste obsequio e rendimento á vontade divina lhe deu Deus em um dia o imperio dos assyrios, que era a primeira monarchia e universal do mundo, como o mesmo Cyro reconhece havel-o recebido da sua mão. Tão liberal é Deus com os principes que não regateam reinos, nem estados, com elle; e por um reino de tão poucas legoas de terra, qual era o de Judea (igual com pouca differença ao de Portugal), dá em premio e recompensa a monarchia de todo o mundo. Taes são os interesses (quando houvera algum maior que o de obedecer a Deus), que Hespera-

nha podia esperar do desinteresse deste acto, podendo de outra maneira (para que não callemos esta verdade), temer justissimamente que á resolução e porfia contraria succedam effeitos tambem contrarios. Se por um acto de justiça, desinteresse e obediencia dá Deus uma monarchia; por um acto de justiça, ambição e desobediencia tambem poderia tirar outra. E já a ordem das coisas naturaes as teve menos dispostas a uma grande ruina.

Quero pôr aqui as palavras do texto sagrado, em que Cyro faz desistencia do reino de Judea, e deixou aquelle povo em sua liberdade, por serem mui dignas de toda a ponderação, imitação e memoria. Dizem assim no primeiro livro de Esdras cap. 1.<sup>o</sup>, e são o exordio de sua historia: *In anno primò Cyri regis persarum, ut completeretur verbum Domini ex ore Jeremiæ; suscitavit Dominus spiritum regis persarum, et traduxit vocem in omni regno suo, etiam per scripturam, dicens: Hæc dicit Cyrus rex persarum: omnia regna terræ dedit mihi Dominus Deus cæli, et ipse præcepit mihi ut ædificarem ei domum in Jerusalem, quæ est in Judæa. Quis est in vobis de universo populo ejus? Sit Deus illius cum ipso; ascendat in Jerusalem,*

Lastima é, que similhante escriptura não fosse de rei catholico; e maior lastima será ainda, que posto algum rei catholico na mesma occasião, não queira immortalisar seu nome e religião com outro decreto similhante. No anno primeiro de Cyro, rei dos persas (quem assim começou a reinar, não podia deixar de ter tão felizes progressos), para se dar cumprimento á palavra divina declarada nas prophcias de Jeremias, levantou Deus o espirito de Cyro, rei dos persas (que só podia fazer uma acção tamanha e tão real um rei de espirito e espiritos mui levantados por Deus), e mandou apregoar em todos seus reinos por escripto firmado de sua mão este decreto: Cyro, rei dos persas, diz: O Rei do céu me deu e fez senhor de todos os reinos do mundo, e elle me mandou que lhe edificasse casa em Jerusalem, cabeça de Judea: pelo que toda a pessoa que houver em meus estados, pertencentes áquelle povo e reino, o mesmo Deus seja com elle, e se pôde tornar livremente para Jerusalem, etc. Leam este decreto os reis, e

monarchas do mundo, aquelles principalmente que sendo reis, e possuindo os reinos, como dizem em suas provisões, *por graça de Deus*, com tão pouco respeito ao mesmo Deus, e á mesma graça, armam seus exercitos contra os alheios. Se Deus deu tantos reinos a Cyro, porque não dará Cyro um reino a Deus, ainda quando fosse seu indubitavelmente? Mas o que eu só quero ponderar, e peço por reverencia do mesmo Deus aos reis catholicos; a seus conselhos, e a seus letrados, ponderem, ao que Cyro, rei não catholico, chama preceito de Deus neste seu edicto. Não teve Cyro outro preceito ou mandado particular de Deus (como notam todos os expositores) mais que as prophcias em que estava annunciado, que no fim de setenta annos havia de ser o reino e povo hebreu libertado do captiveiro de Babylonia, e restituído á sua patria, corôa, e liberdade; e a estas prophcias chama o rei sem fé preceito de Deus; a este genero de preceito assim escripto, posto que não intimado com outra auctoridade, ou solemnidade, julgou que tinha obrigação de obedecer, e obedeceu com effeito, e observou em materia tão grave, e de tanto pezo e interesse de sua corôa, como era demittir de si um povo, e um reino tão notavel, de que elle já era o terceiro possuidor, porque o primeiro, foi Nabucodonosor, o segundo Balthasar, e o terceiro Cyro.

Não sei que possa haver mais claro espelho do nosso caso: se Hespanha se quizer vêr e compôr a elle, lêa as prophcias que neste livro vão escriptas, e já cumpridas; veja quão legitimamente está restituído por ellas, conforme o decreto ou preceito divino, o rei e reino de Portugal, e não me crêa a mim, senão a seus proprios doutores, e ao que mais duramente teem impugnado em nossos dias esta parte, e defendido a contraria: siga-se a sua doutrina, e não a minha advertencia.

D. João de Palafoz e Mendonça, bispo de la Puebla de los Angeles, do conselho supremo de Aragão, na sua Historia Real Sagrada, escripta, como se vê, em tantos logares, mais para contradizer o novo reino de Portugal, que para historiar o de Saul, impugnando a eleição d'el-rei D. João o IV, cujo nome se dissimula, e ponderando augusta e doutamente os signaes com que se havia de justificar, para ser legitima, e de Deus, com maior ele-

gancia, que decencia, porque o affecto lhe fez corromper a pureza de seu estylo, diz assim no liv. 2.º pag. 88 : Hazia-se una mudança tan grande en Israel, como acabarse el gobierno de los juezes, que havia durado quinhentos años, y començar el de los reyes : escogíase para principe un hombre, que ayer era subdito y labrador ; el que antes era compañero, havian de venerarlo por rey : pues para cosa tan grande, de tan rara, y de tales y tan graves dependencias vayanse a sus casas los israelitas, duerman, y piensen sobre ello : buelva otra vez Samuel a la oracion, digale el Señor a que hora vendrá el dia siguiente, el destinado al imperio, succeda la profecia, buelva-se otra vez a dezir que aquel es el hombre, llevele a su casa, conoscale, y reconoscale, ungale, y ungido justifique su vocacion con algunas profecias, y señales de lo que le ha de succeder despues de ungido, con que el profeta quede con quietud, y sociego, de que aquello le mandò el señor ; y el elegido justifique la jurisdiccion, que se tenga por principe legitimo, y llamado de Dios al gobierno.

Tres coizas requer Palafoz, ou tres circunstancias em uma, para que a vocação do rei se justifique ser de Deus, e para que os ministros que o ungiram (como Samuel e Saul) fiquem com quietação e socego, de ser aquelle o que Deus mandou ungir ; e para que o mesmo rei ungido e eleito justifique sua jurisdicção, e se tenha por principe legitimo, e chamado por Deus ao governo. E quaes são estas tres coizas ou circunstancias ? As mesmas que intervieram e succederam na eleição e unção de Saul. Primeira, haver prophecia de ser Saul o destinado por Deus ao imperio. Segunda, que a prophecia não seja só uma, senão algumas. Terceira, que essas prophecias succedam, assim como estavam predictas e prophetisadas.

Verdadeiramente estas palavras do bispo Palafoz : *Cum esset pontifex anni illius*, me parecem dictadas por algum espirito e intento superior, para que sendo ditas como as de Caifaz, com tão diverso e contrario intento, fossem verificadas no mesmo principe, e no mesmo reino que elle queria impugnar e destruir, e sua mesma accusação seja um testemunho publico, e mais qualificado da justiça e justificação de nossa causa.

Se Palafoz pede prophcias, damos a Palafoz prophcias, e não prophcias daquelle dia, como as de Samuel, senão de cento, de trezentos, e de quinhentos annos antes, que são as mais qualificadas e livres de suspeita, e que só podem ser dictadas e inspiradas por aquella sabedoria eterna, a quem os futuros são presentes : e taes são as que pouco antes allegámos, porque as ultimas havia cem annos que estavam escriptas; as de S. Frei Gil, trezentos annos, e as de S. Bernardo e d'el-rei D. Affonso Henriques, mais de quinhentos, e todas publicas, authenticas, e justificadas com o testemunho universal do mundo, que as tinha visto e lido. Se Palafoz pede que a prophcia não seja só uma, senão algumas; como as de Samuel foram tres, não só damos a Palafoz tres prophcias, senão trinta prophcias, e tres vezes trinta, as quaes se poderão vêr no cap. 6.<sup>o</sup> deste ante-primeiro livro, porque tantas são (se bem se distinguirem e contarem) as coisas diversas e prophetisadas que alli se referem todas, não só futuras, mas de futuros livres e contingentes, que nenhuns um intendmento humano, diabolico ou angelico, podia tantos annos prevêr, nem conhecer, sem revelação de Deus, que são as condições que propriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa, e provada prophcia, como é sentença commum dos theologos, e se provará larga e demonstrativamente em seu logar.

Finalmente, se Palafoz pede que as mesmas prophcias sejam provadas e confirmadas com o successo, assim antes, como depois de o rei ser eleito e ungido, no allegado cap. 60, se verão as mesmas prophcias declaradas e ajustadas com o successo; algumas dellas cumpridas antes da restituição e coroação d'el-rei D. João o IV, outras no mesmo caso e circumstancias de sua restituição, e as demais desde aquelle tempo até o anno de 663, além de muitas outras que estão ainda por cumprir, que se lerão no discurso desta Historia, com cujo effeito, de que se não deve duvidar (como tambem provaremos), se irá cada dia confirmando mais, e mais a mesma verdade, bastando e sobejando a decima parte das prophcias já cumpridas, para se justificar superabundantemente conforme a doutrina de Palafoz, com grande quietação e socego dos animos, que a vocação daquelle rei foi de Deus

mandada e ordenada por elle, e que a sua jurisdicção é verdadeira e legitima, como de principe notoriamente chamado e destinado pelo mesmo Deus ao imperio. Tal foi a eleição de Saul; tal a de el-rei D. Affonso Henriques, fundador do reino de Portugal; e tal a de el-rei D. João, seu restaurador.

Não deixarei tambem de lembrar aqui, que não são tão novas e desconhecidas em Castella as prophcias ou esperanças de Portugal, que não façam menção dellas seus auctores, applicando-as á primeira parte deste mesmo caso nosso, e não duvidando que delle fallavam, e delle se haviam de intender D. João de Orosco, y Covarruvias arcediago de Cuellar na egreja de Segovia, no seu Tratado de la verdadera y falsa prophcia, liv. 1.º cap. 14, diz assim: — «*Destá manera tuvo yo noticia de algunas profecias portuguezas, que eran tenidas como de S. Isidoro, y tengo notado yo una, em que a mi parecer se dixo mucho ha el haver de juntar-se aquel reyno de Portugal con el nuestro, con harta particularidad.*» Até aqui no corpo do livro; e commentando á margem o seu mesmo texto, põe as trovas seguintes:

*Vejo, vejo, do rey vejo  
(Vejo, o estoi soñando?)  
Semente de rey Fernando  
Hazer un fuerte despejo,  
Y seguir con gran desejo,  
Y dexar acá sua viña,  
Y dezir, esta casa es mia,  
En que aora acá me vejo.*

A traducção não é muito limada, mas a explicação é muito propria, muito accomodada, e muito bem deduzida; porque sendo o intento e o assumpto, ou thema daquelle prophcia, pre-dizer os successos futuros de Portugal depois de sua restauração, como se tem visto, foi principio muito conveniente á ordem dos mesmos successos, começar pela sujeição do mesmo reino a Castella, e pela entrada dos reis castelhanos em Portugal. E se o verdadeiro propheta, e primeiro auctor desta prophcia é Santo Isidoro, e não outro, tanto melhor; porque temos mais qualificado auctor e mais auctorizado propheta. Mas

vejamos de caminho que é o que diz Santo Isidoro, e como avalia esta acção do rei, semente d'el-rei Fernando, que foi seu neto Philippe II. O nome que dá a esta acção Santo Isidoro é chamar-lhe *despejo*, que em tom castelhano quer dizer *desverguença*; e chamar-lhe despejo forte, porque foi despejo armado de poder e de exercitos, e não (como devêra ser) de justiça: ou lhe chama também forte, porque ás coisas feitas sem razão chamamos sorte coisa, como se dissera: Forte coisa é, e despejo grande, que estando em Portugal a senhora Dona Catharina, neta legitima d'el-rei D. Manuel, e filha herdeira do infante D. Duarte, e devendo preceder a todos os pertensores da coroa, assim pelo direito commum da representação, como pelas leis particulares do reino, que não admittem á successão principe estrangeiro; um rei, que era descendente de Fernando, por antonomasia chamado o rei Catholico, se viesse por força introduzir na casa alheia sem mais razão nem justiça que metter-se nella e dizer: « Esta casa é minha, em que agora cá me vejo. » Basta, rei catholico e descendente de catholico, que porque vos vêdes mettido na casa alheia, por isso haveis de dizer: « Esta casa é minha »? Não de balde o santo arcebispo se espanta tanto de uma tal acção, que depois de a estar vendo com espirito prophético, ainda duvida se era visão ou sonho: *Vejo, vejo, do rei vejo, vejo, ou estou sonhando?* Mas o effeito mostrou que não era sonho, senão visão verdadeira, posto que visão de um caso tão difficiloso de crêr. E pois o metterem-se os castelhanos em Portugal foi despejo, razão foi também que os fizessem despejar. Mas não é este o meu intento, nem esta illação a que eu quero inferir.

Diz o doutor Orosco e Covarruvias, que nesta prophecia está prophetisado *con harta particularidad, haver de juntar-se aquel reino de Portugal con el nuestro*. Bem dito: mas se este mesmo auctor, e este mesmo texto, e este mesmo Santo Isidoro diz que o reino se ha de restituir outra vez, e com muito maior particularidade no anno de quarenta, e que o seu rei se ha de chamar D. João: se isto, digo, está bem prophetisado, e prophetisado no mesmo livro e no mesmo tempo, e allegado o mesmo doutor; porque não hão de crêr os Oroscos, e Covarruvias castelhanos nesta

segunda parte da mesma prophecia, assim como creram na primeira.

De maneira, que quando as prophecias de Portugal prophetisam que Portugal se ha de ajuntar a Castella, são prophecias; e quando prophetisam que Portugal se ha de tornar a separar de Castella e se ha de restituir á sua liberdade, não são prophecias? Não o havia de julgar o mesmo Orosco e o mesmo Covarruvias, nem o julgou assim o mesmo Santo Isidoro. Forte despejo foi aquelle, mas ainda esta consequencia é mais forte. Ora, senhores, acabemos de crêr a Deus, que nem elle pôde mentir, nem nós o podemos enganar, Sei eu, e sabe Portugal, e Castella tambem o sabe, quanto cuidado lá davam antes deste tempo, e quanto temor se tinha de nossas prophecias; e não intendo agora como depois dellas cumpridas, e qualificadas com tão maravilhosos effeitos se lhe tem perdido a reverencia. Em seu lugar, como tenho promettido, se verá tão demonstrada a sua verdade, que nenhum odio, nem interessé possa negar que são de Deus; e que em consequencia será indigno de todo o juizo porfiar ainda contra ellas, depois de tão conhecidas. Conhecia Herodes a verdade das prophecias; inquiriu por ellas o tempo, o lugar do nascimento do Rei prophetisado, e logo armou contra elle a crueldade de seus exercitos. Até aqui podia chegar a loucura e a cegueira de um mal aconselhado principe: crêr a verdade das prophecias, e esperar prevalecer contra ellas por força de armas: mas que effeito tiveram, ou que façanhas obraram os exercitos de Herodes? Contra o rei e contra o reino, que pertendia estorvar, nenhuma coisa. Só se afogou Belem em sangue, e nadou em lagrimas: só se ouviram em Ramá e no céu as queixas e lamentações de Rachel. Este é o fim sem outro fructo de tão desesperadas resoluções: sangue innocente derramado, lagrimas, queixas, lamentações, clamores, e não dos outros, senão dos próprios vassallos. Vassallos eram do mesmo Herodes todos os que morreram em Belem: cubriu de luto o reino proprio, e não pôde atalhar com tantos rios de sangue os progressos do que procurava impedir, porque estava destinado por Deus ao dominio de seu verdadeiro Senhor, e firmado com sua palavra.

Considere Castella contra quem peleja, e conhecerá quão impossivel é a empreza a que aspira; acabe de intender que não peleja contra Portugal, senão contra a firmeza da palavra e promessas divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos exercitos, sitiá as nossas cidades, bater, minar, escalar e arruinar as nossas muralhas, bem póde ser; mas fazer brecha na firmeza da palavra divina é impossivel: não ha muro tão gastado da antiguidade, e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escripto com letras de bronze: *Verbum Domini manet in aeternum*. Reparem os famosos capitães de Castella, e considerem seus prudentissimos e experimentados conselheiros, apartando os olhos por um pouco de Portugal, se se acham seus exercitos com forças e poder bastante para conquistar Europa, para sujeitar todas as quatro partes do mundo, e ainda para escalar como filhos do sol, o céu, e tirar d'elle a Jupiter: pois saibam, que mais facil será conquistar Europa, o mundo, e o mesmo céu empyreo, do que vencer e sujeitar Portugal, defendido e armado (como está) com as promessas divinas: *Cælum, et terra transibunt, verba autem mea non præteribunt*. Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deus, batam, abalem, derrihem, desfaçam este castello, e depois d'elle rendido, então poderão conquistar Portugal. Perguntem a el-rei José e a el-rei Acab, com as forças de dois tão poderosos reinos unidos, porque não conquistaram a Ramoth? Perguntem a Benedad, rei de Syria, e aos trinta e dois reis que o acompanhavam, porque uma e outra vez não conquistaram Samaria, sendo tanto o numero de seus soldados, que com um punhado de terra que cada um lançasse sobre ella (como elles diziam) a podiam sepultar? Perguntem ao soberbissimo Senacherib, vencedor de tantas nações, com todo o estrondo de tantos mil carros de guerra, e tão innumeraveis exercitos de pé e de cavallo, porque não chegou a metter uma setta dentro dos muros de Jerusalem? Porque Ramoth estava defendida com uma prophecia de Micheas: Samaria com uma prophecia de Eliseu: Jerusalem com uma prophecia de Isaias. (4. Reg. — 11)

Mas deixados exemplos das escripturas e prophecias canonicas, oiçam tambem as nossas, que sendo de inferior auctoridade,

tambem foram dictadas, como depois se verá, pelo mesmo espirito. Porque puderam romper os portuguezes os claustros impenetraveis do Oceano, e conquistaram nas outras tres partes do mundo, sendo um reino tão pequeno, tantas, tão novas, e tão poderosas nações, senão porque estava escripto?

Porque estando sujeitos a Castella, e debaixo de seus presidios, sacudiram tão feliz e animosamente o jugo, e em um dia restauraram sua liberdade, em Portugal, na Africa, na Asia, e na America, senão porque estava escripto? Porque hontem na memoravel batalha do Cano com partido tão desigual romperam um tão luzido e poderoso exercito, formado mais de capitães, que de soldados, e escalaram com tanta fatalidade aquellas montanhas, ou muralhas da natureza, a que o seu general chamou castellos de Milão, senão porque estava escripto? Pois se a conservação, a liberdade e perpetuidade, as victorias e outros maiores triumphos de Portugal estão tambem escriptos com as mesmas letras, e dictados pelo mesmo espirito; que esperança, ou desesperação é pretender conquistar a Portugal? Oh, acabe de intender Castella, quem defende Portugal, e contra quem pelega! Com mui desigual inimigo se toma, quem quer guerrear contra Deus.

Não é nem pôde ser nossa intenção diminuir as forças de Hespanha, nem escurecer a grandeza de sua potencia, tão conhecida do mundo todo, e tão temida e reverenciada de seus inimigos e invejada de seus emulos. Mas é força que ella e nós confessemos, que são maiores os poderes de Deus, e que assistida delles a desigualdade de Portugal, pôde resistir e prevalecer contra Hespanha, como lhe tem resistido e prevalecido em tantos annos. Dizem as fabulas, com significação não fabulosa, mas verdadeira, que quando Paris houve de ferir mortalmente o impenetravel corpo de Achilles, uniu o deus Apollo a mão de Paris com a sua, e ambas juntas dispararam a setta fatal. Comparado o braço de Paris com o de Achilles, mão por mão, e braço por braço, mais forte é o de Achilles; mas comparado o de Achilles com o de Paris, acompanhado de Apollo, mais forte é o de Paris. Não foi só a espada de Gedeão, a que com tão poucos soldados venceu os exercitos dos madianitas; mas a espada de

Gedeão nomeada pelo seu braço e pelo de Deus juntamente : *Gladius Domini, et Gedeonis*. Contra a espada de Gedeão naturalmente parece que haviam de prevalecer os exercitos madianitos ; mas contra a espada de Gedeão e de Deus, nenhum poder humano pôde prevalecer. Não pejeja Castella só contra os exercitos de Portugal, mas contra o Senhor dos exercitos. No dia memoravel da restituição de Portugal (ou fosse milagre ou mysterio) é certo que a imagem de Christo crucificado despregou publicamente o braço ás portas daquelle santo portuguez que tem por graça propria sua recuperar o perdido. Contra o braço estendido de Deus, que força ha que possa prevalecer, nem ainda resistir ? Este é aquelle braço omnipotente, que tira os poderosos do throno, e levanta a elle os humildes ou os humilhados, como fez naquelle dia. Grande gloria é de Portugal ter em seu favor o braço de Deus ; mas não foi menos honra e auctoridade de Castella, que fosse necessario o braço de Deus a Portugal para se libertar da sua sujeição.

Menos que o braço, e menos que toda a mão de Deus, bastou para livrar o povo de Israel do poder do grande rei Pharaó : o dedo de Deus é este, lhe disseram os seus sabios : *Digitus Dei est hic* ; e verdadeiramente foi grande dureza de entendimento imaginar Pharaó que podiam prevalecer seus exercitos contra um dedo da mão de Deus, quanto mais contra toda a mão. Assim lh'o remoqueou Moysés, quando escreveu aquella historia : *Induravit Dominus cor Pharaonis regis Egypti, et persecutus est filios Israel, at illi egressi erant in manu excelsa*. Notem muito estas ultimas palavras os reis e seus conselheiros : *At illi egressi erant in manu excelsa*. Se a mão do altissimo é a que assistiu aos libertados quando elles saíram do captiveiro, em vão se cança Pharaó em tirar carruagens, cavallerias e exercitos contra elles, senão é que o juizo divino os leva ao mar Vermelho, e os chama lá alguma occulta fatalidade. Bem se viu neste caso tão horrendo, quão gravemente se offende Deus de que ninguem presuma captivar a quem elle liberta.

Desengano, senhores meus, fallemos e oiçamos como catholicos. O que Deus faz, só Deus o pôde desfazer ; o que elle levanta,

só elle o póde derribar. Bem sabe Castella (signal é que o sabe bem, pois chega a o confessar); e no mesmo anno em que Portugal se havia de levantar, o estamparam assim seus escriptos. Bem sabe Castella (digo) que Portugal com singularidade unica entre todos os reinos do mundo foi reino dado, feito e levantado por Deus, naquelles mesmos campos, e naquella mesma provincia onde todos os annos trabalham e batalham os homens pelo derribar, pelo desfazer, e pelo tirar a quem foi dado.

Se Deus o deu, como o podem os homens tirar? Se Deus o fez, como o podem os homens desfazer? Se Deus o levantou, como o podem os homens derribar? E se Deus prometeu que na decima sexta geração attenuada poria os olhos nella para o restituir; como ha quem tanto á vista dos olhos de Deus queira triumphar sobre suas promessas e irritar seus decretos? Até a superstição dos gentios conheceu a consequencia desta verdade, e que os reinos fundados por um Deus (ainda quando houvesse muitos deuses) só o mesmo Deus os podia arruinar. Esta foi a theologia com que os dois principes dos poetas no incendio e destruição de Troya introduziram ao Deus Neptuno batendo com o tridente os muros que elle mesmo tinha fundado (Hom. Virg.).

Naquella noite em que Christo por sua propria Pessoa fundou o reino de Portugal, apparecendo e fallando ao seu primeiro rei, disse: *Ego aedificator, et dissipator regnorum, atque imperiorum sum: volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum nationes*\*. Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos imperios: e quero em ti e em teus descendentes fundar um imperio para mim, pelo qual o meu nome seja levado ás nações estrangeiras. Se Deus é o monarcha supremo e universal, que funda e desfaz os reinos e os imperios, e com tão especial solemnidade fundou por sua propria Pessoa nos reis portuguezes de Portugal; quem haverá, que não seja o mesmo Deus, que o possa desfazer e dissipar? Ponderem-se muito aquellas tres clausulas, *in te mihi stabilire*. Se Deus o fundou em nós, *in te*, quem o po-

\* Juramento d'el-rei D. Affonso Henriques.

derá arrancar de nós? Se Deus o quiz para si, *mih*, como o poderá ser de outrem? E se Deus prometteu de o estabelecer, *stabilire*, como o podem os homens arruinar? Acabem de conhecer, os que se prezam de conhecer a Deus, que são homens; e tenham-se por homens, por racionais, e por conselheiros, os que seguirem os dictames deste conhecimento. Na prodigiosa batalha das linhas de Elvas, quando o duque general primeiro ministro de Hespanha se viu tão inopinadamente de conquistador, conquistado, as trincheiras entradas, os esquadrões rotos, os fortes rendidos, o exercito desbaratado, as palavras com que se retirou, como tão prudente e tão catholico capitão, foram: *Contra Dios no valen manos*. Se este dictame tão são, tão verdadeiro e tão evidente, se seguira desde aquelle dia, quanto sangue que ao depois se derramou, estivera guardado nas veas, ou se tivera de uma e outra parte empregado em serviço daquelle grande Senhor contra o qual não valem mãos, nem validos? Contra a evidencia e fé desta razão, que não tem resposta, costuma atravessar o demonio aquella torpeza do inferno, a que os homens com nome espacioso e significação verdadeira infernal, chamaram reputação; dizem que não convem á reputação do grande monarcha das Hespanhas desistir da empreza de Portugal, não pelo que elle é, mas pelo que dirá o mundo: como se não estiveramos no mesmo mundo em que hontem o mesmo monarcha cedeu ás provincias unidas dos Paizes-Baixos, todos aquelles estados de que com tão differentes direitos era herdeiro e legitimo senhor. Mas para o nosso caso não são necessarios exemplos, nem tem lugar, porque é diverso de todos e de superior jerarchia. E quando concedessemos aos politicos, que para vaidade phantastica da opinião, se deviam arrastar tantos respeitos solidos e verdadeiros, como elles falsamente ensinam em nenhum caso da paz e reciproca desistencia das armas, esteve mais segura e mais honrada a reputação de Hespanha e de seu grande monarcha, que no da guerra presente: pelo mesmo fundamento e unico em que se funda todo este discurso, em ceder, obedecer a Deus, e não resistir á sua vontade conhecida, nunca se perde, nem póde perder reputação, antes se ganha a maior e mais qualificada de toda;

porque se a reputação consiste no juizo dos homens, nenhum juizo haverá no mundo catholico, politico, nem ainda gentílico, que não estime e venere uma tal acção pela mais christã, mais justa, mais prudente, mais generosa, mais heroica de quantas honraram a memoria dos maiores principes.

Quando Moysés foi notificar da parte de Deus a el-rei Pharaó, que dêsse liberdade ao povo de Israel, que havia tantos annos tinha debaixo de seu dominio; o que respondeu foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam*. Não conheço esse Deus, e não hei de demittir a Israel. Não disse que não queria obedecer a Deus, senão que o não conhecia; porque o principe que conhece a Deus, ainda que seja tão barbaro e arrogante como Pharaó, e em materia de tanto pezo e interesse, como dimittir de si o dominio de uma nação inteira e tão populosa, não póde duvidar de obedecer e se sujeitar á sua vontade: e porque Pharaó o não fez assim, ainda que gentio e sem conhecimento de Deus, a reputação que grangeou com aquella teimosa resolução, é a que hoje tem no mundo, e terá em quanto durarem os livros sagrados, de barbaro, de nescio, de obstinado, de impio rei, e de inimigo e destruidor (como foi por isso mesmo), de seu imperio.

Resistir a uma razão tão evidente, como a que diz (assim o quer Deus), é tão indigna e tão affrontosa resistencia, que nenhuma razão de estado a póde justificar, ainda que se perdesse o mesmo estado.

Depois da morte d'el-rei Saul o tribu de Judá seguiu as partes de David, e os outros onze tribus obedeceram e juraram por seu rei a Isboseth, filho herdeiro do rei defunto: (2. Reg. II — 8 e 9) seguiram-se bravas guerras entre um e outro partido; duraram sete annos, e o fim notavel em que vieram a parar foi, que os onze tribus deixaram a Isboseth, e voluntariamente se entregaram e se sujeitaram todos a David; e a maior circumstancia do caso é, que sendo ao parecer tão indignas as condições da paz, ella se ajustou em um dia sem o mediador Abner, sem haver em todos os doze tribus um só homem que fallasse uma palavra em contrario, nem ainda o mesmo Isboseth, que ficára privado do reino de seu pae, passando todo a David, que hontem

era seu vassallo. (Ibid. III — per tot.) Mas que razões tão fortes e de tanta efficacia foram as que representou Abner para persuadir e concluir tão breve e subitamente um negocio tamanho, em que os interesses, a honra e a reputação de todos estava tão empenhada, e muito mais a do mesmo rei? A razão foi uma só e esta que estou allegando: *Quoniam locutus est Dominus.* (Ibid. — 18) Propoz Abner aos tribus, que a vontade de Deus era que David fosse rei, como o tinha declarado o propheta Samuel; e contra esta proposta não houve rei, nem conselheiros, nem vassallos, que repugnasse ou respondesse, porque intenderam que o interesse de obedecer a esta razão, era o maior de todos os interesses, e que debaixo della, não só ficava salva a honra e a reputação, mas honrada a mesma honra. Assim como o vassallo nunca pôde perder a honra e reputação, senão ganhal-a em obedecer ao rei; assim o rei nunca a pôde perder em obedecer a Deus, senão ganhal-a, segural-a e accrescental-a muito.

E se buscarmos a raiz desta verdadeira razão, achal-a-hemos, sem muito cavar, no supremo dominio de Deus, que, como Senhor absoluto dos reinos e dos imperios, os pôde dar e tirar inteiros quando lhe parecer, e tambem dividil-os e partil-os quando é servido. David, como acabamos de vêr, começou com parte do reino de Israel, e depois inteirou-lhe Deus o imperio, e reinou sobre toda a Judéa. Seu filho Salomão logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Roboão entrou no imperio tambem inteiro, mas em seu reinado lh'o dividiu Deus, e deu parte delle a Geroboão.

O mesmo succedeu ao imperio de Hespanha nos ultimos tres reis della. Filippe II começou a reinar com parte; e depois com a união e sujeição de Portugal, inteirou-lhe Deus o imperio de toda Hespanha. Seu filho Filippe III logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Filippe IV entrou no imperio tambem inteiro, mas em seu reinado lh'o dividiu Deus, e deu a Portugal a parte que lhe pertencia.

Antes do reino de Israel se dividir entre Roboão e Geroboão, tomou o propheta Ahias a sua capa cortada em doze partes, e destas doze, deu dez a Geroboão, em signal de que Deus o

queria fazer rei de dez tribus de Israel. (3 Reg. XI — 30 e 31)

Note-se aqui, e note-se muito, que os prophetas são os que dividem os reinos, e os que os repartem : elles os dividem primeiro prophetizando, e depois Deus executando : e se o propheta Ahias pôde partir a sua capa, e dar parte della a el-rei Geroboão, e parte a el-rei Roboão ; porque não poderá Deus partir tambem a sua, e da purpura inteira que tinha dado, ou emprestado a um rei, cortar um retalho para vestir e coroar outro ?

Ah ! se os reis e monarchas considerassem que as purpuras que vestem lh'as empresta Deus da sua guarda-roupa, para que representem o papel de reis em quanto elle fôr servido ! E se o Roboão de Israel se contenta com que lhe tirem dez partes do reino, e lhe deixem uma : (assim o diz espressamente o texto sagrado) : *Porro una tribus remanebit ei ;* (Ibid. — 32) porque o tribu de Benjamin, que ficou a Roboão juntamente com o de Judá, por sua pouquidade não fazia numero (era outro Algarve em respeito de Portugal). E se o Roboão de Israel (como dizia) se contenta com que lhe tirem dez tribus, e lhe deixem uma só parte ; porque se não contentaria o Roboão de Hespanha, quando lhe tire o mesmo Dono um reino, se lhe deixa dez ? Oh como se pôde temer que chame Deus ingratição, a o que os homens chamam reputação ! A maior reputação de um principe que conhece a Deus, e reconhece seu supremo dominio, é dizer como Eli, ainda quando se visse despojado de tudo : *Dominus est, quod bonum est, in oculis suis faciat.* (1 Reg. XVIII)

E se esta razão, ainda em termos tão apertados, é sempre verdadeira ; quanto mais no caso presente, em que a grandeza de Hespanha e sua potencia, é o maior seguro de sua reputação ? Pedir paz, quem se não pôde defender da guerra, poderá ser menor credito ; mas dar a paz, não porque a ha mister, senão porque a quer dar, quem pôde fazer, e apartar a guerra, sempre é generosidade, honra, reputação e gloria. O grande poder é muito confiado. Poder pôr em campo doze legiões de anjos, e mandar embainhar a espada a Pedro, foi a maior gloria do poder supremo. (Matth. XXVI — 52 e 53) Não pôde dar mais a fortuna a um

principe, que poder o que quer : nem póde exceder um principe essa mesma fortuna mais, que não querendo o que póde ; e não poder querer o que Deus não quer, ainda é um ponto mais alto sobre a grandeza. Mas se em toda a idade tem decencia e decoro a gentileza desta resolução, nos maiores annos ainda é incomparavelmente maior.

Pelejaram os pastores de Abrahão com os de Loth, os do tio com os do sobrinho : Abrahão que foi o que apartou a demanda, não quiz pelejar sobre a terra, quando os annos o chamavam mais para o céu. (Genes. XIII — 7 e 8) Ó poderosissimo monarcha Filippe IV, o Grande ! Dae licença para que tenham entrada a vossos ouvidos os eccos destas ultimas clausulas, não de meu discurso, senão de meu desejo ; as vozes de que elles se formam, sabe O que conhece os corações, que não se escrevem com outro fim mais que o de o agradar, e de que todos os principes catholicos o agradem ; que se não derrame sangue christão, e sobre christão hespanhol, pois é aquelle de que mais puramente se alimenta a santa madre egreja, e de que a cabeça della recebe os espiritos, com que vivifica e anima seus mais distantes membros.

Ouvi, senhor, a voz de um estrangeiro, desinteressado vassallo, que foi já vosso por sujeição, e hoje é tambem vosso (posto que não vassallo) por affecto. Ouvi a voz de um homem, que nem das felicidades de Portugal espera, nem das vossas teme ; porque vive fóra da jurisdicção da fortuna, por estado muito abaixo da sua roda, e por coração muito acima della. Com todo este desinteresse me atrevo, senhor, a vos dizer de longe, o que póde ser não tenhaes ouvido de mais perto.

A maior façanha de Carlos vosso avô, com que coroou todas as suas, foi saber morrer. Merecestes na vida o titulo de Grande, maior sereis no fim della, se ao de grande accrescentardes o de justo. Não se póde pagar a Deus o que é de Deus, sem dar a Cesar o que é de Cesar ; e seria grande desgraça perder o reino eterno por um temporal já perdido. (Luc. XX — 25)

Não duvido, senhor, que tereis conselheiros de grandes letras, que segurem e justifiquem as causas de tão dilatada e cruel guerra :

mas ponham os reis diante dos olhos as letras e as balanças de Balthasar, e examinem elles se os seus maiores se governaram pelos pareceres dos letrados, ou os letrados pelos interesses dos reis. (Daniel V — 5 e 27) Os textos são da justiça, as interpretações podem ser da lisonja : com um texto santo mal interpretado quiz o demonio despenhar a Christo, e depois deste texto, e desta interpretação, lhe offereceu o reino que lhe não podia dar. (Matth. IV — 6) Grande signal é de predestinação de um principe, que faça Deus por elle as restituções, que nem seus predecessores fizeram, nem elle havia de fazer. (Ibid. — 8 e 9) Felicidade é levar já abatida das contas que se hão de dar a Deus uma partida tão grossa, como o reino de Portugal e suas conquistas : hasta haver-se de dar a mesma conta de Ormuz, de Ceilão, de Malaca, do Brazil, perdidos pela desatenção dos ministros, ou pela intenção (que será peor) dos politicos. O tratado de uma boa e justa paz, podia ser uma bulla de composição geral, com que se levassem purgados todos estes encargos : não queiraes levar sobre vós, e deixar sobre vossos filhos, por cima de tanto sangue derramado, o que ainda se pôde derramar.

Lembro-vos, senhor, o signo debaixo de que nascestes ; e seja este o ultimo suspiro do meu affecto : nascestes no dia em que morreu o Rei dos reis, e Monarcha supremo do mundo, para dar exemplo de morrer a principes : ponde os olhos neste soberano exemplar ; firmæ o titulo de rei com o de catholico, pois sempre prezastes mais o de catholico, que o de rei ; (Joan. XIX — 23 e 24) seja parte do sacrificio a repartição das vestiduras, e leve embora a tunica aquelle a quem coube em sorte ; e faça-se tudo diante de vossos olhos, antes que os fecheis. Se vos parece amargoso este trago, gostæe o fel, e não o passeis da boca : com esta obra tão consummada, podeis entregar a alma segura nas mãos do Padre, que é Rei e Senhor, o que só importa : com uma inclinação da cabeça podeis deixar pacificado o mundo : deixæe a paz por herança a vossa esposa. Esta será a maior prenda do vosso amor, este o tropheu maior de vossas victorias. (Matth. XXVII — 34)

## CAPITULO IX.

**Verdade desta Historia: declara-se o modo com que se pôde conhecer e saber os futuros.**

A primeira qualidade da historia (quando não seja a sua essencia) é a verdade; e porque esta parecerá muito difficultosa, e por ventura impossivel na Historia do Futuro, será razão, que, antes que vamos mais por diante, socegemos o escrupulo ou receio (quando não seja o rizo e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assento da fé, justo é que lhes mostremos primeiro os motivos da credulidade; não duvidamos da pia affeição de todos, pois a materia é tanto para crêr, e tão sua.

Confesso que entramos em um cahos profundissimo e escurissimo, de que se pôde dizer com toda a razão: *Tenebræ erant super faciem abyssi.* (Genes. I — 2) Mas neste mesmo abysmo de trevas, se o espirito do Senhor (como esperamos) nos não faltar com a sua assistencia, como alli não faltou: *Spiritus Domini ferebatur super aquas,* (Ibid.) dirá Deus o que só elle pôde dizer, e far-se-ha o que só elle pôde fazer: *Fiat lux, et facta est lux.* (Ibid. — 3) As maiores trevas que se viram no mundo, ou com que o mundo se não viu, foram aquellas do Egypto, das quaes diz o texto sagrado: *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti, nemo vidit fratrem suum, nec movite se de loco, in quo erat.* (Exod. X — 22 e 23) Trevas que faziam horror, trevas com que nada se via, e trevas com que se não podia dar passo: taes são as trevas, e tal a escuridade do futuro. Comtudo, o apostolo S. Pedro nos ensinou a entrar nestas trevas sem medo, e a dar passo, e muitos passos nellas, e a vêr claramente, e com maior certeza, tudo o que ellas encobrem: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui benefacitis attendentes, quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat.* (2 Petr. I — 19) Temos (diz o principe dos apóstolos, as prophcias e palavras certissimas dos prophetas, as quaes devemos observar e attender,

usando dellas como de candêa luzente em logar escuro e caliginoso, até que amanheça o dia. Logar escuro e caliginoso é o futuro; a candêa que allumêa são as prophecias; o sol que ha de amanhecer é o cumprimento dellas: e em quanto este sol, que será muito formoso e alegre, não apparece, não corôa os nossos montes, o que só agora podemos e devemos fazer, é levar a candêa das prophecias diante, e com a sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no logar caliginoso e escurissimo dos futuros, e veremos o que nelles se passa.

Por isso os prophetas na sagrada escriptura se chamam por antonomasia *Videntes*; porque com o lume da prophecia entram nos logares escurissimos e secretissimos dos futuros, e viam nelles claramente aquellas coisas para que todos os outros homens são cegos, e ninguem as pôde vêr senão allumiado da mesma luz. Eu conheço e confesso que a não tenho, nem basta estudo ou diligencia alguma para a alcançar, porque só Deus a pôde dar, e a dá, quando, e a quem é servido: *Non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia: sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt sancti Dei homines*, diz S. Pedro: (2 Petr. I — 21) mas ainda que a candêa esteja na mão de outrem, tambem se podem aproveitar da sua luz os que se chegarem a ella e a forem seguindo: nesta propriedade falla a escriptura, quando diz da prophecia de Aggeo: *Factum est verbum Domini in manu Aggæi prophetae*. (Aggæi I — 1) E da prophecia de Malachias: *Onus verbi Domini ad Israel in manu Malachiæ*. (Malach. I — 1) E geralmente das prophecias de todos os prophetas: *Sicut locutus es de manu puerorum tuorum prophetarum*. (Baruch. II — 20) De maneira, que poz Deus a prophecia como candêa na mão dos prophetas, para que, allumiados e guiados da mesma luz, os que não somos prophetas, possamos entrar com elles no logar escuro e caliginoso dos futuros, e vêr e conhecer com a luz, não nossa, o que elles viram e conheceram com a sua.

Este é o modo com que havendo a nossa Historia de caminhar por passos tão escuros e difficultosos, saberá comtudo onde ha de pôr os pés, e os porá mui seguros, seguindo sempre os

raios deste farol divino, e dizendo humilde a Deus com David: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis.* (Psal. CXVIII — 105) Serão pois as primeiras fontes desta nossa Historia, e os primeiros e principaes escriptores a quem nella seguiremos, todos ou quasi todos os prophetas canonicos, desde Isaias até Micheas\*; porque, excepto o propheta Jonas, cujo assumpto foi um só, e particularmente determinado á historia dos ninivitas, todos os outros, mais ou menos, concorreram para a fabrica deste novo edificio. Assim como os que escrevem annaes ou historias passadas e antiquissimas, recorrem aos auctores mais antigos, e estes são os que teem maior credito e auctoridade nas coisas daquelles tempos, assim nós que escrevemos do futuro, devemos recorrer e buscar a verdade e noticias da nossa historia, nos auctores dos tempos futuros, que são somente os prophetas, pois só elles os conheceram. E porque entre os outros livros sagrados, tambem canonicos, ha alguns que totalmente são propheticos, como os Psalmos, os Cantares e o Apocalypse; e todos os outros, assim do Velho como do Novo Testamento, contem, ou muitas ou algumas coisas propheticas, ainda que sejam meramente historicos, como o Genesis, Josué, Josias, Reis, Paralipomenon, Esdras, e Macabeus; ou meramente doutrinaes, como Proverbios, Sabedoria, Ecclesiastes, Ecclesiastico, e as Epistolas dos Apostolos; ou juntamente doutrinaes e historicos, como o Levitico, Numeros, Deuteronomio, Job, e os evangelhos; de todos estes nos ajudaremos tambem, quando servirem, ou podem servir (que não será pouco) ao conhecimento e intelligencia dos tempos futuros: assim que, podemos dizer em uma palavra, que a primeira e principal fonte, e os primeiros e principaes fundamentos de toda esta nossa Historia, é a escriptura sagrada; com que vem a ser um só livro e um só Auctor, o que nella principalmente seguiremos: o livro, a escriptura; o Auctor, Deus. Sobre estes fundamentos da primeira e summa verdade, entrará o discurso como architecto de toda esta grande fabrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo, e acrescentando

\* Alap. in procem. in proph. min.

tudo aquillo que por consequencia e razão natural se segue e infere dos mesmos principios, no qual modo de fabrica se não perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vae crescendo, dilatando-se, e fructificando, não em diversos, senão no mesmo corpo, como a arvore em suas raizes.

Deste modo crescem e se augmentam todas as sciencias, não só as naturaes, senão as divinas, e por isso se chamam, e são sciencias. Assim como a philosophia, de principios naturaes, evidentemente conhecidos, tira conclusões certas, evidentes, e scientificas, assim a theologia de principios sobrenaturaes, não evidentes, mas certissimamente conhecidos, tira conclusões theologicas, tambem scientificas, e ainda mais certas, posto que não evidentes. Nem este modo de discorrer sobre as prophcias e revelações propheticas, para vir em conhecimento dos mysterios, segredos, successos, e tempos futuros, que nellas não estejam immediatamente expressados, é alheio da reverencia que se deve aos oraculos divinos, nem atrevimento do intendimento e discurso humano, ou coisa nova e desuzada na igreja e escola de Christo, antes estudo muito licito, muito louvavel, e muito recommendado do mesmo Mestre Divino e seus successores.

Temos desta materia um excellento texto do apostolo S. Pedro (primeira e infallivel regra da igreja), o qual fallando das mesmas prophcias e prophetas, diz assim no primeiro capitulo de sua primeira epistola: *De qua salute exquisierunt, atque scrutati sunt prophetæ, qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, scrutantes in quod vel quale tempus significaret in eis spiritus Christi: prænuntians eas, quæ in Christo sunt, passiones, et posteriores glorias.* (1 Petr. I — 10 e 11) Quer dizer S. Pedro, que os prophetas antigos depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural, e elles conhecerem e prophetisarem mysterios futuros (como os da paixão e glorias de Christo) sobre os mesmos mysterios, e sobre as mesmas suas prophcias, inqueriam, e especulavam de novo com o lume natural do discurso muitas circumstancias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do mundo, em que os mesmos mysterios se ha-

viam de obrar, e as suas mesmas prophcias haviam de succeder. Desta maneira, no sentido em que o digo, vinham a inferir e alcançar pelo estudo e especulação natural e propria, o que Deus lhes não tinha manifestado pela revelação sobrenatural e divina. Isto é o que litteral e genuinamente significam aquellas palavras: *Exquisierunt, et scrutati sunt. Exquisitio, et scrutatio* (diz Lorino) *propriè indicant curam, et studium, et industriam naturalem meditationis, vel, lectionis, vel disputationis.*

De sorte que ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural da prophcia, com o cuidado, estudo e industria propria, lendo, disputando e meditando, vinham a estender e adiantar muito as mesmas prophcias, conhecendo dellas e por ellas, muitas coisas que nellas immediatamente não estavam reveladas: bem assim, como o sol ou candeia (que era a nossa comparação) não só alumêa com a luz que está ao lume, ou fogo que nella se sustenta, senão tambem, e muito mais, com a luz que della se vae produzindo, multiplicando e diffundindo por todas as partes visinhas e ainda distantes, conforme a sua menor ou maior esphera; assim o lume natural do discurso se vae propagando, diffundindo e estendendo a muitas coisas, tempos, successos e circumstancias que nellas estavam occultas; e pela conferencia e consequencia do mesmo discurso se vão intendendo e descobrindo de novo: isso quer dizer: *In quod vel quale tempus.* A palavra, *em que tempo*, significa a determinação do tempo certo em que as coisas hão de succeder; e a palavra, *no qual tempo*, significa as qualidades e circumstancias do mesmo tempo, isto é, o estado dos reinos, das republicas, das nações, e os acontecimentos particulares da paz, da guerra, do captiveiro, da liberdade, e outros semelhantes que no mesmo tempo, ou mais visinho ou mais distante, se hão de vêr e succeder no mundo: *Deprehendebant prophetæ instinctu spiritus Messiae ejusdem Messiae adventum, et gratiae dona, quæ allaturus erat. Nec tamen (saltem omnes) definitè scribunt quo tempore veniret, et quali; quàm brevi, an belli, aut pacis, captivitatis, aut libertatis; quo statu reipublicæ hebræorum explicabant, quæ Messias primum passurus, cum postea gloriam consecuturus, et collaturus etiam esset; at ignora-*

*bant circumstantiam temporis, et ratiocinando, ac conjecturando disquirebant.* Atéqui Lorino.

O mesmo diz Salmeirão, ambos doutíssimos expositores deste logar, e ambos trazem em confirmação o exemplo da Virgem Maria nossa Senhora, da qual diz o evangelho: *Maria autem conservabat omnia verba hæc, conferens in corde suo.* (Luc. II — 19) Conferia a Senhora, com ser alumiada sobre todas as creaturas, as palavras que os pastores referiam ter ouvido aos anjos, as que ouviu a Simeão, a Anna a prophetisa, e ao mesmo Christo Menino quando o achou entre os doutores; e dellas por discurso natural, inferia e descobria outros mysterios occultos e profundíssimos, que nas mesmas palavras não estavam expressamente declarados. Isto mesmo é o que se diz no cap. 15.º dos Actos dos Apostolos faziam os mais doutos christãos da primitiva egreja, e o que Christo mandou a todos que fizessem, dizendo por S. João no cap. 50.º: *Scrutamini scripturas.* (Joan. L — 39) É isto o que nós fazemos e devemos fazer, pois de nós e para nós fallam os prophetas, como diz o mesmo texto de S. Pedro nas palavras citadas: *Qui de futura in vobis prophetaverunt:* (1. Pet. I — 10) e mais abaixo: *Quibus revelatum est, qua non sibime ipsis, vobis autem ministrabant.* Onde a versão syriaca tem: *Nostra vobis vaticinabantur*.\*

E pois os prophetas prophetisavam para nós, e as coisas nossas, razão é que nós como nossas as intendamos: mas porque as prophcias por sua natural escuridade não são faceis de intender; e assim como se ha mister necessariamente a sua luz para conhecer os futuros, é tambem necessaria outra segunda e nova luz para as intender a ellas: esta segunda luz serão aquelles a quem Christo chamou luz do mundo: *Vox estis lux mundi;* (Matth. V — 14) e, por outras palavras, candêa aceza: *Neque enim accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio:* (Ibid. — 15) que são, em primeiro logar os apostolos sagrados, e em segundô os padres doutores da egreja e expositores das escripturas divinas, os quaes seguiremos e allegaremos em tudo o que dissermos com

\* Vers. Syriac apud A Lapid. hic § quibus.

estas duas luzes ou candêas, uma dos doutores sagrados, com que alumiaremos as prophcias, e outra as mesmas prophcias, com que alumiaremos e descobriremos os futuros, poderemos entrar neste labyrintho com todo o apparato e prevenção de instrumentos com que se entrava seguramente no de Creta. Era aquelle labyrintho por uma parte muito escuro, e por outra mui intricado; e para vencer e facilitar estas duas difficuldades, se inventou entrar nelle, não só com tochas, mas tambem com fio; as tochas para vêr o escuro dos caminhos, e o fio para entrar e sair pelo intricado delles: por este modo entraremos tambem nós pelo escuro e intricado labyrintho dos futuros. As prophcias e os doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio: isto é quanto ás prophcias e prophetas canonicos.

E porque o Espirito Santo depois de fechado o numero dos livros, e os escriptores sagrados (o qual se cerrou no Apocalypse de S. João) não deixou de illustrar e ornar sua esposa a igreja com o lume e dom da prophcia; e depois daquelles seus primitivos annos houve sempre novos prophetas, alumiados com o mesmo espirito, que por palavra e escripto predisseram muitas coisas futuras, assim dos seus, como dos seguintes tempos, tambem estes darão materia á nossa Historia. Não metteremos porém nesta conta senão aquellas prophcias somente, que, ou pela santidade de seus auctores, approvados e canonizados pela igreja, ou por outros fundamentos solidos da razão, experiencia e opinião do mundo, tenham na fórma possivel, merecido no juizo dos prudentes, o nome e veneração de prophcias ou predicções verdadeiras.

A este fim empregarei grande parte deste presente livro na qualificação do espirito prophetico que tiveram todos os auctores do futuro, que na Historia se hão de allegar, por ser este não só o principal, mas o unico fundamento de toda a sua verdade, e sem o qual vã e não merecidamente lhe devemos prometter o credito, que de todos os que a lêrem esperamos.

Por esta causa se não acharão por ventura neste nosso discurso menos, algumas que em nome de prophcias andam entre o vulgo, sem certeza de auctor, e muito menos do espirito com

que foram escriptas; e não só provaremos quanto fôr necessario o espirito da prophesia destes auctores, mas diremos o tempo em que escreveram as obras propheticas que delles existam; a inteireza ou corrupção com que se teem conservado, com uma breve relação tambem das mesmas pessoas (quando não forem geralmente mui conhecidas) pelo muito que importam todas estas noticias não só para a fé e credito, senão ainda, e muito mais, para a intelligencia e combinação das mesmas prophcias, que grandemente depende do tempo, e de outras semelhantes circumstancias.

Procurámos quanto nos fôr possivel que fosse mui exacta esta diligencia, e não só fallaremos nos auctores e prophetas modernos e não canonicos, senão igualmente nos antigos e sagrados, pelas mesmas causas. Tambem excitaremos a este fim, e resolveremos varias questões muito importantes ao conhecimento das prophcias, pela ordem que a necessidade ou occasião o fôr pedindo, e esta será a propria materia de todo este livro, a que por isso chamamos Ante-primeiro, e é como alicerce de todo o edificio: e posto que todo este tão largo prologomeno em rigor não seja Historia do Futuro, senão preparação ou apparatus para elle, á imitação de Baronio, e de outros auctores, que com menos necessidade o fizeram em suas historias.

Esperamos que a materia, por sua grande variedade e diligente erudição de coisas curiosas, e pela maior parte atégora não tractadas, não será injucunda aos que a lêrem, e que possa sem enfado entreter a expectação e desejo da mesma Historia, em quanto não sâe a luz, que será, como em Deus esperamos, muito brevemente.

De tudo o que fica dito ou promettido, se colhe facilmente quanta será a verdade desta Historia, porque as coisas que expressa e immediatamente se predizem nas prophcias canonicas, de cuja intelligencia por sua clareza se não póde duvidar, ou por estarem explicadas por escriptores tambem canonicos, por concilios, por tradições, ou pelo consensó commum dos padres, é certo que teem toda aquella certeza infallivel e de fé, que as outras verdades sagradas que se conteem nas escripturas. As outras coisas,

que destas verdades assim prophetisadas e conhecidas, por natural consequencia se deduzirem, ainda que intervenha no discurso algum meio ou proposição scientifica, são verdades segundas que participam a mesma certeza tambem infallivel, qual é a das conclusões theologicas, que, não sendo totalmente fé, nem somente sciencia, por esta parte tem evidencia, e por ambas tal certeza, que não é sujeita a erro ou falsidade, nem perigo de poderem não ser.

As prophecias não canonicas podem ser tão evidentemente provadas por seus effeitos, como veremos, que tenham toda a certeza moral, que é a que depois da fé e da sciencia tem no juizo humano o maior assento, e a mesma participarão, na fórma que pouco antes dissemos, todas as outras conclusões, que por natural e evidente consequencia dellas se deduzirem, pois são filhas e herdeiras da mesma verdade, de que tiveram seu nascimento.

Restam somente aquellas prophecias, que, ou por não averiguadas com tão evidente certeza (posto que sempre estabelecidas com bons e racionaes fundamentos) ou por sua interpretação não ser tão manifesta ou recebida, que não desfaça moralmente toda a razão de duvida, fica dentro dos limites da probabilidade opinativa, e nestas, assim o que immediatamente predizem, como as consequencias que dellas por formal illação se deduzirem, terão somente certeza provavel naquelle sentido em que dissemos provavelmente certas, aquellas coisas de que ha fundamentos prova-veis para o serem.

Estes quatro generos de verdade, são os de que repartidamente se comporá toda a Historia do Futuro, merecendo, segundo todas suas partes, o nome de historia verdadeira, posto que não em todas com igual gráu de certeza. Nas do primeiro genero, verdadeira com certeza de fé. Nas do segundo, verdadeira com certeza theologica. Nas do terceiro, verdadeira com certeza moral. Nas do quarto, verdadeira com certeza provavel, pelo modo já explicado; sendo a excellencia singular desta Historia, que toda ella, ou provavel, ou moral, ou theologica, ou canonicamente, será fundada na primeira e summa verdade, que é o mesmo Deus.

D'aqui inferimos sem injuria nem agravo de quantas histo-

rias até hoje estão escriptas no mundo, que esta Historia do Futuro é mais certa e mais verdadeira que todas ellas, (exceptas somente as historias sagradas) e ainda esta excepção se não deve entender em todo, senão em parte ; da Historia do Futuro igualará na verdade e na certeza, ou, por melhor dizer, se não distinguirá della, por ir toda (como vae) não só fundada nos mesmos textos e sentenças da escriptura divina, mas formada e como tecida delles.

E digo que sem injuria nem aggravado de todas as outras historias humanas, porque, como bem terão advertido os mais lidos e versados, assim nas antigas, como nas modernas, todas ellas estão cheias, não só de coisas incertas e improváveis, mas alheas e encontradas com a verdade, e conhecidamente suppostas e falsas, ou por culpas, ou sem culpa dos mesmos historiadores.

Que historiador ha ou póde haver, por mais diligente investigador que seja dos successos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações ha de homens, que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorancia, ou da malicia? Que historiador ha de tão limpo coração, e tão inteiro amor da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o odio, o amor, ou da sua, ou da alheia nação, ou do seu estranho principe? Todas as pennas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as côres do seu affecto.

Prova Tacito a verdade da sua historia, com ter longe as causas do odio e amor ; mas d'ahi se convence contra elle, que tambem tinha longe as informações da verdade. O certo é que só tinha perto a ambição de seu proprio juizo, com que formava os processos para as sentenças, e sobre os processos não as sentenças. Por isso Tertulliano lhe chamou com razão : *Mendaciorum loquacissimum*. Não aponto erros em particular das historias mais visinhas a nossos tempos por reverencia delles, e porque fôra materia infinita : das dos gregos e romanos disse S. Jeronymo, por occasião do milagre da serpente : *Cedant huic veritati, tam græco quàm romano stylo mendaciis ficta miracula*. E Cicero, que é mais, no livro primeiro das leis : *Apud Herodotum, Historiæ par-*

*tem, et Theopompum sunt innumerabiles fabulae.* Estes foram os paes da historia humana, e desta é filha legitima a sua verdade, sobre a qual batalham tantas vezes os mesmos historiadores, mas nunca com conhecida victoria.

Quem quizer vêr claramente a falsidade das historias humanas, lêa a mesma historia por differentes escriptores, e verá como se encontram, se contradizem, e se implicam no mesmo successo, sendo infallivel, que um só pôde dizer a verdade, e certo, que nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece, ainda com maior evidencia, daquellas historias de que temos verdadeira relação nas escripturas sagradas, como são as de Noé, do diluvio, da divisão das primeiras gentes: as dos assyrios, persas, medos, romanos, egypcios, gregos, e principalmente a dos hebreus, com os quaes cotejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berozos, os Herodotos, os Diodoros, os Drogos, os Curcios, os Livios, e todos os outros historiadores daquellas nações e tempos, apenas se acha coisa que não seja contradicção da verdade; e desta mesma experiencia e razões della se qualifica claramente ser a nossa Historia do Futuro mais verdadeira que todas as do passado, porque ellas em grande parte foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorancia e malicia humana, e a nossa tirada do lume da prophecia, e accrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina.

---

## CAPITULO X.

**Resposta a uma objecção: mostra-se que o melhor commentador das prophecias é o tempo,**

Assentámos com o apostolo S. Pedro no capitulo antecedente, que com a candêa da prophecia se podia entrar pela escuridade dos futuros, e descobrir e conhecer o que nelles está encuberto e enterrado. Mas sobre esta resolução se pôde dizer e arguir con-

tra nós, que esta mesma candêa e luz das prophcias ha muitos centos de annos que está acceza, e não *sub modio*, senão supra *candelabrum*, e que ninguem comtudo se atreveu atégora a entrar com ella por estes abysmos e escuridades do futuro, como nós promettemos fazer: empreza e ousadia, que mais merece nome de temeridade, que de confiança, aos quaes (que sempre serão mais de um) responderemos facilmente com o seu mesmo argumento. Os futuros quanto mais vão correndo, tanto mais se vão chegando para nós, e nós para elles; e como ha tantos centos de annos que estão escriptas estas prophcias, tambem ha outros centos de annos que os futuros se vão chegando para ellas, e ellas para os futuros: e por isso nós nos atrevemos a fazer hoje o que os antigos não fizeram, ainda que tivessem acceza a mesma candêa; porque a candêa de mais perto alumêa melhor. Para vêr com uma candêa, não basta só que a candêa esteja acceza, é necessario que a distancia seja proporcionada: *Ut luceat omnibus qui in domo sunt*, disse Christo. (Matth. V — 15) Com uma candêa na mão pôde-se vêr o que ha em uma casa, mas não se pôde vêr o que ha em uma cidade. O grande precursor de Christo: *Erat lucerna lucens, et ardens*, (Joan. V — 35) e ainda que todos os outros prophetas annunciaram a Christo, o Baptista o mostrou melhor, porque era candêa de mais perto: os outros diziam, ha de vir; e elle disse, este é.

As visões e revelações de Deus vêem-se melhor ao perto que ao longe: de longe viu Moysés a visão da çarça; e que disse? *Vadam, et videbo visionem hanc magnam*: (Exod. III — 3) Irei e verei esta grande visão. Estava vendo a visão, e disse que a iria a vêr, porque vae muita differença de vêr as visões de Deus ao longe, ou yê-las ao perto. Ao longe viu só Moysés a çarça e o fogo; ao perto entendeu o que aquellas figuras significavam. A mesma luz e a mesma candêa ao longe vê-se, e ao perto alumêa.

Esta é a differença que não nós, senão os nossos tempos, fazem aos antigos: nos antigos reconhecemos a vantagem da sabedoria, nos nossos a fortuna da visinhança. Se estamos mais perto dos futuros com igual luz (ainda que não seja com igual vista), porque os não veremos melhor? Assim o confessou Santo Agos-

tinho com ter os olhos de aguia, o qual achando-se ás escuras em muitos logares das prophcias, reservou a verdadeira intelligencia dellas para os vindoiros.

Um pygmeu sobre um gigante póde vêr mais que elle : pygmeus nos conhecemos em comparação daquelles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas escripturas : elles sem nós viram muito mais do que nós podemos vêr sem elles ; mas nós como vivemos depois delles, e sobre elles por beneficio do tempo, vêmos hoje o que elles viram, e um pouco mais. O ultimo degráu da escada não é maior que os outros, antes póde ser menor ; mas basta ser o ultimo, e estar em cima dos mais, para que delle se possa alcançar o que de outros se não alcança.

Entre a multidão dos que acompanhavam e rodeavam a Christo, o mais pequeno de todos era Zacheo, (Luc. XIX — 4) que por si mesmo, e com os pés no chão, não podia alcançar a vêr o que os outros viam ; mas subido em cima da arvore, viu melhor e mais claramente que todos. Mui bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aquelles cedros do Libano, e com aquellas terras altissimas, que tanto ornato, grandeza e magestade, accrescentaram ao edificio da igreja : mas subidos por merecimento seu, e fortuna de tempo a tanta altura, não é muito que alcancemos e descubramos um ponco mais do que elles descobriram e alcançaram.

Coisa maravilhosa é, e que apenas se póde intender, como os cavadores da vinha, que vieram na ultima hora, poderam ser avantajados aos demais. Mas estes são os privilegios da ultima hora : *Hi novissimi una hora fecerunt.* (Matth. XX — 12) Fizeram na ultima hora, o que os outros não fizeram todo o dia ; porque elles com outros acabaram a obra que os outros sem elles não poderam nem podiam acabar : *Sic erunt novissimi primi.* (Ibid. — 16) Este é o modo com que os ultimos podem vir a ser os primeiros. *Non ergo undecima hora in vineam Domini ad operandum conductis nobis invidendum est,* disse Lipomano na prefação de seus Commentarios, applicando a parabola de Christo ao estudo da sagrada escriptura.

Os que estudamos e trabalhamos na intelligencia da sagrada escriptura, mais ou menos todos cavamos, e póde succeder que os que veem na ultima hora, por felicidade da mesma hora acabem, descubram com poucas enxadadas, o que muitos em muito tempo, e com muito trabalho, cavando muito mais não descobriram.

Aquelle thesouro escondido, de que fallou Christo no cap. 13.º de S. Mattheus, diz Ruperto, Turtulliano, S. João Chrysostomo, que é a escriptura sagrada: e S. Jeronymo com mais escripta propriedade o intende particularmente das escripturas propheticas. Quantas vezes os que trabalham no descobrimento de algum thesouro, cavam por muitos dias, mezes e annos, sem acharem o que buscam, e depois de estes cançados e desesperados, succede vir um mais venturoso, que descendo sem trabalho ao profundo da mesma cova, e cavando alguma coisa de novo, descobre a poucas enxadadas o thesouro, e logra o fructo dos trabalhos e suores dos primeiros?

Assim aconteceu no thesouro das prophcias: cavaram uns, e cavaram outros, e cançaram todos, e no cabo descobre o thesouro, quasi sem trabalho, aquelle ultimo para quem estava guardada tamanha ventura, a qual sempre é do ultimo.

Eis-aqui como póde acontecer, que descubram o thesouro os que cavam menos: *Sape absectus quispiam, et vilis invenit, quod magnus, et sapiens vir praterit*, disse verdadeira e judiciosamente S. Chrysostomo. O ultimo dos apostolos foi S. Pedro, e confessando-se por minimo de todos, confessa ter recebido a graça de descobrir aos mesmos anjos do céu os thesouros que lhe estavam escondidos: *Mihi omnium sanctorum* (diz elle na epistola aos ephesios) *minimo data est gratia hæc, in gentibus evangelizare investigabiles divitias Christi, et illuminare omnes, quæ sit dispensatio sacramenti absconditi à sæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innotescat principatibus et potestatibus in cælestibus per ecclesiam, multiformis sapientia Dei, secundum præinitionem sæculorum.* (Ephes. III — 8, 9, e 11) Nas quaes palavras se devem ponderar muito quatro coisas: Que é o que se descobriu;

\* A Lap. § ad literam.

quem o descobriu; a quem se descobriu; e quando se descobriu. O que se descobriu é um segredo escondido a todos os seculos passados: *Sacramenti absconditi à sæculis in Deo*; porque costuma Deus ter algumas coisas encobertas e escondidas por muitos seculos, conforme a ordem e disposição de sua providencia. Quem o descobriu foi o ultimo de todos os apóstolos e discipulos de Christo, que já o não alcançou, nem viu, nem ouviu neste mundo como os demais, e se confessa por minimo de todos: *Mihi omnium sanctorum minimo*; porque bem pôde o ultimo e o minimo alcançar e descobrir os segredos, que os primeiros e maiores não alcançaram. A quem se descobriu foi, não menos que aos espiritos angelicos das mais superiores jerarquias do céu: *Ut innotescat principatibus, et potestatibus in cælestibus*; porque não bastam as forças da sabedoria e intendimento creado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer e penetrar os segredos altissimos de Deus, em quanto elle quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no seculo que Deus tinha predefinido e determinado: *Secundum præfinitionem sæculorum*; porque quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus, para que seus segredos se conheçam e descubram no mundo, só então e de nenhum modo antes, se podem manifestar e intender.

Assim que bem pôde um homem menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentissimos não descobriram, porque esta ventura não é privilegio dos intendimentos, senão prerogativa dos tempos.

Desde que Tubal começou a povoar Hespanha, que foi no anno da creação do mundo 1800, até o de Christo 1428, em que se passaram mais de 2600 annos, era o termo da navegação do mar Oceano junto somente á costa de Africa, o cabo chamado de Não. Sendo os mares, que depois d'elle se seguiram, tão temerosos aos navegantes, que era proverbio entre elles (como escreve o nosso João de Barros): *quem passar o cabo de Não, ou tornará ou não*. Aparecia ao longe deste o cabo chamado Bojador, pelo muito que se mettia dentro no mar, cuja passagem, tanto por fama e horror commum, como pelo desengano de muitas experiencias, se

reputava entre todos por empreza tão arriscada e impossivel á industria e poder humano, como se póde vêr no quarto capitulo da primeira Decada: mas quem lêr o capitulo seguinte, verá tambem como um homem portuguez não de muito nome, chamado Giliannes, foi o primeiro que dispondo-se ousadamente ao rompimento de uma tamanha aventura, venceu felizmente o cabo em uma barca, quebrou aquelle antiquissimo encantamento, e mostrou com estranho desengano á Hespanha, ao mundo e ao mesmo Oceano, que tambem o não navegado era navegavel; o qual feito ponderando o nosso grande historiador com seu costumado juiso, diz breve e sentenciosamente: A este seu proposito se ajuntou a boa fortuna, ou, por melhor dizer, a hora em que Deus tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham, de passar aquelle cabo Bojador.

E verdadeiramente é assim em quanto não chega a hora determinada por Deus, nem os Annibales de Carthago, nem os Sci-piões e Julios de Roma, nem os Baccos, Lusos, Gedeões e Hercules de Hespanha se atrevem a imaginar, que póde o Bojador ser vencido, e param suas emprezas, e ainda seus pensamentos, no cabo de Não: mas quando chega a hora precisa do limite que Deus tem posto ás coisas humanas, basta Giliannes em uma barca para vencer todas essas difficuldades, para atalhar todos esses receios, para pizar todos esses impossiveis, e para navegar segura e venturosamente os mares nunca de antes navegados. Alli donde chega o presente e começa o futuro, era atégora o cabo de Não; não havia historiador que d'alli passasse um ponto com a narração dos successos da sua historia; não havia chronologico que d'alli adiantasse um momento a conta de seus annos e dias. Não havia pensamento que ainda com a imaginação (que a tudo se atreve) dêsse um passo seguro mais adiante naquelle tão desuzado caminho; o que confusamente se representava adiante e ao longe deste cabo, era a carranca medonha, e temerosissimo Bojador do futuro, coberto todo de nevoas, de sombras, de núvens espessas, de escuridade, de cegeira, de medos, de horrores, de impossiveis. Mas se agora virmos desfeitas estas nevoas, desvanecido este escuro, facilitada esta passagem, dobrado este cabo, sondado este

fundo e navegavel, e navegada a immensidade de mares, que depois d'elle se seguem, e isto por um piloto de tão pouco nome, e em uma tão pequena barquinha como a do nosso limitado talento, demos os louvores a Deus e ás disposições de sua providencia, e intendamos, que se passou o cabo, porque chegou a hora.

É admiravel a este proposito um logar do propheta Daniel, com que demonstrativa e indubitavelmente se persuade e convence esta verdade nos proprios termos da intelligencia das prophcias em que fallamos. No cap. 12.º de Daniel, depois de um anjo lhe ter declarado grandes mysterios dos tempos futuros, mandou-lhe que fechasse, e sellasse o livro em que estavam escriptas, e lhe disse estas notaveis palavras: *Tu autem Daniel claude sermones, et signa librum, usque ad tempus statutum, plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia*: (Dan. XII -- 4) Tu, Daniel, fecharás e sellarás o livro em que escreveres estas coisas que tenho dito, para que estejam fechadas e selladas até o tempo determinado por Deus; entre tanto passarão muitos por ellas, e haverá sobre a intelligencia de seus mysterios grande variedade de sciencias e opiniões. Este é o sentido litteral e verdadeiro destas palavras do anjo, como se póde vêr em todos os commentadores de Daniel, posto que ellas são tão claras e expressas que não necessitam de commentador: de maneira, que nas escripturas dos prophetas ha coisas de tal modo fechadas e selladas, que ninguem as póde intender, nem declarar, até que chegue o tempo determinado pela Providencia divina, o qual é o que só tem poder para romper os sigillos, e abrir e fazer patentes as escrituras fechadas, e declarar os mysterios futuros, que nellas estavam occultos e encerrados: e em quanto este tempo não chega, por mais doutos, sabios e santos que sejam os expositores daquellas prophcias, dirão coisas muitos discretas, muito doudas, muito santas, e muito varias, mas o certo e verdadeiro sentido dellas sempre ficará occulto e escondido, porque passarão todos por elle sem intenderem, nem penetrarem; isto quer dizer: *Plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia*. Onde se deve advertir e notar, que muitos homens, ainda que sejam de grandes lettras, cuidam que passam os livros, e passam por elles: *Plurimi per-*

*transibunt.* Por quantos logares passaram os Origenes, os Clementes, os Tertullianos, que depois intenderam os Agostinhos, os Basílios, os Jeronymos? Por quantos passaram os Hugos, os Ricardos, os Rupertos, os Theodoretos, que depois intenderam os Montanos, os Sanches, os Cornelios, os Ribeiras? E por quantos passaram tambem estes, que depois intenderam melhor os que lhe foram succedendo, não porque os ultimos sejam mais doutos, ou de mais aguda vista, mas porque lêem e estudam á luz da candêa, ajudados e ensinados do tempo, que é o mais certo interprete das prophcias, e para o qual reservou Deus a abertura dos seus sigillos? *Signa librum usque ad tempus constitutum.*

No Apocalypse (cujas prophcias são proprias deste tempo), em que a igreja de Christo se vae continuando mais claramente que em nenhum outro lugar das escripturas, temos relatado este segredo da providencia divina, com que dispoz e tem decretado, que as prophcias se vão descobrindo e intendendo ordenada e successivamente aos mesmos passos, ou mais vagarosos, ou mais apressados com que vão seguindo e variando os tempos: entre as coisas muito mysteriosas, que viu S. João, ou a mais mysteriosa de todas, foi um livro fechado e sellado com sete sellos, o qual era o seu mesmo Apocalypse: foram-se rompendo estes sellos e abrindo-se o livro, mas não todo juntamente, senão por passos e espaços; um sello primeiro, e outros depois, e com grande apparatus de ceremonias e effeitos admiraveis no céu e na terra; e o mysterio destas pausas e intervallos era, porque se haviam ir descobrindo as prophcias, que estavam escriptas no livro, e assim se haviam ir intendendo, não juntamente, senão em differentes tempos, e não apartadas de seus effeitos, senão igualmente com elles. De maneira que nas prophcias estão encobertos os tempos e os effeitos, e nos tempos e nos effeitos estarão descobertas as prophcias; e por isso naquelle mysterioso livro assim como eram diversas as prophcias, e diversos os effeitos e successos da igreja e do mundo, que nellas estavam prophetisadas, assim tambem eram diversos os sellos com que estavam fechados, e diversos os tempos em que se haviam de abrir e manifestar, sendo o mesmo tempo e os mesmos successos os que as

abrissem e manifestassem, ou depois de chegarem, ou quando já forem chegando. Bem assim como antes de se acabar de todo a noite, pelos resplandores da aurora se conhece a visinhança do sol, antes que elle se veja descoberto nos horisontes.

E se quizermos especular a razão desta providencia, acharemos que não é outra, senão a magestade da sabedoria e omnipotencia divina, sempre admiravel em todas suas obras. É este mundo um theatro, os homens as figuras que nelle representam, e a historia verdadeira de seus successos uma comedia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idéas de sua providencia: e assim como o primor e subtileza da arte comica consiste principalmente naquella suspensão de intendmento e doce enleio dos sentidos, com que o enredo os vae levando apoz si, pendentes sempre de um successo para outro successo, encobrendo-se de industria o fim da historia, sem que se possa intender onde irá parar, senão quando já vae chegando, e se descobre subitamente entre a expectação e o applauso, assim Deus, soberano Auctor e Governador do mundo, e perfectissimo exemplar de toda a natureza e arte, para manifestação de sua gloria e admiração de sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as coisas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos prophetas, que nos não deixa comprehender, nem alcançar os segredos de seus intentos, senão quando já teem chegado, ou veem chegando os fins delles, para nos ter sempre suspensos na expectação, e pendentes de sua providencia: e é esta regra (com pouca excepção de casos) tão commum em Deus e seus decretos, que, ainda quando as prophecias são muito claras, costuma atravessar entre ellas e os nossos olhos, umas certas nuvens, com que sua mesma clareza se nos faz escura: eu o não crêra, se o não vira escripto para maior admiração em um dos maiores prophetas, que assim o confessa, não de outrem, senão de si: *In anno primo Darii filii Assueri de semine medorum, qui imperavit super regnum chaldeorum: anno uno regni ejus, ego Daniel intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Jeremiam prophetam, ut complerentur desolationis Hierusalem septuaginta anni: (Dan. IX — 1 e 2)* No anno pri-

meiro de Dario, filho de Assuero, descendente dos mudos, que teve o imperio dos caldeos: Eu Daniel, diz elle, intendi nos livros o numero de setenta annos, que Deus tinha revelado ao propheta Jeremias havia de durar a assolação de Jerusalem, e captivo dos judeus em Babylonia. Agora entra o caso e a admiração. Esta prophesia de Jeremias, que Daniel affirma que intendeu no primeiro anno do imperio de Dario, é do cap. 25.<sup>o</sup> daquelle propheta, e diz assim: *Et erit universa terra hæc in solitudine, et in stuporem, et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis*: (Jer. XXV — 11) Toda esta terra (diz Jeremias, estando em Jerusalem) será assolada, com pismo e assombro do mundo, e todas as gentes que a habitam, servirão ao rei de Babylonia por espaço de setenta annos. Estes setenta annos, como consta da exacta chronologia, que se pôde vêr largamente provada em Pererio, e nos commentadores da prophesia de Daniel, se acabaram de cumprir no primeiro anno do imperio de Dario: pois se o termo de setenta annos estava prophetisado com palavras tão claras e expressas, como são aquellas de Jeremias: *Et servient omnes gentes istæ regi Babylonis septuaginta annis*; como diz Daniel, que não intendeu o numero destes setenta annos, senão no primeiro anno de Dario, que foi o ultimo dos mesmos setenta? Podia haver conta mais clara? Podia haver palavras mais expressas? Não; mas como é regra ordinaria da providencia divina, que as prophesias se não intendam senão quando já tem chegado, ou vae chegando o fim dellas, por isso sendo a prophesia tão clara, e o numero dos setenta annos tão expresso, não quiz Deus que o mesmo Daniel, sendo Daniel, o entendesse senão no ultimo anno.

O tempo foi o que interpretou a prophesia, e não Daniel, sendo Daniel um tão grande propheta: e esta parece a energia daquelle sua palavra: *Ego Daniel intellexi*: Eu Daniel, sendo Daniel, não intendi a prophesia tão clara de Jeremias, senão no ultimo anno dos setenta, em que ella se cumpria; mas assim havia de ser, porque assim o prophetisou, e o repete o mesmo Jeremias em dois

\* A Lap. in Dan. 5. § nota.

logares, onde fallando de suas prophecias diz, que se não entenderam senão nos ultimos tempos do cumprimento dellas. No cap. 23.º *Non convertetur furor Domini usque dum faciat, et usque dum compleat cogitationem cordis sui: in novissimis diebus intelligetis consilium ejus.* (Jer. XXIII — 20) E no cap. 30.º quasi pelas mesmas palavras: *Non avertet iram indignationis Dominus, donec faciat, et compleat cogitationem cordis sui: in novissimo dierum intelligetis ea.* (Ibid. XXX — 24)

E que fez Deus, ou pôde fazer para que umas palavras tão expressas, e uma prophesia tão clara possa parecer escura? Atrevessa uma nuvem (como diziamos) entre a prophesia e os olhos, e com este veu, ou sobre os olhos ou sobre a prophesia, o claro, por clarissimo que seja, fica escuro. Quando queremos encarecer uma coisa de muito clara, dizemos que é clara como a agua, porque não ha coisa mais clara; e comtudo essa mesma agua (como discretamente advertiu David), com uma nuvem diante, é escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* (Psal. XVII — 12) Em havendo nuvem em meio, até a agua é escura, e taes são as prophecias, por claras e clarissimas que sejam. Por isso pedia o mesmo David a Deus, que lhe tirasse o veu dos olhos, para que pudesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios: *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua.* (Ibid. CXVIII — 18) Ó quantas prophecias muito claras se não intendem, ou se não querem entender, porque as queremos vêr por entre nuvens, e com veu sobre os olhos! Peço e protesto a todos os que lêrem esta Historia, ou que tirem primeiro o veu de sobre os olhos, ou que a não leam.

Como se hão de entender as revelações com os intendimentos e olhos vendados? Não basta só que Deus tenha revelado os futuros, é necessario que revele tambem os olhos: *Revela oculos meos.* Se os olhos estão cobertos e escurecidos com o veu do affecto, ou com a nuvem da paixão; se os cega o amor ou odio, a inveja ou a lisonja, a vingança ou o interesse, a esperanza ou o temor; como se pôde entender a verdade da prophesia, por muito clara que nella esteja, quando o primeiro intento é negal-a, ou quando menos escurecel-a? As nuvens que Deus põe sobre a pro-

phécia, o tempo as gasta e as desfaz; mas os veus que os homens lançam sobre os proprios olhos, só elles os podem tirar, porque elles são os que querem ser cegos. Que prophécias mais claras, que as da vinda de Christo ao mundo? E muito mais claras ainda depois de manifestas, e provadas com os mesmos effeitos. E comtudo estas são as que mais obstinadamente nega a cegueira judaica, porque teem os olhos cobertos com aquelle antigo veu de Moysés, como lhes lançou em rosto o grande Paulo Judeu e semente de Abrahão, como elles, do tribu de Benjamim: *Usque in hodiernum diem, cum legitur Moyses, velamen positum est super cor eorum; cum autem conversus fuerit ad Dominum, auferetur velamen.* (2 ad Cor. III — 15 e 16) Tirem o veu de sobre os olhos, e verão a luz das prophécias: ainda que a prophécia seja candêa acceza, como se ha de vêr com os olhos cobertos? Tire-se o impedimento á luz, e logo se verão a candêa e mais o que ella alumea: a mulher que buscava a dragma perdida, não só accendeu a candêa, mas varreu a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum:* (Luc. XV — 8) a candêa está acceza e muito clara, mas a casa não está varrida; varra-se e alimpe-se a casa, tirem-se os estorvos e impedimentos á luz, e logo verão os olhos o que ha nella, e se achará o que se busca, mas nem se busca, nem se quer achar.

De maneira que resumindo toda a resposta da objecção, digo, que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vimos sobre os passados; vêmos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste thesouro, e varreram esta casa, foram tirando impedimentos á vista, e tudo isto por beneficio do tempo, ou, para o dizer melhor, por providencia do Senhor dos tempos.

## CAPITULO XI.

**Declara-se qual seja a novidade desta Historia, e que as coisas novas, por novas, não desmerecem o credito de sua verdade.**

Quando no principio deste livro promettemos coisas novas aos curiosos, bem advertimos que mettiamos as armas nas mãos aos criticos; mas são estas armas já tão velhas e ferrugentas, que não ha muito que temer seus golpes, ainda que a novidade da nossa Historia fôra qual se suppõe, e não é, com tanto que não tenha, como por graça de Deus não tem, coisa alguma que encontre a fé ou doutrina da igreja: o reparo da novidade não é crime de que ella tema ser accusada, e pelo qual, quando o seja, ponha em risco o credito da sua verdade, se por si mesma lhe fôr devida.

Pensão é muito antiga das coisas boas e grandes, serem accusadas de novas. A primeira instituição da vida monastica, sendo o estado mais santo da igreja catholica, que accusações não padeceu antigamente (e padece ainda hoje) dos hereges pela novidade de habito, e modo de vida? Digam-no as apologias de S. João Chrysostomo, S. Gregorio, S. Bernardo, Santo Thomaz, S. Boaventura, para que não fallemos nos Waldenses, nos Platins, nos Soares, nos Baronios, nos Bellarminos. A mesma lei de Christo chamada por sua novidade evangelica, em quantos livros e tribunaes de gentes e judeus foi terminada pela gloria deste titulo; accusação foi de que a defendeu Tertulliano, Lactancio, Arnobio, Prudencio, e todos os outros padres que antes e depois destes escreveram contra gentes: mas o maior exemplo de todos neste caso é o daquella divina obra de S. Jeronymo na versão da sagrada Biblia, que hoje adoramos por canonica, tão estranhada quando nova, não por gentios ou hereges, nem só por quaesquer catholicos, senão pela maior luz da igreja, Santo Agostinho. Quero pôr aqui as palavras deste grande e santissimo doutor, escriptas não a outrem, senão ao mesmo S. Jeronymo: *De vertendis autem in latinam linguam sanctis libris laborare te nollem, nam aut obs-*

*cura sunt, aut manifesta? Si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse non immeritò creditur; si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non potuit.* (Aug. Epist. ad Hieron.) Quanto á versão das escripturas sagradas na lingua latina, obra é, diz o santo, em que eu não quizera que vós empregasseis o vosso trabalho, porque ou ellas são escuras, ou manifestas? Se escuras, com razão se crê, que tambem vos podeis enganar na sua interpretação, como os outros escriptores; e se manifestas, superflua diligencia é quererdes vós explicar o que os outros não podem deixar de ter entendido. Até-qui zelosa, elegante e engenhosamente Santo Agostinho, ao qual respondeu S. Jeronymo com igual engenho, zelo e elegancia, e verdadeiramente com victoria por estas palavras: *Porrò quod dicis non debuisse me interpretari post veteres, et novo uteris syllogismo, tuo tibi sermone respondeo: omnes veteres tractores, qui nos in Domino praterierunt, et qui scripturas sanctas interpretantur, sunt aut obscura, aut manifesta? Si obscura, quomodo tu post eos ausus es dicere, quod illi explanare non poterunt? Si manifesta, superfluum est te voluisse dicere, quod illis latere non potuit; respondeat mihi prudentia tua, quare tu post tantos, ac tales scriptores, et interpretes in explanatione psalmorum diversu senseris? Si enim obscuri sunt psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum est. Si manifesti, illas in eis falli potuisse non creditur, ac per hoc utraque superflua erit interpretatio tua, et hac lege post priores nullus loqui audebit, et quicumque aliàs occupabit alios, de eo scribendi non habebit licentiam:* Quanto ao que me dizeis (diz S. Jeronymo a S. Agostinho) que eu me não devia cançar em interpretar as escripturas depois dos antigos interpretes dellas, e para isso usaes daquelle novo syllogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os expositores dos livros sagrados, que nos precederam no Senhor, ou interpretaram o que era escuro, ou o que era manifesto? Se o que era escuro, como vos atreveis tambem a declarar o que elles não puderam? Se o que era manifesto, superfluo trabalho é cançar-vos em querer fazer entender, o que elles não podiam deixar de ter entendido. Responda-me logo vossa prudencia, com

que razão depois de tantos e taes interpretes vos atrevestes na exposição dos psalmos a sentir diversamente do que elles sentiam ; porque se os psalmos são escuros, tambem se deve intender que vós vos podeis enganar na sua intelligencia ; e se são claros e manifestos, superflua é e não necessaria a vossa interpretação : e segundo esta lei ninguem poderá fallar depois dos primeiros, e tanto que um se adiantar á exposição de algum livro sagrado, logo nenhum outro terá licença para escrever sobre elle.

Isto dizia Santo Agostinho a S. Jeronymo, sobre a novidade de sua versão, a qual hoje é de fé : e isto S. Jeronymo a S. Agostinho, sobre a novidade da sua exposição dos psalmos, que hoje é antiquissima, e mui venerada, e depois della se escreveram infinitas outras mais novas, e ainda os psalmos não estão bastante-mente interpretados. Assim que os reparos da novidade são pensão (como dizia) das coisas boas e grandes ; e não só entre os inimigos e impugnadores da verdade, senão entre os maiores zeladores e defensores della.

Mas destes mesmos exemplos se convence claramente, quão frivolas são e pouco efficazes as accusações do que se estranha por novo. Não é o tempo, senão a razão, a que dá o credito e auctoridade aos escriptores : nem se deve perguntar o *quando*, senão o *como* se escreveram. A antiguidade das obras é um accidente extrinseco, que nem tira nem accrescenta validade, e só porque põe os auctores della mais longe dos olhos da inveja, lhes grangea a triste fortuna de serem mais venerados, ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o sol, e os animaes que o homem. O Testamento Velho não é mais perfeito que o novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeição e excellencia que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que coisa ha hoje tão antiga, que não fosse nova em algum tempo ? Diz Salomão, (Eccles. I — 10) que não ha coisa nova debaixo do sol ; e ainda é mais universalmente certo, que não ha coisa debaixo do sol que não fosse nova. A mais nova entre todas as do mundo foi o mesmo mundo. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnobio contra os gentios, tempo virá em que seja velha ; e se a vossa superstição é velha, tempo houve

em que tambem foi nova. Dizeis que a religião christã é nova, porque ainda não tem quatrocentos annos, e ha menos de dois mil, que os deuses que vós adoraveis ainda não tinham cento. Com a mesma energia disse o imperador Claudio ao senado: *Patres conscripti, quæ mane vetustissima creduntur fuere nova plebei magistratus post patricos, latini post plebeos, cæterarum Italiæ gentium post latinis: inveterasse hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit* (Arnobius). E verdadeiramente é assim: quantas coisas são hoje exemplos, que começaram sem exemplo? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram principio, e aquelle que as começou sem auctor, foi o primeiro que lhes deu a auctoridade.

Acodia S. Jeronymo á queixa da sua nova versão, e diz assim contra Rufino: *Periculosum opus certè, et obtreclatorum latratibus patens, qui me asserunt in septuaginta interpretum sugillatione, nova pro veteribus cudere; ita ingenium quasi vinum probantes*: discretamente: porque antepor o velho ao novo só pelos annos, escolha parece mais de cella vinaria, que do throno ou cadeira de Salomão: e notem os leitores que são estas palavras de uma das apologias que S. Jeronymo escreveu em defesa daquella nova versão da sagrada escriptura, que hoje se chama vulgata, e é de fé catholica: para que se veja quaes são os juisos dos homens, e quão impugnadas que costumam ser as obras de que Deus se quer servir. Não tinha esta de S. Jeronymo outro reparo mais que a gloria de ser sua e nova; mas sobre esta lhe arguia Rufino, e outros homens doutos, taes calumnias, que a queriam fazer não menos que heretica, como se só os antigos fossem catholicos, e a verdade sem cãs não fosse verdade. Uns o faziam por zelo, outros por inveja, muitos por malicia, todos por ignorancia.

E verdadeiramente que se bem apontamos os fundamentos destes impugnadores da novidade, e as razões daquella dura lei com que forçosamente querem que sigamos em tudo os antigos, e adoremos as suas pizadas, ou é porque teem para si que já se não po-

\* Hier. præf. Pentateuch. ad Desiderium.

dem dizer coisas novas ; ou que não ha capacidade nos modernos para as poderem descobrir e dizer : se o primeiro, grande injuria fazem á verdade e ás sciencias ; se o segundo, grande affronta aos homens e á nossa idade : mas não me oiçam a mim, oiçam aos mesmos antigos ; e começando pelos gentios, alumiados só pelo lume da razão, Seneca na epist. 64.<sup>o</sup> escreve ou ensina a Lucillo desta maneira : *Multum adhuc restat operis, multumque restabit ; nec ullo nato post mille sacula, præcludetur occasio aliqua adhuc adjicendi. Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, sed non perierunt.* E na epist. 79.<sup>o</sup> : *Atqui præcesserunt, non proripuisse mihi videtur, quæ dici poterant, sed aperuisse ; sed multum interest, utrùm ad consumptam materiam, an subactam accedas : crescit indies, et inventis inventa non obstant.* E Marco Tullio formando um perfeito orador no liv. de Oratore : *Nec verò Aristotelem in philosophicis deterruit ab scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia, et copia exterorum studio restrinxit* (Cic. de Orat.). Até aqui estes dois gentios, em que era ainda maior a soberba e presumpção, que a sciencia ; e se estes sendo ambos eminentissimos nas suas artes não duvidaram confessar que havia ainda muito mais que andar, por inventar, que descobrir e saber nellas ; porque havemos nós de esperar e affrontar tanto a nossa idade e os homens della, que cuidemos que já não podem adiantar as sciencias, nem dizer e accrescentar sobre ellas coisa de novo ?

Seneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas, dezeseis seculos antes deste nosso ; e se elle conheceu que os que nascessem d'alli a mil seculos, ainda teriam muito que dizer na mesma philosophia moral em que elle tanto e tão subtilmente disse ; que muito é que se atreva a dizer alguma coisa nova a nossa idade, se ainda lhe restam por sua confissão novecentos e oitenta e quatro seculos (se tantos durar o mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca ? Se depois do divino Platão (como pondera Tullio) não acovardaram os seus escriptos a Aristoteles para que não escrevesse, nem a admiravel sabedoria e copia do mesmo Aristoteles pôde apagar os foggosos espiritos de tantos philosophos, que depois d'elle e sobre elle

escreveram, sendo por commum approvação do mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grecia e a mesma natureza; porque havemos de querer abbreviar as mãos do Auctor della, e cuidarmos que já não podem fallar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o entendimento, pois nos bastava a memoria. Porque, como bem disse o mesmo Seneca, saber só o que os antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: *Aliud est meminisse, aliud scire; meminisse, est rem commissam memoriæ custodire; at scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplis pendere, et toties ad magistratus recurrere.* Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos allemães, que todos se occupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar coisa nova: muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

E se isto é assim nas sciencias humanas, que será naquelle pègo immenso e profundissimo das divinas? Mas oiçamos tambem aos antigos dellas. David que veio ao mundo 3000 annos depois de sua creação, dizia confiadamente, que soubera e entendera mais que todos os velhos: *Super senes intellexi*: (Psal. CXVIII — 100) e estes velhos eram aquelles varões veneraveis da primeira antiguidade, Seth, Enoch, Mathusalem, Noé, Abrahão, Isaac, Jacob, José, Moysés, Josue, Melchisedech, Samuel, e tantos outros de igual sabedoria e nome. Desde a creação do mundo até á reparação delle, em que se contaram quatro mil annos, sempre os homens se foram excedendo na sabedoria divina, ainda que fosse diminuindo na idade: não é consideração minha, senão doutrina de S. Gregorio Papa: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium Patrum; plus namque Moyses quàm Abraham, plus prophetæ, quàm Moyses, plus apostoli, quàm propheta in omnipotentis scientia eruditi sunt.*\* Ao passo que iam precedendo os tempos (diz S. Gregorio), ia juntamente crescendo a

\* Greg. lib. 2. in Ezech. Homil. 16.

sabedoria dos antigos padres, conhecendo sempre mais de Deus os segundos que os primeiros. Moysés soube mais das coisas divinas que Abrahão; os prophetas mais que Moysés; os apóstolos mais que os prophetas; e o mesmo que tinha succedido naquella primeira e antiga egreja, se experimenta depois na segunda, nova e mais perfeita, em que hoje estamos, de que ella tinha sido figura, porque passados os tempos de Christo, e de sua vida, em que a sabedoria eterna viveu humanada no mundo entre os homens (que foi um parenthesis excessivo, e infinito de luz, com a qual nenhum outro estado da egreja se póde comparar), nos seculos que depois foram succedendo, dos padres e doutores sagrados, sempre foram tambem crescendo, com novos e maiores resplandores, as sciencias divinas, accrescentando, illustrando e escrevendo muitas coisas de novo, os que vinham depois, sobre o que tinham sabido e ensinado os mais antigos.

Lactancio Firmiano, padre dos primeiros seculos da egreja, a quem tinham precedido os Dionysios Areopagitas, os Hierotheos, os Ignacios, os Polycarpus, os Ireneus, os Justinos, os Origenes, os Tertulianos, os Clementes Alexandrinos, no liv. 2.<sup>o</sup> *Divinarum Institutionum*, diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt; quæ si hominibus æqualiter datur, occupari ab antecedentibus non potest*. S. Jeronymo, que floresceu muito depois do mesmo Lactancio, e a quem precederam os Hippolytos, os Cyprianos, os Taumaturgos, os Arnobios, os Athanasios, os Basilios, os Theofilos, os Cyrillos, os Epifanios, augmentou e adiantou tanto o estudo das divinas lettras, que mereceu na eminencia dellas, por consenso e pregão universal da egreja, o renome de doutor Maximo, na apologia acima citada contra Rufino, escreve o santo doutor com a modestia com que costumam fallar os homens maiores, estas palavras: *Quid, igitur, damnamus veteres? Minimè, sed post priorum studia in domo Domini, quod possumus, laboramus*". E convertendo-se no fim contra os vituperadores dos inventos novos, estranha muito

\* Lactan, Firm. lib. 2 Divinar. Inst. 8.

\*\* Hier. in præfat. Pentateuch. ad Desiderium.

que sendo o appetite ou gula humana tão ambiciosa de novos e exquisitos sabores, só nas sciencias, que são o sabor dos intendmentos, se contentam os homens com a vulgaridade ou velhice dos manjares usados: *Nam cum nova semper expectant voluntates, et gulæ earum vicina maria non sufficient, cur in solo studio scripturarum veteri sapore contenti sunt?*

São Gregorio Magno, que veio ao mundo para lhe dar melhor cabeça do que seu juizo e errados juisos merecem, depois dos outros dois Gregorios, Nazianzeno e Niceno, e do mesmo Jeronymo; depois dos Climacos, dos Procopios, dos Boecios, dos Cassianos, dos Theodoretos; depois dos Eucherios, dos Pascasios, dos Maximos, dos Paulinos, dos Cassiodoros; depois dos Ezichios, dos Chrysologos, dos Lezens, dos Anstruens, dos Fulgencios, e, o que é mais que tudo, depois de um Chrysostomo, de um Ambrosio, e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espirito interior da theologia mystica e ascetica, que por applauso commum do concilio oitavo Toletano foi preferido a todos os doutores na doutrina ethica e moral, com aquelle famoso elogio: *In ethicis assertionibus præcunctis meritò præferendus*. Mas nem por isso depois de tantos e tão esclarecidos lumes da egreja deixaram de espalhar nella, em todos os seculos seguintes, novos raios de novas luzes os tres illustrissimos hespanhoes, Izidoro, Eugenio e Ildefonso; os Sofronios, os Eligios, os Bedas, os Damascenos, os Anselmos, os Theofilatos, os Euthymios, os Rupertos, um Bernardo, nome singular, e muitos outros, entre os quaes Ricardo Victorino defendendo modestamente alguma novidade que se acharia em seus livros, diz assim no prologo de um delles: *Non est magnum, vel mirum, si in uno aliquo, aliquid addere possumus, hæc propter illos dicta sunt, qui nihil acceptant, nisi quod ab antiquissimis patribus acceperunt: sed sicut Deus produxit novos fructus ad recreationem hominis exterioris, non credunt scientias impertire ad innovandos sensus hominis interioris*: Não se tenha por coisa grande (diz Ricardo), nem merecedora de admiração, que em alguma materia das que escrevemos, possamos accrescentar alguma

\* Ricard. Victor. Tract. de Tabernaculo in Prolog.

coisa de novo, e digo isto por aquelles que nada admittem, nem lhes é aceito, senão o que primeiro foi recebido pelos antiquissimos padres: mas se Deus para sustento e gosto dos corpos produz incessavelmente todos os annos tantos fructos novos; porque não cuidarão, que tambem as sciencias podem produzir coisas novas para alimento e recreação das almas?

Não se podia explicar com mais clara comparação, nem provar-se com mais efficaz argumento, e desde aquelle tempo, que foi pelos annos de mil e trezentos a esta parte, se tem confirmado pela grandeza e liberalidade de Deus em todos os seculos, com mais repetidos exemplos que nos passados, porque não só alumiou a divina providencia pouco depois o mundo todo com aquellas duas tochas clarissimas e santissimas de theologia, Santo Thomaz e São Boaventura, mas antes e depois delles, para augmento ou competencia de suas mesmas luzes, as cercou de tão luminosas e resplandecentes estrellas, que em outra idade podiam ter nome de primeiros planetas, como foram um Alberto Magno, um Alexandre de Ales, e o famosissimo e subtilissimo Scoto, não só luz, senão fonte de luzes, as quaes depois deste doutissimo seculo se multiplicaram em tanto numero, que se pôde com razão dizer do mundo, o que Deus disse a Abrahão do firmamento: *Numera stellas, si potes.* (Genes. LI — 5). E porque é materia impossivel e numero sem conto, fiquem em silencio (por mais que tão grande brado deram nas escólas) os Vasques, os Soares, os Molinas, os Valenças, os Bellarminos, os Canisios, os Toledos, os Lugos, os Caetanos, os Soutos, os Medinas, os Victorias, em cujos felicissimos e immensos escriptos se vêem tão adiantadas as letras divinas, que mais parecem novas, que renovadas. Digam agora os reprovadores das que elles chamam novidades, se se pôde ainda sobre os antigos dizer alguma coisa de novo.

É por ventura o saber e dizer, patrimonio só da antiguidade, e morgado como o de Isaac, que dada a benção a Jacob não fica outra para Esaú? (Gen. XXVII — 37) São os antigos como os cantaros da Sarephana (comparação de que usa Ruperto) que depois de cheios elles parou a fonte milagrosa, e não correu mais o oleo? (3. Reg. XVII per tot.) Houve neste grande oceano de

sciencias alguma náu Victoria, que dêse volta a todo o mar; ou algum Gama, que passado o cabo de Boa Esperança a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos? E se depois deste famoso circulo do universo ainda ficaram mares e terras incognitas, que promettem novas emprezas e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita circumferencia só a pôde abraçar, o que é immenso, e comprehender, o que é infinito? Se depois dos antiquissimos tiveram que descobrir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais que os segundos; porque não quererão os adoradores, ou aduladores da antiguidade, que ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escripto mais que escrever, e depois de tanto estudado e sabido mais que estudar e saber? Como temo que os que condemnam as coisas novas, são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e pôde ser, que muito remendadas! O avarento chama prodigo ao liberal. O covarde temerario ao valente. O distrahido hypocrita ao modesto; e cada um condemna o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Soares, que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que daria de alviças o que sabia, se lhe dessem o que ignorava, isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo; mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, é querer atar os vivos aos mortos, crueldade que só se lê de Mesencio.

Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza deste rigor com o mellifluo Bernardo, o qual, como sempre fallou pela boca da escriptura, assegura firmemente aos vindouros, que poderão ter maiores noticias das coisas, do que tiveram e alcançaram os antigos, e o prova e refere em dois textos ou dois exemplos, um de David, que affirmou que soubera mais que os passados; outro de Daniel, que prometeu saberiam mais os futuros: *David quoque super doctores suos, et seniores donum sibi intelligentiae audacter præsumit, dicens: Super omnes docentes me intellexi. Sed et propheta Daniel, pertransibunt, ait, plurimi, et multiplex erit scientia, ampliolem scilicet rerum notitiam promittens et ipse posteris.* Atéqui São Bernardo escrevendo a Hugo de São Victor,

que tambem lhe tinha escripto lastimado da mesma chaga\*. Todos os grandes engenhos tiveram sempre esta queixa, e todos se armaram destas apologias, porque todos disseram coisas novas; e nenhum careceu de quem lh'as impugnasse: não ha coisa boa sem contradicção, nem grande sem inveja:

*Si come crebbe l'arte  
Crebbe l'invidia ecol sapere  
Insieme ne icori infiali suoi  
Veneni ha sparsi\*\*.*

Mas antes de Petrarca, o tinha dito em Roma o nosso discreto hespanhol:

*Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur?  
Et sua quod rarus tempora lector amat?  
Hi sunt invidiae nimirum, regule, mores,  
Præserat antiquos semper ut illa novis.  
Sic veterem ingrati Pompei quærimus umbram  
Et laudant catuli Julia templa senes,  
Ennius est lectus salvo tibi Roma Marone.  
Et sua riserunt sæcula Mæonidem\*\*\*.*

Os que mais quieriam louvar a Christo, diziam que era um dos prophetas antigos, sendo elle a luz de todos os prophetas: (Matth. XVI—14) e Herodes se persuadia que não podia ser senão o Baptista resuscitado, sendo aquelle a quem o Baptista não era digno de desatar a corrêa do sapato. (Marc. VI—6. Joan. I—27) Todas as coisas novas que se disserem nesta Historia, são aquellas que Deus tem promettido que ha de fazer, quando disse: *Ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI) Se acaso houver quem as impugne e contradiga, é porque nem Deus póde fazer coisa de novo, sem contradicção dos mesmos para quem as faz. A coisa mais

\* D. Bern. de contemp, et epist. ad Hugonem de S. Vict.

\*\* Petrare. Triumph. de la Fama cap. 3.

\*\*\* Martial. lib. 5 epigr. ad regulum.

nova que Deus fez no mundo, foi aquella de que disse o propheta : *Creavit Dominus novum super terram : fœmina circumdabit virum.* (Jerem. XXXI — 22) E esta novidade foi o alvo das maiores contradicções, como tambem predisse outro propheta : *Signum cui contradicetur.* (Luc. II — 34)

Mas para que não pareça que defendo as coisas novas, por não ser necessario este escudo á minha Historia, respondendo á objecção da novidade della, digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo : propriedade é dos futuros serem sempre novos todos, por isso os ultimos e mais distantes se chamam novissimos ; mas ainda que esta Historia seja toda de coisas tão novas, nem por isso ella será nova. É uma Historia nova sem nenhuma novidade, e uma perpetua novidade sem nenhuma coisa de novo ; como isto possa ser, explicarei por alguns exemplos.

Quando os romanos a primeira vez bateram os muros de Carthago com o ariete ou carneiro militar, ficaram os carthaginezes assombrados com a novidade daquella machina, e não era novidade, senão esquecimento ; porque os primeiros inventores daquelle bravo instrumento tinham sido os mesmos carthaginezes ; mas como havia muitos annos que gosavam da altissima paz, esquecia-se Carthago do que inventára Carthago, e sendo coisa antiga e sua, a tinha por novidade. Quero dizel-o com palavras do grande Tertulliano, cuja foi esta advertencia : *Arietem nemini unquam adhuc libratum, illa dicitur Carthago studiis asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus. Cum autem ultimarent tempora patriæ, et aries jam romanus in muros quondam suos auderet, stupere illico carthaginenses, ut novum extraneum ingenium. Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas.* De maneira que o ariete, de que Carthago tinha sido a primeira inventora, parecia instrumento novo aos mesmos carthaginezes, não por novo, senão por esquecido ; não por novo, senão por muito antigo.

Muitas novidades se verão nesta nossa Historia, não novas por

\* Tertul. lib. de pallio cap. 1.

novas, senão novas por antiquissimas. As pyramides e obeliscos que assombraram com tão nova e desusada grandeza o fóro romano (com boa venia dos padres conscriptos), depois de serem velhice no Egypto, foram novidade em Roma. Serão novas neste nosso livro coisas que foram primeiro que as que hoje se teem por antigas. A nova opinião dos céus fluidos, tambem recebida em nossos dias, primeiro foi que a antiga de Aristoteles, que com tão continuado applauso do mundo os fez solidos e incorruptiveis: nas sciencias nascem poucas verdades; as mais dellas resuscitam: se no mundo, como pouco ha dizia Salomão, não ha coisa nova, como se vêem cada dia tantas novidades no mundo? São novidades de coisas não novas, e taes serão as desta Historia. Quando Adão saiu flammante das mãos de Deus, abriu os olhos, e viu tanta coisa nova, e todas eram mais antigas que elle: nem eram ellas as novas; elle era o novo: a novidade da nossa Historia ha de ser mais dos leitores, que della. Para aquelle cego de seu nascimento, a quem Christo abriu os olhos, ainda que não eram novas as quantidades, porque as apalpava, foram novas as côres, porque as não via; já havia côres e luz, mas não havia olhos. Ao terceiro dia da criação produziu a terra todas as arvores carregadas dos seus fructos: senão fôra assim, não tivera occasião o peccado, nem tentação o peccado. Todos os fructos nasceram igualmente naquelle dia, as peras, os figos, as uvas, e tambem as fructas novas; mas estas tiveram este nome, porque chegaram mais tarde á nossa terra.

Por ventura aquella ametade do mundo, a que chamavam quarta parte, não foi creada juntamente com Asia, com Africa, e com Europa? E comtudo porque a America esteve tanto tempo occulta, é chamado Mundo Novo; novo para nós que somos os sabios; mas para aquelles barbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas coisas faz novas o esquecimento, porque se não lembram; outras a escuridade, porque se não vêem; outras a ignorancia, porque se não sabem; outras a distancia, porque se não alcançam; outras a negligencia, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa Historia. Lembraremos nella muitas

coisas esquecidas, alumiaremos muitas escuras, descobriremos muitas occultas, poremos á vista muitas distantes, e procuraremos saber muitas ignoradas.

E por não deixarmos sem juiso a controversia disputada entre as coisas novas e as velhas; certamente entre umas e outras não se pôde dar regra certa. O tempo umas coisas melhora, e outras corrompe: oiro velho, vinho velho, amigo velho: casa nova, navio novo, vestido novo: a velhice no oiro é preço, no vinho madureza, no amigo constancia, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo; absolutamente nas coisas que se consomem com o tempo, melhores são as novas. Mais defendida está Roma com os muros de Urbano, que com os de Belisario; uns se conservam pelo que foram, outros pelo que são; em uns se admira a antiguidade, em outros se logra a fortaleza. A verdade e as sciencias, em que não tem jurisdicção o tempo, impropriamente se chamam novas, ou velhas, porque sempre são, sempre foram, e sempre hão de ser as mesmas, posto que nem sempre se conhecem igualmente. De Deus, que por essencia é sabedoria e verdade, disse Tertulliano judiciosamente, que nem é velho, nem novo, mas verdadeiro: *Germana Deitas nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur*. E como a verdade da nossa Historia toda (como vimos) tenha o seu principio em Deus, pedimos aos que a lerem, que assim no certo, como no provavel, nem se attenda se é velho, nem se repare se é novo, mas só se considere, se é, ou pôde ser verdade: *Nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur*.

E quanto ao louvor que renunciámos facilmente, ainda que o mereceramos, digo com indifferença o que ensinou Christo: *Scriba doctus prefert de thesauro suo nova, et vetera*. (Matth. XIII — 59) Os doutos quando escrevem, tiram do seu thesouro as coisas novas, e mais as velhas: saber as velhas, e inventar as novas, isto parece que é ser douto. Mas notou Santo Agostinho, que não disse Christo as velhas e as novas, senão as novas e as velhas, dando o primeiro logar ás novas, porque as avaliou a summa justiça pelo merecimento, e não pelo tempo: *Non dixit, vetera, et nova, quod utique dixisset, nisi maluisset meritorum ordinem ser-*

*vare, quàm temporum*\*. As coisas velhas são do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas são alhêas, as novas nossas. Todos dizem que os antigos merecem maior louvor, e é assim; mas este louvor, se bem se considera, não é elogio da antiguidade, senão da novidade. Merecem maior louvor os antigos, porque foram os primeiros inventores das coisas; logo da novidade é o louvor, pois o mereceram, quando as descobriram de novo. Se fôra outro o auctor desta Historia, folgára eu que se pudéra dizer delle com Vicencio Lizinense: *Per te posteritas gratulatur intellectum, quod ante vetustas non intellectu venerabatur.*

## CAPITULO XII.

**Da-se a razão, porque em algumas partes desta Historia se não allegaram padres, e seguiram exposições dos escriptores modernos.**

Ainda que o nosso intento é seguir em quanto nos fôr possível as pizadas dos antigos padres, como padres e lumes da igreja, depois dos apostolos (os quaes não entram nesta controversia, porque em tudo o que escreveram foram alumados pelo Espirito Santo, e seguil-os como havemos de seguir em tudo, não é só obsequio e piedade, senão obrigação e respeito); e posto que o nosso desejo fôra levar sempre diante dos olhos esta segunda tocha, para alumiar e penetrar com sua luz, como diziamos, o escuro das prophecias; comtudo, porque não é, nem será possível seguir em algumas coisas das que dizemos, ou dissemos, este nosso intento e desejo, pede a razão e ordem da mesma escriptura, que antes de passar mais adiante desfaçamos este reparo, para que os menos doutos, ou mais escrupulosos, não topem nelle, e levem desde logo entendidas as causas do que fizermos, e os fundamentos, licença ou auctoridade com que o fazemos. Vêr-se-ha em al-

\* D. Aug. quæst. 16 in Matth-

gumas partes desta Historia, que ou não allegamos padres antigos, ou nos desviamos da explicação que deram a alguns logares da escriptura; o que não fazemos senão com grandes razões, sem offensa da reverencia que lhes devemos, nem da verdade que seguimos, antes para maior segurança e fundamento della, a qual é o nosso intento e obrigação buscar e descobrir adonde quer que se ache, antepoendo este respeito a qualquer outro, pois á verdade se deve o maior de todos.

As razões que nos movem e obrigam, são tres: A primeira, porque os doutores antigos não disseram tudo. Segunda, porque não acertaram em tudo. Terceira, porque não concordam em tudo; e com qualquer destes casos nos póde ser, não só licito e conveniente, senão ainda necessario seguir, o que se julgar por mais verdadeiro, porque nas coisas, que não disseram, é forçoso fallar sem elles; nas coisas em que não acertaram, é obrigação apartar delles; e nas coisas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer delles; e tambem será livre e licito deixar a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

#### PROVA-SE A PRIMEIRA RAZÃO.

Primeiramente é certo que os padres antigos não disseram tudo, e se prova claramente com a experiencia e lição de seus proprios livros, nos quaes se não acha memoria de muitas coisas grandes e doudas, achadas e accrescentadas depois, não só nas outras sciencias divinas, mas na intelligencia das mesmas escripturas sagradas, e particularmente nas dos prophetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e entenderam como se lêem nos escriptores modernos; e posto que para os versados na lição de uns e outros bastava esta supposição somente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dois grandes doutores, Castro e Canisio, ambos do seculo antecedente a este nosso, e ambos diligentissimos investigadores da antiguidade, e doutissimos na erudicção da escriptura, concilios e padres, os quaes expressamente affirmam que muitas coisas se sabem e intendem hoje que foram ignoradas dos padres antigos,

(como falla Castro) ou incognitas a elles, como mais certamente diz Canisio. As palavras deste segundo no livro primeiro de Beata Virgine cap. 7.º são as seguintes: *Domum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsus incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quæ posteris diligentius excutienda, et clariùs illustranda, explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur.* E Castro no liv. 1.º *adversus hæreses*, cap. 2.º, depois de provar o mesmo com o logar do cap. 6.º dos Cantares, que abaixo citaremos, conclue assim: *Quo sit, ut multa nunc sciamus, quæ à primis patribus aut dubitata, aut prorsus ignorata fuerunt.* A qual differença se não conheceu só com a comprida experiencia dos nossos tempos, senão já nos mesmos padres se conhecia, como muitos delles escreveram, e particularmente entre os da primeira idade Tertulliano; e entre os da ultima Ricardo Victorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo capitulo.

A razão de muitas coisas que hoje se sabem serem incognitas aos padres antigos, se póde considerar, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas coisas. Da parte das mesmas coisas nos não devemos admirar que lhes fossem incognitas, por serem muitas dellas difficultosas, escuras e mui reconditas nas escripturas sagradas, e enigmas dos prophetas, as quaes se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos intendimentos, por sublimes e sublimissimos que fossem, em quanto não estavam assistidos de outras noticias e circumstancias, que só se descobrem com o tempo, e adquirem com larga experiencia.

— Excelente exemplo é nesta materia o das sciencias e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios e rudimentos foram imperfeitas, e com os annos, experiencia e exercicio se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a nautica, a bellica, a musica, a architectura, a geographia, a hydrographia, e todas as outras mathematicas, e muito em particular a chronologia, de que neste mesmo capitulo fallaremos; e assim como estas mesmas sciencias e artes cresceram e se apuraram muito com o socorro e apparelho de exquisitos instrumentos, que nellas se inventaram, como foi na nautica o astrolabio, a agulha, e o admi-

ravel segredo da pedra de cevar: e na bellica o terribilissimo e subtilissimo invento da polvora, que deu alma e ser a tantos e tão notaveis instrumentos de guerra: assim tambem poderam crescer e augmentar-se muito as sciencias divinas, e chegar á perfeição e eminencia, em que hoje se vêem com os instrumentos proprios dellas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressão, com que a doutrina e sciencia particular dos homens insignes se faz commum a todos em tão distantes logares, não sendo menor a commodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas e tão diversas universidades, theatros e officinas publicas de toda a sabedoria; commodidade de que no tempo dos padres se carecia, sendo necessario ao doutor Maximo São Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua propria mão, e peregrinar á Grecia, á Palestina, ao Egypto e ás Gallias para recolher os escriptos de S. Hylario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a Didimo, e aos mestres mais peritos na lingua hebraica; inconvenientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espirito e zelo de servir á egreja, como do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores, com que a adquiriu e conquistou. (Hier. epist. XXII, e XL — 6)

Da parte dos mesmos padres se deve igualmente considerar, que deixaram de especular e dizer muitas coisas de grande importancia que depois se souberam e escreveram, porque se accommodaram á necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos padres antigos era provar a verdade da encarnação do Filho de Deus, e o mysterio de sua cruz, a qual na cegueira dos judeus (como diz S. Paulo) se reputava por escandalo, e na ignorancia dos gentios por estulticia; (1. ad Cor. I — 23) e como esta era a guerra e a conquista daquelles tempos, todas as armas da sagrada escriptura se forjavam e acostavam contra esta resistencia, e por isso os primeiros padres, e seus successores, nenhuma coisa buscavam nos livros sagrados, não só propheticos, senão ainda nos historicos, mais que os mysterios de Christo. É bom

testimunho desta verdade, o que diz Ruperto a Tristerico arcebispo coloniense no prologo dos seus commentarios sobre os prophetas menores: *Scito me, Pater mi, sicut in cateris scripturis, ita et in volumine duodecim prophetarum operam dedisse, ad quaerendum Christum*". E como isto é o que só buscavam para escrever, isto é o que só achavam, ou o que só escreviam seguindo os sentidos allegoricos e mysticos, e deixando ou insistindo menos nos litteraes, como se vê ordinariamente em todas as exposições dos padres, que todas se empregam na allegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a letra, e talvez não sem alguma impropriedade e violencia. Assim o notaram entre os mesmos padres alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que antiquissimos.

Dos primeiros é Ricardo de São Victor, contemporaneo de S. Bernardo, no prologo sobre o propheta Ezechiel, onde confessa que se aparta de São Gregorio, por se não chegar ao sentido litteral do texto. Dos segundos é o mesmo São Gregorio, padre do sexto seculo depois de Christo, no proemio sobre o livro dos Reis, onde diz que lhe foi necessario em algumas partes não seguir os padres mais antigos, por não saltar ao fio, consequencia e verdadeira interpretação da historia: as palavras de São Gregorio não refiro aqui, porque terão seu logar mais abaixo: as de Ricardo, depois de referir como os antigos padres occupavam seu estudo principal na allegoria, são estas: *Hinc contigisse arbitror, ut literæ expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacitè præterirent, vel paulò negligentius tractarent, qui si pleniùs insisterent, multo perfectiùs proculdubio, quàm aliqui ex modernis, id potuissent*". Quer dizer: que os padres antigos por applicarem toda a sua industria e engenho no sentido allegorico das escripturas, ou passaram totalmente em silencio, ou tractaram menos diligentemente alguns logares mais escuros dellas, sendo certo, segundo eram dotados de altissimos engenhos, e enriquecidos de muita sciencia e erudição, que se

\* Ruper. in prolog. Commentar. super Proph. minor.

\*\* Ricard. á S. Victor. in prolog. super Ezechiel.

insistissem no sentido genuino e litteral do texto, o poderiam conseguir mais perfeitamente, que qualquer dos modernos. De maneira, que segundo a verdade desta advertencia vem a ser a differença entre os padres antigos e os commentadores modernos das escripturas, a mesma que houve naquelles dois homens do evangelho, ambos ricos e venturosos. Um que achou o thesouro e deu quanto tinha por comprar o campo em que elle estava; outro que buscando só margaritas, e achando uma preciosissima, empregou tambem nella quanto tinha. (Matth. XIII — 44 e 46) Os padres antigos, que buscavam só nas escripturas a Christo, e nesta preciosissima margarita empregavam todo o cabedal do seu estudo; os modernos, que se não determinam no thesouro das escripturas a um só genero de riquezas, acham, além da mesma margarita, muitas outras pedras tambem preciosas, e tiram daquelle thesouro (como dizia Christo) *nova e vetera*, riquezas novas e velhas; as velhas, que são as noticias das verdades já passadas; as novas, que são o conhecimento das outras futuras.

Finalmente se deve considerar este silencio das coisas que não disseram os padres, da parte de Deus, o qual com particular providencia não quiz que elles por então as soubessem e escrevessem, para que a igreja, nossa mãe, se parecesse com seu Esposo, e, conforme os annos e idade, fosse tambem crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros theologos, o mesmo Canisio, continuando o logar acima citado: *Quæ posteris diligentius executienda, et clariùs illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur, non verò homini tantùm, sed etiam ecclesiæ Christi tempus auget sapientiam, et Spiritus Sanctus aliam, atque aliam doctrinæ lucem patefacit.* No cap. 6.º dos Cantares, donde o Esposo é Christo e a esposa a igreja, estão prophetisados os progressos que ella havia de ter, e se comparam com extremada propriedade á luz da aurora: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens?* Porque assim como a aurora nasce das trevas da noite e começa na primeira luz, e nella vae sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a igreja, nascida nas trevas da ignorancia e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria, e vae sempre

crescendo e augmentando-se mais e mais de resplendor em resplendor, de claridade em claridade, que são os termos de que usa S. Paulo na segunda epistola aos Corinthios: *Nos verò omnes revelata facie glóriam Domini speculantes, in eandem imaginem transformamur a claritate in claritatem.* (2 ad Cor. III — 18) Fallava o apóstolo do veu da infidelidade com que os judeus teem cobertos os olhos para não vêr a Christo, e diz que nós os christãos, que somos os membros de que se compõe a igreja, tirado pela fé aquelle veu, com os olhos abertos e desempeidos por meio da propria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade, não já passando das trevas á luz, senão de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a igreja na imagem do seu mesmo Esposo, Christo. Porque assim como Christo, posto que sua sabedoria foi sempre igual e a mesma (em quanto Deus infinita e em quanto homem consummadissima), comtudo nos actos exteriores e manifestação della ao mundo, a não mostrou toda junta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre nella ao passo que ia crescendo nos annos, como diz o evangelista São Lucas: *Proficiebat sapientia, et etate.* (Luc. II — 52) Assim a igreja, que é o corpo mystico do mesmo Christo, transformando-se na sua imagem e retratando-se nelle, e por elle, vae sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, á medida que cresce nos annos e na idade: *Crescere igitur oportet, et multum, vehementerque proficiat, tam singulorum, quàm omnium, tam unius hominis, quàm totius ecclesie etatum, ac sæculorum gradus intelligentia, scientia, sapientia,* disse doutamente Vicencio Lirinense.

De sorte que vae crescendo a intelligencia, a sciencia e a sabedoria pelos mesmos grãos do tempo, com que vão passando os annos, os seculos e a idade; e isto não só na igreja universal, e em commum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios, de que a sua luz se compõe. D'onde se deve reparar e advertir (coisa que devèra já estar mui notada e advertida) que os doutores antigos e mais velhos, propria e rigorosamente fallando, não são os passados, senão

os presentes; nem aquelles que vulgarmente são chamados os antigos, senão os que hoje e nos tempos mais chegados a nós se chamam modernos; porque assim como nos annos de Christo houve infancia, puericia e adolescencia, e depois idade perfeita; assim nos annos e duração da igreja ha a mesma distincção e successão de idades, com que o corpo mystico della vae crescendo, e augmentando-se sempre mais até chegar a encher a perfeição ou medida da mesma idade de Christo, como expressamente disse São Paulo fallando dos mesmos doutores: *Alios autem pastores, et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi.* (Ad Ephes. IV — 11, 12 e 13) D'onde se segue, que os doutores da infancia, da puericia e da adolescencia da igreja foram os modernos e da sciencia moderna. E os doutores da idade maior e mais propecta da igreja, são os mais velhos e mais antigos; e da sciencia mais antiga, porque a igreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos; nem foi crescendo dos nossos annos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos: e seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decencia da mesma idade, que não fosse mais sabia a igreja nos maiores annos, do que tinha sido nos menores.

Dizem contra isto os hereges (como notou Banhes) que a igreja não está hoje mais alumiada, senão cada vez menos; e do mesmo sol tiram o argumento desta sua cegueira. Dizem que Christo é o sol da igreja e aquelle primeira verdadeira luz: *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum,* (Joan. I — 9) e que quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Christo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais tennes, mais escassos, e menos intensos, bem assim como a luz do sol material, e qualquer outra, alumia e aquece mais aos que lhe ficam mais visinhos, e menos aos que estão mais remotos e mais distantes. Mas a apparencia desta razão é tão falsa como todas as de seus auctores; porque ainda que Christo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particu-

lar e invisível assistencia, sempre ficou com elles e os assistirá (dentro porém da sua igreja) até o fim do mundo, como prometteu a todos os verdadeiros discipulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* (Matth. XXVIII — 20) Também deixou em seu lugar por segundo mestre de sua escola ao Espirito Santo, igualmente Deus, como elle, o qual com a mesma e não diferente luz, não só alumia a igreja com os mesmos resplandores da verdade, mas segundo a disposição de sua providencia, os vaé descobrindo maiores a seu tempo, ensinando e declarando aquellas occultas e altissimas verdades, que por menos capacidade dos discipulos deixou Christo de lh'as dizer, quando por si mesmo os ensinava; dizendo-lhes porém (para que o judeu não duvide da assistencia do Espirito Santo á igreja o cabeça della), que o Espirito lhes ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere: sed non potestis portare modo. Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.* (Joan. XVI — 12 e 13)

E porque a perfidia heretica se nos não queira acolher por pés, (como imprudentemente fazem ainda em logares igualmente claros de outras escripturas) fugindo para os tempos antigos, em que elles confessam que a igreja esteve verdadeiramente alumiaada: oiçam ao antiquissimo Tertulliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sala, immobilis, et irreformabilis: hac lege fidei manente, cætera jam disciplinæ, et conversationes admittunt novitatem correctionis, operante scilicet, et proficiente usque in finem gratiæ Dei. Quale est enim, ut diabolo semper operante, et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei aut cessaverit, aut proficere destiterit, cum propterea Paraclitum miserit Dominus, ut quoniam humana mediocritas omnia semel capere non poterat, paulatim dirigeretur, et ordinaretur, et ad perfectum produceretur disciplina ab illo Vicario Domini Spiritu Sancto. Quæ est ergo Paracliti administratio, nisi hæc, quod disciplina dirigitur, quòd scripturæ revelantur, quòd intellectus reformatur, quòd ad meliora perficitur?* Não me detenho em roman-

\* Tertul. lib. de velam. Virgin. in princip.

cear as palavras, porque são em summa tudo o que atégora temos dito; só peço se pondere aquella nova e bem achada razão de Tertulliano: *Quale est enim ut diabolo semper operante, et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, etc.* Se o demonio sempre obra, e não desiste de accrescentar cada dia novos erros e novos enganões com que impugnar, e novas trevas, com que diminuir e escurecer a luz da verdade e resplendor da igreja, como havia o Espirito Santo de cessar em accrescentar sempre nella novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enganões, e novas victorias contra esse inimigo, e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o herege a prova da maior luz da igreja; por isso disse São Paulo: *Oportet hæreses esse\**, e esse é o bem que tira de tão grande mal aquella sapientissima providencia, que, como doutamente disse Santo Agostinho, teve por maior gloria de sua grandeza fazer dos males bens, que não permittir os males.

Assim que os que quizerem reconhecer os augmentos da sabedoria, em que sempre mais vae crescendo a igreja, com os annos, não devem tomar a similhaça do sol e da luz, senão a da fonte e do rio; a que o mesmo Christo comparou sua doutrina, quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me, et bibat. Qui credit in me, sicut dicit scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquæ vivæ. Hoc autem dixit de spiritu, quem accepturi erant credentes in eum.* (Joan. VII — 37, 38 e 39) A luz que são do sol, quanto mais distante, mais se vae enfraquecendo e diminuindo: mas o rio que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta de seu principio, tanto mais se engrossa, porque vae recebendo novas correntes e novas aguas, com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudaloso. Tal é a sabedoria da igreja, entrando sempre nella as purissimas correntes da doutrina de tantos doutores catholicos e sapientissimos, que cada dia a augmentam com novos e tão excellentes escriptos em uma e outra theologia, de que o nosso seculo tem sido mais fecundo e abundante que todos até hoje. A sabedoria da igreja no alu-

\* D. Paul. ad Cor. XI — 19.

miar é luz, e no correr é rio, rio daquella mesma fonte, e luz daquelle mesmo sol, que é Christo, conservando juntamente as luzes e claridade das aguas, e as aguas os resplandores das luzes naquella milagrosa metamorphose, que se conta no cap. 10.<sup>o</sup> de Esther: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, et in lucem solemque conversus est, et in aquas plurimas redundavit.* (Esther X — 9) Christo sol com propriedade de fonte, a egreja luz com propriedade de rio, e por isso sempre mais alumiada, sempre mais vestida de resplandores.

E como por esta providencia particular de Deus, e pela difficuldade e escuridade de muitos logares da escriptura, e pela applicação dos padres, a confirmação de outras verdades e a resistencia de outras batalhas proprias daquelles tempos deixaram de escrever algumas coisas, com que a egreja depois se foi alumando e illustrando, não é muito que nestas, que elles não disseram, fallamos e hajamos de fallar sem elles: nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos padres doutissimos e santissimos; porque não querer descobrir, nem saber o que elles não disseram, antes é vicio da ociosidade, que virtude da reverencia, como bem conclue o mesmo Ricardo Victorino acima allegado: *Sed nec illud tacitè prætereo, quod quidem ob reverentiam Patrum nollent ab ipsis ommissa attentare, nec videatur aliquid ultra maiores præsumere, sed inertiae suæ hujusmodi velamen habentes otio torpent, et aliorum industriam in veritatis investigatione, et inventione derident, subsannant, et ex sufflant sed qui habitat in cælis, iridebit eos, et Dominus subsannabit eos*\*. Leam e temam esta sentença os que culpam, os que não querem ser culpados nella, e advirtam que tambem é um dos padres o que isto disse.

\* Ricard. á S. Victor. supr. relatus.

## SEGUNDA RAZÃO.

*Discorre-se sobre as coisas que no tempo dos padres houve para alguns logares dos prophetas não poderem ser intendidos inteiramente.*

Em segundo logar diziamos que os padres não acertaram em tudo: e posto que pudemos provar a verdade deste fundamento com a demonstração das coisas em que não acertaram, lembrados porém da reverência que os filhos devem aos paes, e da benção que mereceram aquelles dois honrados filhos, Sem e Japheth, quando voltaram as costas, e apartaram os olhos do que em seu pae Noé podia ser menos decente: (Gen. IX — 23) nós tambem lançaremos a capa sobre esta materia, deixando tão indigno assumpto a Luthero, Calvino, Beza e Wikleph, e outros legitimos herdeiros do impio e irreverente Cam.

Não negamos, comtudo, que houve muitos auctores catholicos e pios, em cujos livros se podem vêr por junto estes exemplos, os quaes elles escreveram não por menos reverencia que tivessem aos antigos padres, por sua sabedoria e santidade, e igualmente merecedores da eterna veneração; mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina, e cautela dos mesmos doutos que lessem as suas obras. Bem assim como os que pintam cartas de marear signalam no vastissimo e profundissimo Oceano os baixos (poucos e rarissimos, se se compararem com a immensidade de suas aguas) para maior vigilancia e segurança dos que as navegam. Escreveram neste genero doutissimamente Sixto Senense em todo o quinto e sexto livro de sua Bibliotheca Santa: Ferdinando Vilocilo, bispo de Luca, nas Advertencias Theologicas sobre cinco padres da egreja; Affonso de Castro, *Adversus hæreses*; Antonio Possevino no Apparato Sacro; o cardeal Cesar Baronio em muitos logares de seus Annaes; Melchior Cano *de Locis Theologicis*, e outros. Este ultimo no liv. 7.º cap. 3.º diz assim: *Auctores canonici, ut superni caelestes divini stabilem perpetuamque conscientiam servant; reliqui verò scriptores sancti, inferiores, et humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque*

*pariunt propter convenientem ordinem, institutumque naturæ.*

Mas entre estes exemplos naturaes da fragilidade humana, podemos lêr em prova delles outros dos mesmos padres, em que confessando com alta humildade e modestia, que podiam errar como os homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si, e nós devemos ter de nós, quão verdadeiramente eram santos, e por isso mesmo sapientissimos. Porei aqui as palavras de dois maiores doutores, um de theologia escolastica, e outro da positiva, Santo Agostinho, e S. Jeronymo: Santo Agostinho na epistola 3.<sup>a</sup>, escrevendo a Tertulliano desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes quamvis catholicorum, et laudatorum hominum, velut scripturas canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, quæ illis debetur) aliquid in eorum scriptis improbare, ac respuere (si fortè invenerimus, quod aliter senserint quàm veritas habet) divino adjutorio, vel ab aliis intellecta, vel à nobis; talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum.* As sciencias e regulações dos auctores, posto que sejam catholicos, mui louvados e estimados por sua sciencia e doutrina, não as devemos lêr como escripturas canonicas de tal sorte, que nos não seja licito (salva a reverencia de suas pessoas) reprovar e não seguir algumas coisas das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor entendida por outros, ou tambem por nós. Este é o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leio os escriptos dos outros, e com que quero que sejam lidos os meus. O mesmo sentia S. Jeronymo, assim dos escriptos alheos como dos proprios, cujas palavras na epistola a Theophilo contra os erros de S. João Hierosolymitano são estas: *Scis me aliter habere apostolos, aliter aliquos tractores illos semper vera dicere: istos in quibusdam ut homines aberrare.* Só os apostolos, como alumiados por Deus, disseram a verdade em tudo; os outros homens, como homens erram, e podem errar, diz o doutor Maximo: e se o fundamento dos erros humanos é o effeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se póde livrar desta pensão da humanidade, por douto e sapientissimo que seja. Exemplo seja o prodi-

gioso livro das retractações de Santo Agostinho, mais digno de veneração por aquella obra, que por todas as outras suas; o qual proseguindo a mesma sentença de S. Jeronymo no liv. 2.º de baptismo, contra os donatistas cap. 5.º, diz assim com admiravel piedade e juizo: *Homines sumus, unde aliquid aliter sapere, quàm se res habet, humanæ tentatio est: nimis autem amundo sententiam suam, vel invidendo melioribus usque ad prescindendæ communionis, et condendi schismatis vel hæresis sacrilegium pervenire, diabolica præsumptio est; in nullo autem aliter sapere, quàm se res habet, angelica perfectio est.* De maneira que seguindo Santo Agostinho, errar em alguma coisa é fraqueza de homens; acertar em tudo, é perfeição de anjo; e querer defender seu parecer até romper a caridade e união da igreja, é presumpção de demonios; e como os santos padres fossem obedientissimos filhos da igreja catholica, a cujo supremo juizo sujeitaram sempre todos os seus escriptos, se em alguma coisa desacertaram, como dissemos ou suppomos, é argumento só, de que foram homens, e não eram anjos.

Mas para que se veja a occasião ou occasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira intelligencia de algumas escripturas, principalmente as dos prophetas, que é o fim para que isto suppomos; direi agora o que da ponderação das mesmas escripturas propheticas, e das exposições dos padres sobre ellas, e das opiniões, que eram communs e recebidas entre os doutos, quando elles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui (tanto de melhor vontade) esta minha advertencia, em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos annos de estudo e lição dos mesmos padres, quanto della se pôde colher facilmente; e sem menos louvor de sua grandeza e sabedoria, quão impossivel coisa lhes era acertarem naquelle tempo, em aquellas supposições, com o verdadeiro intendimento de alguns logares dos prophetas, que elles interpretaram em alhêo e differente sentido.

A primeira occasião que os padres tiveram para não poderem intender em seu tempo o sentido litteral e historico daquelles textos propheticos, era a falta que então havia no mundo da verdadeira e exacta cosmographia, e a errada opinião, ou de que o

globo da terra não era perfeitamente espherico, ou de que as partes oppostas ás que naquelle tempo se conheciam, eram não só desertas, senão ainda inhabitaveis. Este sentimento que foi de muitos philosophos antigos, se tinha entre os padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião, ou fama, de haver os que então já se chamavam antipodas: posto que os principios porque os padres os negavam, não eram entre todos os mesmos razões philosophicas, em que alguns se fundavam, que então (antes da experiencia) tinham nome de razões, e hoje depois dellas nos parecem ridiculas.

Descreve Lactancio Firmiano, que era um dos padres, e muito douto daquelle tempo, e zombando elegantissimamente dos que tinham a opinião contraria, discorre assim: *Quid illi, qui esse contrarios vestigiis nostris antipodas putant? Num aliquid loquuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse homines quorum vestigia sint superiora quàm capita? Aut ibi quæ apud nos jacent inversa pendere? Fruges, et arbores deorsum versas crescere? Pluvias, et nives, et grandinem sursum versus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pensiles, inter septem mira narrari, cùm philosophi, et agros, et urbes, et maria, et montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris aperienda nobis origo est... Quæ igitur illos antipodas ratio produxit? Videbant syderum cursus in occasum meantium. Solem, atque lunam in eandem partem semper occidere, atque oriri semper ab eadem. Cùm autem non perspicerent quæ machinatio eorum cursus temperaret, nec quomodo ab occasu ad Orientem remearent, cælum autem ipsum in omnes partes putarent esse devexum; quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est; existimarunt rotundum esse mundum sicut pilam: et ex motu syderum opinati sunt cælum volvi. Sic astra, solemque, cum occiderint, volubilitate ipsa mundi ad ortum referri; itaque æreos orbes fabricati sunt quasi ad figuram mundi, eosque cælorum portentosis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerent. Hanc igitur cæli rotunditatem illud sequebatur; ut terra in medio sinu ejus esset conclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque enim fieri posset ut non esset rotundum, quòd*

*rotundo conclusum teneretur. Si autem rotunda etiam terra esset, necesse esset, ut in omnes cæli partes eandem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat; etiam sequebatur ut nulla sit pars terræ, quæ non ab hominibus, cæterisque animalibus incolatur: sic pendulos istos antipodas cæli rotunditas adinvenit; quod si quæras ab his, qui hæc portenta defendunt, quomodo ergo non cadunt omnia in inferiorem cæli partem? Respondent hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, et ad medium connexa sint omnia sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, ita à medio deferantur ut cælum petant. Quid dicam de his? Nescio; qui cum semel aberraverint, constanter in stultitia perseverant, et vana vanis defendunt, nisi quod eos interdum puto, aut joci causa philosophari, aut prudentes, et scios mendacia defendenda suscipere, quasi ut ingenia sua in malis rebus exerçant vel ostentent'.*

Atêqui Lactancio, não se rindo menos dos que naquelle tempo tinham esta opinião, do que nós hoje nos podemos rir delle: por isso não duvidei de copiar esta pagina de latim, que para os que bem o entendem, sei de certo não será larga por sua materia e elegancia; e muito menos para os que o não entendem, porque o passarão mais brevemente. O mesmo peço eu que façam os que não teem necessidade de vêr a traducção della, que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento, de quão mal se pôde trasladar á nossa lingoa a elegancia da latina. «Que direi daquelles (diz Lactancio), os quaes tiveram para si, que ha no mundo outros homens que andam com os pés virados para nós, a que chamam antipodas? Por ventura dizem estes alguma coisa que tenha fundamento, ou pôde haver homem de tão pouco juiso, que se lhe metta na cabeça que ha homens que andem com a cabeça para baixo, e que todas as coisas que aqui estão em pé, e direitas, lá estejam penduradas? Que as arvores cresçam para a parte inferior? Que a chuva cáia para cima? E que os que hão

\* Lactant. Firm. lib. 3, divin. instit. cap. 23.

de colher os fructos, hajam de descer aos ramos, e não subir? E espantamo-nos, que os hortos pensiles se contem entre as sete maravilhas do mundo, quando ha philosophos que fazem campos pensiles, mares pensiles, e cidades pensiles, em que as torres e os telhados estao pendurados para baixo? Mas será bem que digamos a origem d'onde teve principio este erro, e que razão moveu ou levou estes homens a uma coisa tão irracional, como haver antipodas. Viam que o sol, a lua, e estrellas, saíam sempre do Oriente, e entravam pelo Occaso; viam, ou cuidavam que viam, que este céu que nos cobre, tem figura de uma abobada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza de nossa vista) e não intendendo o modo porque esta machina se governa, vieram a imaginar que o mundo era redondo como uma bola, e assim fingiam que havia no céu varios orbes de materia solida como bronze, em que estavam esculpidas essas imagens e corpos portentosos, a que chamamos estrellas e planetas.

Desta redondeza ou rotundidade do céu, inferiam e assentavam que tambem a terra era redonda; e accommodando-se naturalmente a figura do corpo exterior, e maior, dentro do qual estava mettida e torneada desta maneira, e feita redonda a terra, tiravam por segunda consequencia que tambem havia de estar povoada de homens e de animaes, em todas as partes, como está nesta em que vivemos; assim que, a imaginada rotundidade do céu foi a inventora destes antipodas pendurados: e se perguntarmos aos defensoros deste portento como póde ser, que os homens que fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não cáem por esses ares abaixo, respondem que é o pezo natural da terra, que de todas as partes inclina para o centro, assim como os raios de uma roda todos vão parar ao eixo, e que assim como do mesmo eixo saem os raios para a roda, assim as coisas pesadas vão buscar o meio; as coisas leves, como o fogo, os fumos, as nevoas, sobem direitas para as diversas partes do céu, de que a terra está cercada. O que se haja de dizer de taes homens, e de taes intendimentos, não o sei; só digo que depois de terem caído no primeiro erro, perseveram constantemente na sua

ignorancia, defendendo umas coisas vãs, com outras tão vãs como ellas; sendo que algumas vezes cuido que não dizem nem escrevem isto de sizo, senão por joco e zombaria, e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fabulas e mentiras, as defendem comtudo para ostentar habilidade e engenho, empregando tão bons intendimentos em tão más coisas.»

Este é o discurso de Lactancio no terceiro *Divinarum Institutionum*, cap. 23, e foi bem que o deixasse tão miudamente escripto, para que soubessemos o que naquelle tempo se sabia do mundo; e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos portuguezes primeiros descobridores de seus antipodas. Santo Agostinho tambem teve a mesma opinião de Lactancio, posto que lhe não contentaram os seus fundamentos, os quaes impugna no livro das suas cathogorias; mas no liv. 16 de *Civitate Dei*, resolve que se não deve crêr que ha antipodas, com palavras de tanta segurança, como as seguintes: *Quòd verò et antipodas esse fabulantur, id est, homines à contraria parte terra, ubi sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est; nec hoc ulla historia cognitione didicisse se affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant.* E quanto á fabula dos que fingem que ha antipodas (diz Santo Agostinho), isto é, homens da outra parte do mundo, onde o sol lhes nasce a elles, quando se põe a nós, e que pizam a terra com que os voltados para os nossos, como nós para os seus, é coisa que de nenhum modo se ha de crêr, nem seus auctores o provam com alguma historia que tal affirme, e só o conjecturam por discursos. Não dissera isto o sapientissimo doutor, se já naquelle tempo estiveram escriptas as historias dos portuguezes; mas esté é o maior louvor da nossa nação (como disse um orador della), que chegaram os portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho não chegou com o intendimento.

A razão de Santo Agostinho com que negou os antipodas, ainda encarece mais este louvor nosso, porque o argumento em que se funda é este. Todos os homens que se propagaram e estenderam pelo mundo, são descendentes de Adão, como consta da escriptura: logo segue-se que não ha nem póde haver antipodas, por-

que se os houvera, haviam de ter passado á outra parte do mundo, por cima da immensidade do mar Oceano; e é grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegação. Esta é a razão de Santo Agostinho, e este o famoso elogio, que sem saber de quem fallava, disse o famoso e illustrissimo africano, dos portuguezes conquistadores depois de sua patria: *Nimisque absurdum est* (são palavras suas no mesmo logar) *ut dicatar aliquos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta, navigare, ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.*

Esta mesma opinião foi commum entre os outros padres da egreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactancio, em S. Justino, e antes de Santo Agostinho em Santo Hilario, em S. João Chrysostomo, S. Basilio, e Santo Ambrosio, e muitos annos e seculos depois em Procopio, Theophilato, Euthymio, e outros, uns fundando-se nas razões já referidas, e todos naquella tão celebrada dos philosophos historiadores e poetas, que não só faziam inhabitavel a zona torrida, mas suppunham tão grande incendio nella, pela visinhança do sol, que de nenhum modo se podia passar: *Media verò terrarum* (diz Plinio) *quod solis orbita est, exusta flammis, et cremata, cominus vapore torretur. Circa duæ tantum inter exustam, et rigentes temperantur: et æque ipsæ inter se non perviæ propter incendium sideris.* (Plin. lib. 2 cap. 68) Este incendio da zona torrida ainda em tempos tão chegados aos nossos, era um dos mais forçosos argumentos, com que os reprovadores da empreza do infante Dom Henrique a impugnavam, e tinham por impossivel aquelle descobrimento, como referem as nossas historias. A estas razões propriamente philosophicas, e a este discurso, accrescentavam os padres outras theologicas, e alguns textos da escriptura sagrada, que antes da experiencia parecia affirmarem, ou definirem claramente, que debaixo da terra não havia outra coisa mais que a agoa. Assim o argumentava Procopio sobre o primeiro capitulo do Genesis, dizendo: *Quòd autem universa terra in aquis subsistat, nec ulla sit pars ejus, quæ infra nos sita sit, aquis vacua, et denudata hominibus, notum reor, nam sic docet scripturo: Qui expandit terram super*

*aquas: et iterum: quia ipse super maria fundavit eum*\*. O primeiro logar é do psalmo 135, e o segundo do psalmo 23. E verdadeiramente que as palavras de um e outro são tão claras, que se a vista dos olhos não tivera ensinado o contrario, parece se deviam intender assim; e que Deus, que tudo póde, para mostrar sua omnipotencia tinha fundado a terra sobre a agoa.

Assim o cuidou Tales Milezio, um dos sete sabios de Grecia, com muitos outros philosophos\*\*, os quaes referiam os tremores da terra, á inconstancia deste fundamento de sua natureza tão pouco solido; mas depois que a experiencia nos mostrou, que debaixo, ou da parte opposta a esta terra, ha outros habitadores, que são os antipodas, a emenda deste engano nos ensinou tambem a intender aquelles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este. Quando Deus creou o mundo, no principio estava o elemento da terra coberto com o elemento da agoa, e a agoa sobre a terra, conforme o logar que se devia á sua dignidade e nobreza, como elemento que é mais nobre; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inhabitavel, como notou o texto: *Terra autem erat inanis, et vacua*; (Genes. I — 2) o que fez a providencia divina foi apartar a agoa de cima da terra, e dar-lhe outro logar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a elle, e podesse produzir e ser habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquæ in locum unum, et appareat arida*. (Ibid. — 9) E porque a terra por este modo ficou superior á agoa, por isso diz David, que a terra está sobre ella, isto é, superior a ella, e não inferior e debaixo, como de antes estava, e por sua natureza devia estar. Repito o texto todo, para que da consequencia d'elle se veja melhor a verdade e clareza desta exposição: *Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi, qui habitant in eo: quia ipse super maria fundavit eum, et super flumina præparavit eum*. (Psal. XXIII — 2 e 3) Deus é o Senhor da terra, e de todos seus habitadores; e porque é Senhor da terra? Porque a fundou: e é Senhor de seus habitadores; porque fa-

\* Procop. in Gen. relatus à Siato Senens. liv. 5 annot. 12.

\*\* Aristot. de cælo cap. 13, et apud Senec lib. 3 quæst. natural cap. 13.

zêndo que fosse superior ao mar, e aos rios; a fez habitavel; e essa é a energia da palavra *præparavit*; porque fazendo a terra superior á agoa, a preparou e accommodou a que se podesse habitar: *Ratio cur Dominus terræ, omniumque in ea rerum sit Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit, et supereminere aquis fecit, ut habitare posset*. E não é muito que Lorino entendesse melhor este texto da terra e do mar, que Procopio; porque Procopio não sabia que havia mar e terra habitada dos antipodas, e Lorino sim; mas vamos a outros logares mais impossiveis de intender, antes do conhecimento dos antipodas.

*Referem-se varios logares dos prophetas que os expositores modernos intendem dos antipodas e conquistas de Portugal.*

Começando pelo mesmo David, aquelle verso do psalmo 67: *Regna terræ cantate Deo, psallite Domino: psallite Deo, qui ascendit super cælum cæli ad Orientem; ecce dabit voci suæ vocem virtutis*, diz Genebrardo, Viegas, Mendonça, e outros auctores, que falla da conversão dos reinos e terras do Oriente, convertidas á fé por meio da prêgação dos portuguezes, e descobertas por elles. D'onde notou advertidamente Viegas, que no mesmo psalmo tinha dito David: *Cantate Deo psalmus, dicite nomini ejus, iter facite ei, qui ascendit super Occasum, Dominus nomen illi*: (Ibid. XXIII — 5) para mostrar que a fé e conhecimento de Deus, primeiro havia de vir ás terras mais occidentaes, que são as que habitamos, e depois havia de passar ás do Oriente, que são aquellas que descobrimos, conquistámos, alumiámos com a luz do evangelho; e esta é a virtude que Deus deu ás vozes da sua voz (isto é, ás vozes dos seus prégadores: *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis*. (Psal. LXIV — 9)

Todo o psalmo 64 explica Bazilio Ponce da nova conversão das indias, assim orientaes, como occidentaes, e são tão proprios desta explicação muitos logares d'elle, que, ainda os que não tiveram tal pensamento, não poderam deixar de dizer o mesmo. Lorino commentando o verso 9: *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos à signis tuis: exitus matulini, et vespere*

*delectabis.* Intendem pelos habitadores dos termos da terra as gentes orientaes e occidentaes, e assim explica as palavras: *Exitus matutini, et vespere, pro hominibus, qui habitant ubi exit dies, et ubi exit nox, hoc est, pro orientalibus, et occidentalibus.*

De maneira, que os homens de quem aqui falla David, são aquelles que estão nos dois ultimos fins e extremos da terra, onde nasce o dia, e onde nasce a noite. Uns nos fins do Oriente, que são os das indias orientaes; e outros nos fins do Occidente, que são os das indias occidentaes. Esta terra, uma e outra, diz o propheta, que visitaria Deus, e que a regaria como regou com a agoa do baptismo: *Visitasti terram, et inebriasti eam.* (Psal. LXIV — 10) E accrescenta com grande energia, que multiplicaria o Senhor o enriquecel-a. *Multiplicasti locupletare eam;* porque tendo lhe já dado as maiores riquezas temporaes, que são as minas do oiro e prata, os diamantes, os rubis, as perolas, e outros tantos thesouros sobre estes, lhe havia de dar tambem as riquezas espirituaes, e a graça, com que ficasse cada uma não só rica, mas multiplicadamente rica: *Multiplicasti, etc.* E porque para isto era necessario que o bravissimo e indomito Oceano se sujeitasse aos homens, e se deixasse arar de seus lenhos, o que até áquelle tempo não consentia; tambem dizia David, que fazia Deus esta mudança em suas ondas: *Qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus.* Ou, como lê S. Jeronymo e Theodosio: *Componens, sedans mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem, et profunditatem maris.* (Ibid. — 8)

Finalmente, porque não duvidassemos que mares eram estes; declara o propheta, que não haviam de ser aquelles que lavam as terras e praias visinhas a nós, senão os mares de muito longe, e de terras e gentes muito remotas: *Spes omnium finium terræ, et in mari longè:* Ibid. — 6) ou como tem o hebreu: *Maris remotorum:* e não carece de mysterio, e grande mysterio, o procimo com que David introduziu tudo o que atéqui temos dito, que foi com estas palavras: *Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.* (Ibid. — 5) Como se dissera: antes de se prégar o evangelho a estas terras, ou a estes mundos do Oriente e do Occidente, parece que vós, Senhor, e vossa egreja, não guardaveis

igualdade com os homens, pois havendo tantos annos, e tantos seculos, que alumiastes a uns com a luz da fé, permittistes atégora por vossos occultos juisos, que os outros estivessem ás escuras (argumento que puzeram os Japões a S. Francisco Xavier). Porém depois que a fé, e o evangelho, e o conhecimento e culto do verdadeiro Deus, tem passado os mares, chegado ás mais remotas nações do Oriente, agora sim, que podemos dizer que a vossa egreja é admiravel na igualdade, porque tracta igualmente a todos: *Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.*

Salomão que succedeu a David, não só na corôa, mas tambem no espirito de prophecia, em muitos logares dos seus Canticos deixou tambem prophetisadas estas maravilhas da nossa idade: neste sentido explicam alguns modernos aquellas palavras no cap. 4.º: *Surge Aquilo, et veni auster, et perfla hortum meum, et fluent aromata illius.* (Cant. IV — 16) Como se dissesse Christo fallando do seu jardim, que é a egreja: que saisse d'elle o norte, e viesse o sul; isto é, que saíssem da egreja as orações do norte, como se saíram nestes tempos por meio da heresia, e que entrassem na mesma egreja as orações do sul (que são as do novo mundo), como entraram por meio da fé. Ao qual sentido, que é mui proprio e verdadeiro, podemos applicar as palavras de Honorio: *Siquidem inauditam hæresim per malignos homines diabolus mentibus fidelium infudit, qua totum ortum ecclesiæ, quasi quadam septa vitiavit; sed rex gloriæ Christus suis auxilium præbuit, dum universam hæresim per sapientes destruxit, et de horto suo flagello anathematis expulit; expulso autem Aquilone, auster hortum intravit.* Segue se logo no texto: *Et fluent aromata illius.* As quaes palavras intendidas assim como soam, que outra coisa dizem senão os interesses temporaes que trazem as náus da India, por estes espirituaes, que levam quando veem carregadas dos aromas e especies aromaticas daquellas partes?

Assim o tinha dito o mesmo Salomão no verso antecedente, com admiravel propriedade e energia. Falla das missões que fazem áquellas partes os prégadores da fé, e diz: *Emissiones tuæ paradisi malorum punicorum cum pomorum fructibus.* (Ibid. IV — 13) As vossas missões são um paraíso de que se não colhem

fructos de arvores, senão fructos de fructos: *Cum pomorum fructibus*. Porque pelo fructo espirital que vão fazer os missionarios, veem de lá os fructos temporaes, com que Portugal se enriquece; e se vão faltando os segundos fructos, é porque tambem vão faltando os primeiros de que elles nascem: mas que fructos são estes? Disse o mesmo Salomão: *Cypri cum nardo, nardus, et crocus, fistula, et cinnanomum cum universis lignis Libani, myrrha, et aloe cum omnibus primis unguentis*: A canella, a canafistola, o sandalo, o benjoim, as aquilas, os calambucos, e todo o outro genero de especies adoríferas e aromaticas, que são as mesmas que veem da India.

No cap. 7.º diz assim o mesmo Salomão, ou a esposa, que é a igreja, fallando com seu Esposo Christo: *Mandagoræ dederunt odorem. In portis nostris omnia poma: nova, et vetera servavi tibi*. (Cant. VII — 13) As mandragoras são os prégadoaes da fé, como diz S. Gregorio: *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem, et odoriferam, nisi virtus perfectorum intelligitur? Qui dum imperfectorum infirmitatibus medentur in fide, quam prædicant in portis nostris, ecclesiæ verè medici esse comprobantur*\*. Com o cheiro destas mandragoras, e com a doutrina destes prégadores, que ajuntou para seu Esposo os fructos novos aos velhos: assim o interpretam os Setenta: *Nova, et vetera servavi tibi*; (Cant. VII — 13) porque aos christãos antigos, que eram os da Europa, ajuntou a igreja estes novos, que são os da nova gente que se descobriu no Oriente e no Occidente, que são as portas de que falla a esposa: *In partis nostris*. Uma porta por onde o sol sae ao nosso hemisferio, que é a do Oriente, e outra por onde entra aos antipodas, que é a do Occidente. Assim intendem este logar alguns auctores que refere Cornelio, resumindo todo o sentido delle nestas palavras: *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi orbis inventionem, et conversionem ad Christum: novus enim hic orbis continet peruanos, mexicanos, brasiliõs, et chilenses; est dimidium totius orbis, ut patet ex globo cosmographico, jam per religiosos S. Dominici, S. Francisci, et so-*

\* D. Greg. 8. apud. P. Alapid. hic. § Audi.

*cietatis Jesus totus pene subjacet ecclesia. Sic in india orientali, hoc sæculo, et præcedenti per eandem propagatur fides ad Japones, ubi plurimi pro fide certant usque ad martyriã lentorum ignium apud chinenses, molucenses, et ceilanos*. De maneira que os fructos novos, que a egreja por meio do cheiro destas mandragoras medicinaes e odoríferas ajuntou aos velhos e antigos, são os do Perú e Mexico, do Brazil e Chili, e os do Japão e China, das Malucas e Ceilão; uns nas portas do Oriente, outros nas do Occidente: *Mandragoræ dederunt odorem suum*. Parece que estavam esquecidos, mas não estavam senão guardados para este tempo: *servavi*.

Em quasi todo o cap. 8.<sup>o</sup> repete Salomão a mesma conversão das indias, e particularmente naquellas palavras: *Soror nostra parva, et ubera non habet: quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est? Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea: si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis*. (Cant. VIII — 8 e 5) Atõgora foi escurissimo este logar, mas são admiraveis os mysterios, e mais admiraveis ainda as propriedades delle. Ludovico Legionense nos commentarios sobre este livro, intende por esta irmã mais moça da esposa a egreja da gentilidade novamente convertida á fé: *Sub persona hujus sororis natu minoris, et parum forma præstantis, cujus desolatione sponsa sollicitari dicitur, multi significantur populi atque gentes longè à nostro orbe remotæ, ad Christum adducendæ nova quadam evangelii tradendi ratione; hoc est, significatur hispanorum navigationibus reperti orbis, ejusque incolarum ad Christi fidem nuper facta conversio*.

Ainda que a egreja toda seja uma, como a destas novas gentilidades veio ao conhecimento de Christo tanto depois, que não foram menos que mil e quinhentos annos, por isso lhe chama Salomão irmã menor, e pequena: *Soror nostra parva est*, não pela grandeza das terras, e numero das gentes, em que é maior, ou, quando menos, igual a toda a egreja antiga; mas pela menoridade do tempo, e da idade em que se converteu: e diz com

\* Alap. h'c § Denique.

muita propriedade, que não tem peitos: *Et ubera non habete*; porque todos estes annos esteve falta do leite da verdadeira doutrina. E porque haver-se de desposar com Christo esta nova igreja, era um negocio cheio de tantas difficuldades, assim pela distancia de tão remotas terras, e navegação de tão desconhecidos mares, como principalmente pela resistencia de suas nações, umas barbaras, outras politicas, e todas séras, armadas, e bellicosas, e tão superiores no numero e multidão aos que lhes haviam de levar e introduzir a fé. Estas difficuldades representa a igreja antiga a seu Esposo Christo, com aquellas palavras: *Quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est?* Que faremos, Senhor, qaando chegar o tempo em que se ha de desposar com vosco esta minha irmã menor? Ao que responde Christo com o antiquissimo conselho de sua providencia, dizendo: *Si murus est, ædificemus super eum propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.* Quem não admirará nesta resposta os altissimos conselhos da sabedoria e providencia divina? Dispoz Deus desde a creação do mundo, que estas terras, assim por fóra como por dentro, fossem enriquecidas de coisas preciosissimas, para que o interesse dos homens facilitasse as difficuldades, que sem elle criam impossiveis de vencer; como se dissera o Senhor: Ainda que a conquista da fé tem muros que difficultem sua entrada nessas terras, tambem tem portas por onde poderá entrar; esses muros facilital-os-hemos com prata, essas portas abril-as-hemos com cedros: *Si murus est, ædificemus propugnacula argentea; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis.* Pela prata se intendem as minas, e pelos cedros odoriferos as plantas preciosas; e as minas que essas terras teem em suas entranhas, e as plantas odoriferas e preciosas que nellas nascem, são os meios e incentivos que obrigaram o interesse humano a que se disponha a vencer todas essas difficuldades, e abrir e franquear essas portas; e assim foi, porque a prata, o oiro, os rubins, os diamantes, as esmeraldas, que aquellas terras criam e escondem em suas entranhas: as aquilas, os calambucos, o páu Brazil, o violete, o ebano, a canella, o cravo e a pimenta, que nellas nascem, foram os incentivos do interesse tão poderoso com

os homens, que grandemente facilitaram os perigos e os trabalhos da navegação e conquista de umas e outras indias. Sendo certo que se Deus com summa providencia não enriquecêra de todos estes thesouros aquellas terras, não bastaria só o zelo e amor da religião para introduzir nellas a fé.

O propheta Isaias, como propheta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da lei evangelica, foi o que mais fallou de nós e dellas: no cap. 49 diz assim: *Ecce isti de longè venient, et ecce illi ab aquilone, et mari, et isti de terra australi. Laudate cæli, et exulta terra, jubilate montes laudem: quia consolatus est Dominus populum suum, et pauperum suorum miserabitur.* (Isai. XLIX — 12 e 13) O qual logar intende Cornelio Alapide, e Arias Montano da conversão da China, e o provam do original hebreu, o qual lê, *de terra senim*, como verte S. Jeronymo, Simaco, Aquila, Theodocion, o Siro, o Arabio, e todos, e é o mesmo que de *terra sinorum*, por ser este o modo de falar da lingua hebreu, na qual os gallileus se chamam *galilim*, e os judeus *jebudim*, e os assirios *assurim*, e assim tambem os chinas ou sinas, *senim*. E se replicarmos a este sentido, que a China não é terra austral, senão oriental, e que se não pôde verificar della o termo de *terra australi*; respondem os mesmos auctores, que alludiu o Espirito Santo, que governava a penna de S. Jeronymo, á navegação dos portuguezes, os quaes quando vão para o Oriente, fazem a sua viagem direita ao austro, navegando ao Cabo da Boa Esperança: *Sinæ enim* (dizem elles), *qui propriè hic significantur, licet sint ad Orientem, dici tamen possunt ad austrum: quia lusitani in sinas navigaturi, initio longo flexu navigant ad austrum, scilicet ex Lusitania usque ad promontorium bonæ spei, quod ullimum est in continente, et directe oppositum austro*\*\*.

De maneira, que como os portuguezes eram os que haviam de levar a fé á China, navegando ao austro ou sul, por isso o Espirito Santo chamou austral á China, não pelo sitio, senão pelo

\* Apud. Alap. hic. ad versum 12 § Et mari.

\*\* Alapid. hic, et § Verum dices usque ad § Agite ergo, et præcipue § Dices.

rumo da navegação. Da mesma conversão dos chinas faz outra vez menção Isaias no cap. 11 v. 14, o qual explica larga e eruditamente Maluenda, seguindo a Foreyro, ambos varões mui doutos da familia dominicana\*.

O mesmo propheta Isaias no cap. 60: *Qui sunt isti, qui ut nubes volunt; et quasi columbæ ad fenestras suas? Me enim insulæ expectant, et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longè; argentum, eorum, et aurum eorum cum eis, nomini Domini Dei, tui, et Sancto Israel, quia glorificavit te. Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi.* (Isai. LX — 8, 9 e 10) Nestas palavras está prophetisada admiravelmente a conversão das indias occidentaes; assim as explicam o mesmo Cornelio, Bozio, Aldrovando, e outros, com bem notaveis propriedades. Chama o propheta ás indias occidentaes, ilhas: *Me enim insulæ expectant*\*\*. Porque todas aquellas vastissimas terras, em quanto se tem descoberto, estão rodeadas de mar, e bastava para se chamarem assim, a immensidade de mares que as dividem do mundo antigo; além de que estas terras no principio eram chamadas com o nome de Antilhas, como se lê na historia de seu descobrimento: as nuvens que voam a estas terras para as fertilisar: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant*, são os prégadores do evangelho, levados do vento pelo mar como nuvens; e chamam-se tambem pombas: *Et sunt columbæ ad fenestras suas*; porque levam estas nuvens a agoa do baptismo sobre que desceu o Espirito Santo em figura de pomba, que são os dois termos que desde o principio do mundo andaram sempre juntos na significação do baptismo. No 1.º cap. do Genesis: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*: (Gen. I — 3) e no 3.º de S. João: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto.* (Joan. III — 3) Mas o mesmo Bozio, e Aldrovando, ainda advertiram no nome e similhaça de pomba, outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas indias, de cujas terras e navegação foi o primeiro descobridor Christovão Colombo;

\* Isai. cap. 11, v. 14, Apud. Alap. hic. vers. 16 § nota.

\*\* Alapid. hic. et Bozius, Ulysses Aldrovand ibi relati.

è dizem que a isto alludiu o propheta chamando Columbas, ou Colombos, a todos os que seguem a mesma derrota e navegação das indias: *Nomine columbæ alludit ad Christophorum Columbam: qui nobis iter ad illas oras primus aperuit*\*. Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade do que disseram os gentios, que os argonautas, quando foram conquistar o vello de oiro a Colchos, levaram por guia uma pomba:

*Et qui movisti duo littora cum rudis argus,  
Dux erat ignoto missa columba mari.*

Prosp. lib. 2. eleg. 26.

Os Potosis e outras minas de prata e oiro, que juntamente com as almas para a egreja haviam de conquistar estes argonautas, tambem as não esqueceu o propheta: *Et adducam filios tuos de longè, argentum eorum, et aurum eorum cum eis*. Muito oiro, muita prata, e muitos filhos para a egreja, e tudo de muito longe: e porque não ficassem em silencio as frotas das indias: *Et navis maris in principio*; ou como lê Foreyro do hebreu: *Et naves maris cum primaria, seu prætoria*: que faziam esta navegação muitas náus, não divididas, senão em frota, com sua capitania.

Finalmente, que homens peregrinos edificariam os muros da egreja naquellas terras: *Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos*; e que os ministros de tudo isto seriam os mesmos reis, como fazem com tanta piedade os reis catholicos: *Et reges eorum ministrabunt tibi*.

É tambem illustre logar em Isaias, aquelle do cap. 41.º *Egeni, et pauperes quærent aquas, et non sunt: lingua eorum siti advehit. Ego Dominus exaudiam eos, non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes: ponam desertum in stagna aquarum. et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivæ: ponam in deserto abietem, ulmum, et buxum simul; ut videant, et sciant, et recogitent, et intelligant pariter,*

\* Apud. A Lap. hic. § Quocirca.

*quia manus Domini fecit hoc.* (Isai. XLI — 17, 18, 19 e 20) Quantos pobres e miseraveis estão morrendo á sede por falta de agua, isto é, vivendo na gentildade sem agua do baptismo? Mas eu (diz Deus) que tambem sou Senhor destes, os ouvirei e não me esquecerei delles: *Ego Dominus exaudiam eos*: nestes seus montes e desertos secos e estereis, abrirei fontes e rios mui copiosos; e por mais que essas terras sejam sem caminho, eu abrirei caminho por onde a ellas cheguem as aguas, de que tanto necessitam: *Et terram inviam in rivis aquarum*; e d'onde atégora se não colheu fructo, eu farei que se colha muito copioso e de todo o genero: *Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum*, etc. Para que intenda e conheça o mundo quão poderoso sou, e que esta obra é de minha mão: *Ut videant, et sciant quia manus Domini fecit hoc\**. São Cyrillo, São Jeronymo, Procopio e Theodoreto intendem este texto da conversão das gentildades, que Deus havia de converter por meio da prégação do evangelho, mas não nos disseram que gentes estas fossem, ou houvessem de ser, porque as não conheciam; porém os doutores modernos nos dizem quaes ellas são. O padre Cornelio depois do reverendissimo Claudio aquaviva geral da sua religião, diz assim: *Hoc etiam hodie in Japone, Brasilia, China, aliisque Indiarum provinciis impleri magna letitia conspiciamus\*\**: que se cumpriu e está cumprindo esta prophecia no Japão, no Brazil, na China.

Atéqui andámos com Isaias pelas terras firmes; vamos agora ás ilhas, que são as primeiras por onde os nossos descobrimentos começaram. No cap. 58.º falla Isaias das obras grandes, que fará o homem misericordioso; e como a maior obra e a maior misericordia de todas é tirar almas do inferno, como se tiram as dos gentios, quando por meio da luz da fé se lhes mostra o caminho da salvação, diz umas palavras o propheta, que bem ponderadas, de nenhum outro homem se podem intender á letra senão do nosso infante santo D. Henrique, primeiro auctor dos descobrimentos portuguezes, cujo principal intento naquella empreza,

\* Omnes apud. A Lapid. hic § Dabo.

\*\* P. Corn. ad XLIV. Isai. v. 19.º § Dabo in fine.

como dizem todas as nossas historias, foi o puro e piedoso zelo da dilatação da fé e conversão da gentildade. As palavras de Isaias são estas: *Et ædificabuntur in te deserta sæculorum, fundamenta generationis, et generationis suscitabis, et vocaberis ædificator sepium avertens semitas in qui etem.* (Isai. LVIII — 12) Em vós se povoarão os desertos dos seculos; vós lançareis os fundamentos de uma e outra geração; vós sereis chamado edificador das cercas, e fareis que os que sempre andam, tenham assento.

Taes foram em tudo as obras do infante D. Henrique, continuadas depois pelos reis de Portugal, que levaram adiante o que elle começou: primeiramente nelle e por elle se povoaram os desertos dos seculos, porque muitas ilhas, que desde o principio do mundo, por tantos seculos, estiveram desertas e incognitas e despovoadas, como era a ilha da Madeira, as Terceiras, ou dos Açores, elle as descobriu, povoou e edificou, e de ilhas desertas que antigamente eram, estão hoje tão povoadas e populosas, e tão ennobrecidas de famosas cidades e sumptuosos edificios: *Ædificabuntur in te deserta sæculorum*; e assim como nestas ilhas ermas e desertas lançou este glorioso principe os primeiros fundamentos da geração humana, fazendo que fossem povoadas de homens; assim em outras ilhas, que estavam povoadas de barbaros, como eram as Canarias, e de Cabo Verde, lançou tambem os fundamentos da geração divina, fazendo por meio da prêgação e luz do evangelho, que esses barbaros gentios conhecessem a Deus e fossem gerados em Christo: *Fundamenta generationis, et generationis suscitabis*. O meio que para esta segunda e mais importante geração tomaram os religiosissimos principes de Portugal, foi mandarem religiosos por todas as conquistas, de grande virtude e letras, fundando e edificando conventos de diversas ordens; e por isso diz o propheta, que seria chamado o primeiro auctor desta obra, edificador de cercas, que são, como aqui notam alguns expositores, as cercas e claustros das religiões: *Et vocaberis ædificator sepium*\*. Finalmente, não calla o propheta o fructo que desta santa industria se seguiu em todas estas gentildades

\* A Lap. hic § Multo magis, et § Tales ædificatores.

de barbaros, e foi, que andando de antes vagamente pelas bre-nhas, como animaes silvestres, se aquietassem e tomassem assento, e vivessem como homens, que isso quer dizer, *Avertens semitas in quietem*. Neste sentido tão proprio e litteral explica Bocio este texto de Isaias; mas antes que escreva as suas palavras, quero pôr aqui as do nosso João de Barros, referindo o que desta empreza do infante sentiam e murmuravam, os que lhes parecia inutil e infructuosa: —

« *Os reis passados deste reino (diziam elles) sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações, e elle quer levar os naturaes portuguezes a povoar terras ermas por tantos perigos do mar, de fome e sedes, como vemos que passam os que lá vão: certo que outro exemplo lhe deu seu padre poucos dias ha, dando os maninhos de lavra junto a Coruche, a Lambert de Orches, allemão, que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros de Allemanha, e não mandou seus vassallos passar além-mar, romper terras, que Deus deu por pasto dos brutos; e bem se viu quanto mais naturaes são para elles, que para nós, pois em tão poucos dias uma coelha multiplicou tanto, que os lançou fóra da primeira ilha, quasi como admoestação de Deus, que ha por bem ser aquella terra pastada de alimarias, e não habitada por nós; e quando quer que nestas terras de Guiné se achasse tanta gente como o infante diz, não sabemos que gente é, nem o modo de sua peleja; e quando fosse tão barbara, como sabemos que é a das Canarias, a qual anda de penedo em penedo ás pedradas como cabras contra quem os quer offender; nós que proveito podemos ter de terra tão esteril e aspera, e captivar gente tão mesquinha? Certo nós não sabemos outro, senão virem elles encarentar mantimento da terra, e comerem nossos trabalhos e por cobrarmos um comedor destes, perdermos os amigos e parentes.* »  
— (Bar. Dec. 1.<sup>a</sup> lib. 1.<sup>o</sup> cap. 4.<sup>o</sup> fl. 9.<sup>a</sup>)

Isto é o que philosophavam e diziam os prudentes e politicos daquelle tempo, que sempre são os instrumentos mais aparelhados que o mundo e o demonio teem para impedir as obras de Deus; mas estas terras ermas foram as que pelo zelo e constan-

cia daquelle principe se vêem hoje tão povoadas, cultivadas e ricas: e estes barbaros, que como animaes andavam saltando de penedo em penedo, são os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem e politica christã, e não só elles, senão infinitos outros. As palavras promettidas de Bocio liv. 2.<sup>o</sup> no cap. 7.<sup>o</sup> são as que se seguem: *Idem perfectum videmus insulis, quas Terceras vocant, Hispaniæ in Oceano ad jacentibus Occidentem versus; similiter in Canariis, quas nomine promontorii viridis appellant Sancti Laurentii, Ascensionis, et in aliis, quæ Africæ littora respiciunt: amplius cunctisque quas Oceanus aluit latissimis etiam regionibus Indiarum, sive Orientem, sive Occidentem solem, vel Austrum, Boream ve spectantibus idem contingit. Neque sinis ullus hujusque apparet, oppida innumera, et civitates pulcherrimæ passim conduntur, in quibus constituuntur cætus hominum, excitantur fundamenta generationis, et generationis eorum, qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur, et in stabulis ipsis habitabant*\*. Atéqui este auctor doutissimo, o qual no mesmo liv. 2.<sup>o</sup> cap. 3.<sup>o</sup> explica muitos outros logares de Isaias, das ilhas que os portuguezes conquistaram para Christo, e nomeadamente de Ceylão, Maldivas, Zocotorá, Japão, Javas, Molucas e outras: chama a estas ilhas o propheta, ilhas de longe, como no cap. 49.<sup>o</sup> *Audite insulæ, et attendite populi de longè: (Isai. XLIX — 1)* e no cap. 66.<sup>o</sup> *ad insulas longè ad illos, qui non audierunt de me*\*\* : pelas quaes ilhas intendiam todos antigamente Italia e Hespanha, por estarem quasi cercadas uma do Mediterraneo, outra do Oceano; mas verdadeiramente nem são ilhas, senão terra firme; nem se podem chamar de longe em comparação das que depois descobrimos, e com toda a propriedade são ilhas, e ilhas de muito longe.

Ponhamos fim a Isaias com um celebradissimo texto do cap. 18.<sup>o</sup>, o qual foi sempre julgado por um dos mais difficultosos e escuros de todos os prophetas, e é este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare lega-*

\* Bosius tom. 2. signo 88. Apud A Lap. hic § Ulterius.

\*\* Idem LXVI — 19. D. Hier. hic. A Lap. § Italium.

*tos, et in vasis papyri super aquas. Ite angeli veloces ad gentem convulsam, et dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus. (Isai. XVIII — 1)*

Trabalharam sempre muito os interpretes antigos por acharem a verdadeira explicação e applicação deste texto; mas nem atinaram, nem podiam atinar com ella, porque não tiveram noticia nem da terra, nem das gentes de que fallava o propheta. Os commentadores modernos acertaram em commum com o entendimento da prophecia, dizendo que se intende da nova conversão á fé daquellas terras e gentes tambem novas, que ultimamente se conheceram no mundo com o descobrimento dos antipodas; e notaram alguns com agudeza e propriedade, que isso quer dizer a energia da palavra: *Ad gentem conculcatam\**: gente pizada dos pés, porque os antipodas, que ficaram debaixo de nós, parece que os trazemos debaixo dos pés, e que os pizamos; mas chegando mais de perto á gente e terra, ou provincia, de que se intende a prophecia, tambem os modernos não acertaram atégora com o sentido proprio, germano, e natural della, e este é o que nós havemos de descobrir, ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa douda e versada nas escripturas, que havendo visto as gentes, pizado as terras, e navegado as aguas de que falla este texto, acabou de o intender, e verdadeiramente o entendeu, como veremos, e verão melhor os que tiverem lido as exposições antigas e modernas d'elle.

Cornelio teve para si, que falla o propheta de Ethiopia e do Preste João: mas Ethiopia não está além de Ethiopia, como diz o texto. Maluenda, com os outros que cita, intende dos chinas e japões, e applica á navegação dos portuguezes". Paraphraste Caldeu por estas palavras: *Chaldeus interpres hæc verba Isaiaë in hunc modum reddidit: Væ terræ, ad quam veniunt cum navibus à terra longinqua, et vela sua extendunt, ut Aquila volans*

\* Legionensis, et Montan. in Abdiam in fine. Forerius hic. Vatab. et Bosius tom. 2. de natu Ecclesiæ lib. 20, sig. 4.

" Corn. hic § Verum nec. Maluenda hic.

*alis suis appositè in Indiam, quæ quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, et nunc ab extremo Occidente lusitanorum victricibus classibus aditur; quæ etiam ipsas sinarum oras prætervectæ Japonorum insulas tenent.* Mas esta exposição e a de Mendonça e Rebello (que intendem o texto geralmente da India Oriental) tem contra si tudo o que logo diremos. José da Costa, tão versado nas escripturas como na geographia e na historia natural das indias occidentaes, Ludovico Legionense, Thomaz Bosio, Arias, Montano, Frederico, Lumnio, Martim del Rio, e outros dizem (e bem), que fallou Isaias da America e Novo Mundo, e se prova facil e claramente\*. Porque esta terra que descreve o propheta, está além da Ethiopia: *Transflumina Æthiopiæ*; e é terra depois da qual não ha outra: *Ad populum post quem non est alius*. Estes dois signaes tão manifestos só se podem verificar da America, que é a terra que fica da outra banda da Ethiopia, e que não tem depois de si outra terra senão o vastissimo mar do Sul. Mas porque Isaias nesta sua descripção põe tantos signaes particulares, e tantas differenças individuanes, que claramente estão mostrando que não falla de toda a America, ou Mundo Novo em commum, senão de alguma provincia particular delle; e os auctores allegados nos não dizem que provincia esta seja, será necessario que nós o digamos, e isto é o que agora hei de mostrar.

Digo primeiramente, que o texto de Isaias se intende do Brazil, porque o Brazil é a terra que directamente está além e da outra banda da Ethiopia, como diz o propheta: *Quæ est trans flumina Æthiopiæ*, ou como verte e commenta Vatablo: *Terra, quæ est sita ultra Æthiopiam: (quæ Æthiopia scætet fluminibus)* e o hebreu ao pé da letra tem *de trans flumina Æthiopiæ*. (Apud. A Lap. hic.) A qual palavra (*de trans*) como notou Maluenda, é hebraismo, similhante ao da nossa lingua. Os hebreus dizem (*de trans*) e nós dizemos, *de traz*; e assim é na geographia destas terras, que em respeito de Jerusalem considerado o circulo que

\* Omnes citantur á P. del Rio Adagio 723 Refert. A Lap. § Væ in fine.

faz o globo terrestre, o Brazil fica immediatamente detraz de Ethiopia.

Diz mais o propheta, que a gente desta terra é terrivel: *Ad populum terribilem*; e não póde haver gente mais terrivel entre todas as que teem figura humana, que aquella (quaes são os Brazis) que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam, e os comem, e os assam, e os cozem a este fim, sendo as proprias mulheres as que guizam e convidam hospedes a se regalarem com estas inhumanas iguarias; e assim se viu muitas vezes naquellas guerras, que estando cercados os barbaros, subiam as mulheres ás trincheiras, ou palissadas, de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois suas frautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca, sem nenhum horror, e é estylo e nobreza entre elles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada, com outras ceremonias crueis, barbaras, e verdadeiramente terriveis: em logar *de gentem conculcatam*, lê o Siro, *Gentem depilatam*\*: gente sem pelo; e taes são tambem os brazis, que pela maior parte não teem barba, e no peito e pelo corpo teem a pelle liza e sem cabello, com grande differença dos europeos.

Estes são os signaes communs que nos aponta o propheta daquella terra e gente; mas porque assignala miudamente outros mais particulares, e que não conveem a toda a gente e terra do Brazil, é outra vez necessario que nós tambem declaremos a provincia e gente em que elles todos se verificam; e esta gente e esta provincia, mostraremos agora que é a que com toda a propriedade chamamos Maranhão, que por ser tão pouco conhecida, e menos nomeada nos escriptores, não é muito que a falta de suas noticias lhe tivesse atégora escurecido e divertido a honra deste famoso oraculo do mais illustre propheta, que tão expressamente tinha fallado nesta gente.

Diz pois o propheta, que são estes homens uma gente, a quem

\* A Lap. hic § Ad gentem.

os rios lhe roubaram a sua terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus*. E é admiravel a propriedade desta differença, porque em toda aquella terra, em que os rios são infinitos, e os maiores e mais caudalosos do mundo, quasi todos os campos estão alagados e cobertos de agua doce, não se vendo em muitas jornadas, mais que bosques, palmares e arvoredos altissimos, todos com as raizes e troncos mettidos na agua; sendo rarissimos os logares por espaço de cento, duzentas, e mais legoas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre arvores espessissimas de uma e outra parte, por ruas, travessas e praças de agua, que a natureza deixou descobertas, e desempedidas do arvoredo; e posto que estes alagadiços sejam ordinarios em toda aquella costa, vê-se este destroço e roubo, que os rios fizeram á terra, muito mais particularmente naquelle vastissimo archipelago do rio chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estão todas senhoreadas e afogadas das aguas, sendo muito contados e muito estreitos os sitios mais altos que elles, e muito distantes uns dos outros, em que os indios possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não immediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios a que chamam juráus, para que nas maiores enchentes passem as aguas por baixo, bem assim como as mesmas arvores, que tendo as raizes e troncos escondidos na agua, por cima della se conservam e apparecem, differindo só as arvores das casas, em que umas são de ramos verdes, outras de palmas sêccas.

Desta sorte vivem os nhengaibas, guaianás, maianás, e outras antigamente populosas gentes, de quem se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão, restituindo-lhe os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das arvores de que se sustentam; cuja colheita é muito limpa, porque cáem todos na agua; e em muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que são os gados que pastam naquelles campos, além de outro pescado menor, e alguma caça de aves e montaria de porcos, que nos mesmos logares sobre aguados entre os lodos e raizes das arvores se leva nos frutos dellas; e nota o propheta que não é rio, senão

rios, os que isto fazem, porque ainda que o rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta se compõe do concurso de muitos outros rios, que todos desembocam nelle, ou juntamente com elle, communicando e confundindo em si as aguas, e como unindo e conjurando as forças para este roubo que fizeram áquella terra: *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

Continúa Isaias a sua descripção, e diz, que os habitadores desta provincia são gente arrancada e despedaçada; e só o Espirito Santo poderá recopilar em duas palavras a historia e ultima fortuna daquella gente. Quando os portuguezes conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os indios (que eram mui valentes, e resistiram por muitos annos), que não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns delles se sujeitaram ficando em suas proprias terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se metteram pelo sertão, onde ficaram muitos; outros caindo para a parte do mar, vieram sair ás terras do Maranhão, e alli como soldados tão exercitados com o mais poderoso inimigo, fizeram facilmente a seus habitadores, o que nós lhes tinhamos feito a elles.

Desta peregrinação e desta guerra se seguiram naquella gente os dois effeitos que signala Isaias, ficando uma e outra gente arrancada e despedaçada: os vencedores arrancados, porque os tinham lançado de suas terras os portuguezes; e tambem despedaçados, assim porque foram ficando a pedaços em varios sitios, como porque depois da victoria lhes foi necessario, para conservarem o violento dominio, dividirem-se em colonias mui distantes uns dos outros. Os vencidos tambem ficaram arrancados, porque os *topinambás*, (que assim se chamavam os pernambucanos) os arrancaram de suas patrias; e tambem e com muito maior razão despedaçados, porque não podendo resistir, muitos delles fugiram em magotes pelos matos, e pelos rios, tomando differentes caminhos, onde fizeram assento, não sem novos inimigos que ainda mais os despedaçassem; assim que uns e outros ficaram gente arrancada, e uns e outros gente despedaçada: *Gentem conculcatam, et dilaceratam.*

Conhecidos já pela fortuna os descreve o propheta, e muito

particularmente pelo exercicio e arte da navegação, em que eram e são os maranhões mui signalados entre os indios, por serem elles, ou os primeiros inventores da sua nautica, como gente nascida e mais creada na agua, que na terra; ou certamente, porque com sua industria adiantaram muito a rudeza das embarcações barbaras, de que os primeiros usavam; tanto assim, que a principal nação daquella terra, tomando o nome da mesma arte de navegar, e das mesmas embarcações em que lá navegavam, se chamam *igaruanas*, porque as suas embarcações, que são as canoas, se chamam na sua lingua *igara*, e deste nome *igara* derivaram a denominação *de igaruanas*, como se dissessemos, os nauticos, os artifices, ou os senhores das náus. Diz pois Isaias, que esta gente de que falla é um povo: *Qui mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas*: Que manda de uma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de arvores sobre as aguas.

As palavras do propheta todas teem mysterio, e todas declaram muito a propriedade da gente de que falla. Diz que as manda o povo, com quem concorda o relativo *qui*; porque é gente que não tem reis, mas o mesmo povo e a mesma nação é a que elege aquelles que lhes parece de melhor talento, assim para os negocios da paz, como para os da guerra; que tudo isso quer dizer a palavra *legatos*, como se póde vêr nos auctores da lingua latina. Diz mais que vão sobre as aguas em vasos de cascas de arvores, porque esta era a materia e fabrica de suas embarcações. Depois que tiveram uso do ferro, cavam os troncos das arvores e fazem de um só madeiro muito grandes canoas, de que o auctor desta explicação viu alguma que tinha dezeseite palmos de boca e cento de comprimento; mas antes de terem ferro despiam estes mesmos madeiros, cujos troncos são muito altos e direitos, e tirando-lhes as cascas assim inteiras, dellas formavam as suas embarcações: e não faz duvida dizer o propheta que estas embarcações iam ao mar: *Qui mittit in mare*; porque além de entrarem com ellas pelo mar Oceano, o mesmo archipelago, que dizemos, de agua doce, se chama na sua lingua por sua grandeza *mar*, e d'aqui veio o nome que os portuguezes lhe puzeram de Gram-Pará ou Mara-

nhão, o que tudo quer dizer, *mar grande*, porque *Pará* significa mar.

Do que temos dito atéqui ficará mais facil de intender aquelle grande enigma do propheta, que está nas primeiras palavras deste texto: *Væ terræ cymbalo alarum*; o qual foi sempre o que maior trabalho deu aos interpretes e os obrigou a dizerem coisas mui violentas e improprias, como aquelles que fallavam a adivinhar, e não adivinhavam nem podiam. Os setenta interpretes em lugar de *terræ cymbalo alarum*, lêram *terræ navium alis*\*; e uma e outra coisa significam as palavras de Isaias; porque os nomes hebreus de que estas versões foram tiradas, teem ambas as significações, e querem dizer: Ai da terra que tem navios com azas; ou, ai da terra que tem sinos com azas: se são sinos, como são navios, e se são navios, como são sinos? Esta difficuldade foi atégora o torcedor de todos os entendimentos dos expositores sagrados de 1600 annos a esta parte: mas como podia ser que intendessem o enigma da terra, senão tinham as noticias, nem a lingua della? Para intelligencia do verdadeiro entendimento deste texto, ou enigma, se ha de suppor que a palavra latina *cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa tambem qualquer instrumento com que se faz som e estrondo; e taes eram os cymbalos de que usavam antigamente os gentios, que se chamavam por nomes particulares *sistros crotalos*, ou *crepitaculos*, e por nome geral *cymbalos*. Assim o explicou eruditamente Carpentieio, vertendo em verso este mesmo lugar de Isaias:

*Væ tibi, quæ reduces sistris crepitantibus apim  
Concelebras, crotalos, et inania cymbala pulsas.*

Vid. A Lap. hic § tert.

Tambem se ha de suppor que os maranhões usavam de uns instrumentos a que chamavam *maracãs*, não de metal, porque

\* Apud. A Lap. hic § tertio.

o não tinham, senão de cabaços, ou cocos grandes, dentro dos quaes mettiam seixos ou caroços de varias frutas duros e accomodados a fazer muito estrondo e ruido, servindo-se dos menores nas festas e nos bailes, e dos maiores nas guerras. Estes *maracàs* eram propriamente os seus cymbalos, ou sinos, tanto assim, que depois que viram os sinos de que nós usamos, lhes chamam *itamaracàs*, que quer dizer, *maracàs* ou sinos de metal.

Isto supposto, o expositor que mais foi rastejando o sentido verdadeiro que podia ter este enigma, foi Gabriel Palacio, o qual no Commentario litteral deste logar de Isaias diz assim: *Fortasse indicus usus nominis cymbali antiquitus inolevit apud hebræos tempore Isaiaë*. Por ventura (diz elle) que no tempo de Isaias as embarcações dos indios se chamariam entre os hebreus sinos: e porque não seria antes, digo eu, que se chamassem sinos, ou tomassem nome de sinos as embarcações dos indios, de que Isaias fallava, não porque este nome fosse usado entre os hebreus, senão entre os mesmos indios? Assim era, e assim é, e deste modo fica decifrado e entendido o antiquissimo e escu-rissimo logar e enigma de Isaias.

As maiores embarcações dos maranhões chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maracà*, que, como dissemos, significa entre elles *sino*: e a razão de darem este nome ás suas maiores embarcações era porque quando iam ás batalhas navaes, quaes eram ordinariamente as suas, punham na proa um destes *maracàs* muito grandes atados aos gorupezes, ou páus compridos, e bolindo de industria com elles, além do movimento natural das canoas, e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bellico e horrivel; e porque a proa da canoa se chama *tim*, tirada a metaphora do nariz dos homens, ou do bico das aves, que teem o mesmo nome, e juntando a palavra *tim* com a palavra *maracà*, chamavam áquellas canoas, ou embarcações maiores, *maracàtim*; e este nome usam ainda hoje, e com elle nomeam os nossos navios. Nem mais, nem menos, que os romanos ás suas galés de guerra deram nomes de *rostratas*, pelas pontas de ferro agudas que levavam nas proas, tirado tambem o nome, ou metaphora, dos bicos das aves, que chamam *rostros*.

Assim que vem a dizer Isaias, que a terra de que falla, é terra que usa embarcações, que teem nome de sinos; e estas são pontualmente os maracatins dos maranhões.

Mas não está ainda explicada toda a difficuldade, ou propriedade do enigma, porque diz o propheta que estas embarcações, ou estes sinos, eram sinos e embarcações com azas: *Cymbalo alarum: navium alis*. Os expositores todos dizem que estas azas eram as velas das embarcações, e que são as azas dos navios, conforme o poeta: *Velorunt pandimus alas*. A qual explicação podéra ser bem admittida, se não tivera a propria e verdadeira; sendo certo que o propheta não havia de dar por signal e divisa daquellas embarcações uma coisa tão commum e universal em todas.

Digó pois que falla o texto de verdadeiras azas de aves. Como aquelles gentios não tecem, nem teem pannos, é grande entre elles o uso das pennas pela formosura das cores com que a natureza vestiu os passaros, e particularmente o chamado *guarás*, de que ha infinita quantidade, grandes e todos vermelhos, sem mistura de outra côr; destas pennas se enfeitam quando se querem pôr bizarros, e principalmente quando vão á guerra, ornando com ellas todo o genero de armas, porque não só levam empennadas as settas, senão tambem os arcos e rodela, e as partazanas de páu e pedra, que chamam *fanga-penas*; e quando a guerra era naval, empavezavam-se as canoas com azas vermelhas dos guarás, e as mesmas levavam penduradas dos gorupezes e maracas das proas; e por isso o propheta diz que todas estas coisas via e notava como tão novas: chamou as lanças sinos e sinos com azas: *Navium alis, cymbalo alarum*.

E porque não faltasse a esta terra a demarcação, ou arrumação, como dizem os geographos, da sua altura, onde a vulgata leu, *gentem expectantem expectantem\**, a propriedade da lettra hebreá, como diz Foreyro, Pagnino, Vatablo, Sanchez, e outros muitos tão geralmente: *Gentem lineæ lineæ*, gente da linha de linha; porque os maranhões são aquelles que além da

\* Vide. A Lap. hic §. Adgen tem.

Ethiopia ficam pontual e perpendicularmente bem debaixo da linha equinocial, que é propriedade por todos os titulos admiravel; e assim como a palavra *linea*, se repete, está tambem repetida no mesmo texto a palavra *expectantem*: com que vem a concluir o propheta o seu principal e total intento, que é exhortar os prégadores evangelicos a que vão ser anjos da guarda daquella triste gente, que tanto ha mister quem a encaminhe, como quem a defenda: *Ite angeli veloces ad gentem expectantem, expectantem*: gente que está esperando, esperando; porque entre todas as gentes do Brazil os maranhões foram os ultimos a quem chegaram as novas do evangelho e o conhecimento do verdadeiro Deus, esperando por este bem, que tanto tardou a todos os americanos, mais que todos elles. No Brazil se começou a prégar a fé no anno de 1550 em que o descobriu Pedro Alvarés Cabral; e no Maranhão no anno de 1615 em que o conquistou Alexandre de Moura; esperando mais que todos os outros Brazis sessenta e cinco annos: mas hoje estão ainda em peor fortuna, padecendo aquelle *væ* do propheta: *Væ terra cymbalo alarum*; porque o estado da esperança se lhes tem trocado no de desesperação: e esperam de se salvar os que de tantos damnos e damnos são causa?

Muito largos temos sido na exposição deste texto, mas foi assim necessario por sua difficuldade, e por não estar até hoje intendido: deixo muitos outros logares do propheta Isaias, o qual verdadeiramente se pôde contar entre os chronistas de Portugal, segundo falla muitas vezes nas espirituaes conquistas dos portuguezes, e nas gentes e nações que por seus prégadores se converteram á fé; que o primeiro e principal intento que nelles tiveram nossos piedosissimos reis, como se pôde vêr do que d'el-rei Dom Manuel, d'el-rei Dom João o II, do infante Dom Henrique, d'el-rei Dom João o III, e d'el-rei Dom Sebastião escrevem seus historiadores.

O propheta Abdias em um só capitulo que escreveu tambem fallou das conquistas de Portugal: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est, possidebit civitates Austri.* (Abd. — 20) A palavra hebraea *Sepharad*, de quem São Jeronymo verteu *Bosphoro*,

significa, *termo, limite e fim*'. Esta mesma palavra *Sepharad* é nome com que os hebreus chamam a Hespanha; porque em Hespanha está o estreito que divide a Europa de Africa e Hespanha era o *termo, limite e fim*, que os antigos conheciam no mundo, como testemunham de uma parte as columnas de Hercules, e de outra o cabo de *Finis Terræ*, que são as duas balizas, que tem no meio a Portugal. Toda a explicação é commum, e certa entre todos os auctores mais peritos da lingua hebraica, Vatablo, Pagnino, Brugense, Arias, Lizano, Isidoro, Clario e os demais". Diz agora o propheta Abdias, que a transmigração de Jerusalem, que passou a Hespanha, viria tempo em que possuísse as cidades do Austro.

Mas sobre a transmigração de Jerusalem, de que Abdias falla, ha duas opiniões entre os auctores. Arias Montano, Frei Luiz de Leon, Malvenda e outros, teem para si, que falla da transmigração de Nabucodonosor, o qual tendo conquistado a Jerusalem, e passado seus habitadores para Babylonia, d'alli mandou parte delles para Hespanha, por ser parte desta provincia conquista sua, como refere Josepho, Estrabo, e outros graves auctores; e que veio o mesmo Nabuco em pessoa a fazer esta guerra". Destes hebreus, ou desterrados, ou trazidos por Nabuco, ficaram muitos em Hespanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos infantes de Belem) não tiveram parte na morte de Christo", e conservaram sua antiga nobreza, e delles como escrevem muitas historias de Hespanha, foi fundação a insigne cidade de Toledo, Maqueda, Escalona, e outras". Assim querem tambem que de Nabuco traga seu appellido a illustre familia dos Ozorios. Desta transmigração pois (diz Montano, e os mais acima allegados) se ha de intender o texto de Abdias; e como o propheta propria e litteralmente fallava neste logar do mesmo capti-

\* D. Hier. hic. apud. A Lap § Et transmigratio.

" A Lap. hic § Porro Heb e § Porro Sepharad.

\*\*\* Joseph. lib. 11, antiquit cap. 11.

\*\*\*\* D. Aug. serm. 1 de Innocent.

\*\*\*\*\* Histor. del Patrocinio de la Virgen.

veiro de Babylonia, é consequencia muito ajustada, que da prophacia do desterro passou para consolação dos mesmos desterrados a uma felicidade tão estranha, que dellas havia de ter principio, qual é a que logo diremos.

Nicoláu de Lyra, Vatablo, Fevordencio, e outros, intendem por esta transmigração de Jerusalem, a que fez Christo mandando daquella cidade, e espalhando por todo o mundo seus apóstolos, entre os quaes coube Hespanha a Santiago, e elle por meio de seus discipulos a converteu toda á fé, e desterrou della a gentildade: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est* (diz Lyrano) *in hebræo habetur Sapharad, idest in Hispania, ubi dicit Rabbi Salomon quòd fuit impletum per Jacobum apostolum, et ejus discipulos, ubi fidem Christi primitus prædicantes, et colla gentium subjugantes, etc.* E cumprida em Santiago a transmigração de Jerusalem, que é a primeira parte da prophacia, em seus discipulos, que são os que em Hespanha receberam e conservaram sempre a fé que elle lhes tinha prégado, se cumpriu a segunda parte della; sendo estes os que depois de tantos seculos vieram a dominar e possuir as regiões do Austro: *Possidebunt civitates Austri*. Assim o intendem tambem, seguindo esta segunda exposição, Cornelio, José da Costa, Antonio Caraciolo, e outros; de maneira que todos estes auctores concordam em que a prophacia da conquista das regiões do Austro se intende de Hespanha; e discordam só na intelligencia da transmigração de Jerusalem, intendendo uns, que é a de Nabuco pelos Judeus passados á Hespanha; e outros, que é a de Christo pelos apóstolos, quando vieram prégá-la a ella: mas eu conciliando facilmente estas duas opiniões, e mostrando que a prophacia se intende mais particularmente de Portugal, digo que fallou o propheta de uma e outra transmigração, porque de ambas as transmigrações foram os primeiros ministros da fé que a plantaram em Portugal, d'onde ella depois tão felizmente se transplantou ás regiões do Austro. O fundamento que tenho para assim o dizer, porei aqui com as palavras do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual na primeira

\* Cost. lib. 1, Histor. cap. 15, Alapid. § hic, Mysticæ.

parte da Historia Ecclesiastica Bracharensis, fallando do apostolo Santiago, diz desta maneira :

*Entrou em Braga o santo apostolo, e para entrar com estrondo de trovão (cujo filho o chamára Christo Nosso Senhor) se foi a uma sepultura celebre, onde jazia enterrado de seiscientos annos um santo propheta, judeu de nação, e que alli viera dar com outros captivos mandados de Babylonia por Nabucodonosor, chamado Malachias, o velho, ou Samuel, o moço; e em presença de infinito povo, chamando por elle o resuscitou em nome de Jesus Christo, a quem vinha prégar e publicar por verdadeiro Deus; baptisou-o pouco depois, e dando-lhe o nome de Pedro, o escolheu e tomou por primeiro e principal de todos os seus discipulos\*. Atéqui esta maravilhosa historia, tirada de auctores e memorias mui antigas, e particularmente de uma carta de Hugo, bispo do Porto, e dos fragmentos de Santo Athanasio, bispo de Saragoça, o qual conheceu ao mesmo Pedro resuscitado, e escreveu o caso quasi pelas mesmas palavras, que por isso não traduzimos, e são as seguintes: *Ego novi sanctum Petrum primum Bracharensis episcopum, quem antiquum prophetam suscitavit sanctus Jacobus filius Zebedæi, magister meus. Hic venerat cum duodeim tribubus missis à Nabuchodonosor in Hispaniam Hierosolymis duce Nabucho Cerdan, vel Pyrrho hispaniarum prefecto*".*

De sorte que ambas as transmigrações de Jerusalem concorrem para a fé de Portugal: a de Christo com o apostolo Santiago, e a de Nabuco com o apostolo Malachias, depois chamado vulgarmente S. Pedro de Rates, que foi a pedra fundamental depois do sagrado apostolo da igreja de Portugal. Os filhos desta igreja, e herdeiros desta fé, foram os que d'alli a tantos annos dominaram com os estandartes della as cidades e regiões do Austro, que são propriissimamente as que correm de uma e outra parte do Oceano Austral, á parte direita pela costa da America ou Brazil, e á esquerda pela costa de Africa á Ethiopia, cuja rainha Sabbá

\* Cunha Histor. Brach. part. 1, cap. 4. num. 2.

\*\* Francis. Bivar, in Chronicon Lucii Dextri ad annum Christi 37 n. 2. comment. 1.

chamou Christo : *Regina Austri* ; e estas são as terras de que no commento deste texto faz menção Cornelio : *Americam, Brasili- cam, Africam, Æthiopiam*. Assim se cumpriu nos portuguezes a prophesia de Abdias : *Transmigratio, quæ est in Hispania, possidebit civitates Austri*. E esperamos que seja novo comple- mento della o dominio da terra indomita geralmente chamada *Terra Austral*.

O Cantico de Habacuc, que é a materia de todo o 3.º cap., e ultimo deste propheta, tem por assumpto o triumpho de Christo, com que por meio da sua cruz triumphou um dia da morte, do demonio, e do peccado, e depois em varios tempos foi trium- phando da idolatria e da gentildade, conforme a disposição da sua providencia. A parte maritima deste triumpho, que tambem foi naval, pertence principalmente aos portuguezes, por meio de cuja navegação e prégação sujeitou Christo á obediencia de seu imperio tantas gentes de ambos os mundos. Isto quer dizer o pro- pheta no v. 8.º : *Ascendes super equos tuos : et quadrigæ tuæ sal- vatio*. (Habac. III — 8) E no v. 15.º : *Viam fecisti in mari equis tuis, in luto aquarum multarum*. Que abriu Christo caminho pelo mar á sua cavalleria, para que pizasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalleria havia de fazer, não era para ma- tar os homens, senão para os salvar, e salvando-os, triumphar del- les : *Equitatio tua salus ; hoc est, evangelistæ tui portabunt te*, diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer coisa mais apropriada aos portuguezes. Os portuguezes foram aquelles cavalleiros a quem Christo abriu o primeiro caminho pelo mar : *Viam fecisti in mari equis tuis*. Os portuguezes, aquelles caval- leiros que pizaram as ondas do mar, como os cavallo pizam o lodo da terra : *In luto aquarum multarum* ; e as náus dos por- tuguezes, aquellas carroças que levaram pelo mar a fé e a salva- ção : *Et quadrigæ tuæ salvatio* : e a primeira empreza e victoria desta cavalleria de Christo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso, e indignado, que, ou Christo lh'o sujeitou a el-

\* Matth. cap. 12 v. 42, Alap. hic § Mysticæ.

\*\* D. Aug. de Civitat. Dei lib. 18 cap. 32.

les, ou elles o sujeitaram tambem a Christo, para que os reconhecesse e adorasse: o mesmo propheta o disse assim: *Numquid in mari indignatio tua?* (Habac. III — 8) Por ventura, ó Senhor, ha de ser eterna a vossa indignação no mar? E responde a esta sua pergunta, que o mar submetterá suas ondas: *Gurgés aquarum transiit:* (Ibid. — 10) que os abysmos confessariam a potencia de Christo a vozes: *Dedit abyssus vocem suam;* (Ibid.) e que as suas alturas ou profundidades, com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor: *Altitudo manus suas levavit;* e esta foi a primeira victoria de Christo, e este da sua cavalleria o primeiro triumpho.

Mas para que se veja o grande mysterio desta metaphora de cavalleria de Christo, de que usou o propheta (deixando á parte haver sido esta empreza dos primeiros descobrimentos e conquistas dos portuguezes), por si mesma, e na opinião do mundo tem cavalleria, que não só os mesmos portuguezes, senão ainda os estrangeiros, faziam grande apreço de se armarem nella cavalleiros, como lemos que o fizeram alguns de Allemanha e Dinamarca. (Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas proprias palavras) *Mas ainda foi ácerca delle* (falla do infante D. Henrique) *outra coisa muito mais efficaç, que era a obrigação do cargo e administração que tinha de governador da ordem da cavalleria de Nosso Senhor Jesus Christo, que el-rei D. Diniz seu tresavó para esta guerra dos infieis ordenou, e novamente constituiu: e mais abaixo no mesmo cap., que é o 2.º do liv. 1.º, Decada 1.ª: Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais remotas de Hespanha, do que eram os reinos de Féz e Marrocos, com que a despeza deste caso fosse propria delle, e não taxada por outrem; e os meritos de seu trabalho ficassem mettidos na ordem e cavalleria de Christo que elle governava; de cujo thesouro podia dispender.* De sorte, que dizer o propheta que Christo havia de abrir caminho no mar á sua cavalleria, e que a empreza desta cavalleria, havia de ser a salvação das almas, não só tem a formosura de metaphora, senão a propriedade do caso, e a verdade da historia e cumprimento da prophécia; pois verdadeira-

mente esta admiravel empreza foi obra, não de outro principe, senão de um que era propriamente administrador e governador da ordem da cavalleria de Christo, e feita, não com outras despesas, senão com as rendas e thesouros da mesma cavalleria, e serviços e merecimentos proprios della.

E porque o maior ministro do evangelho que se embarcou nas carroças desta cavalleria, para levar a salvação ás terras e gentes que ella descobriu e conquistou, foi o grande apostolo da India S. Francisco Xavier, cujos primeiros trabalhos foram os da navegação da costa de Africa, e prégação da fé em Moçambique; é coisa memoravel e muito digna de se referir neste lugar, que tambem elle foi cavalleiro da mesma ordem. Na historia do padre Marcello Mastrilli, a quem S. Francisco Xavier restituiu milagrosamente a vida, para que a fosse dar por Christo no Japão, onde padeceu glorioso martyrio, se conta uma visão, em que o mesmo santo apostolo appareceu vestido com o manto branco da ordem de Christo, e com cruz vermelha no peito, como insigne cavalleiro desta santa cavalleria, e que tanto adiantou em nossas conquistas a gloria de sua empreza: singular prerogativa por certo da ordem dos cavalleiros de Christo de Portugal, não havendo outra entre todas as da christandade, que se possa gloriar de ter tão illustre cavalleiro, nem de que sobre os dotes da gloria se vestisse o seu manto e a sua cruz; mas todo este favor do céu merece uma cavalleria, que tanto mar, tanto mundo, e tantas almas conquistou para o mesmo céu.

Para confirmação de tudo isto, e para que os portuguezes conheçam quanto devem a Deus, pelos escolher para instrumentos de obras tão admiraveis, e para que se não admirem quando lhes dissermos que os tem escolhido para outras maiores, não pôde haver melhor testemunho, que o proemio do mesmo propheta, com que deu principio a este cantico triumphal das victorias de Christo: *Domine (começa elle) audivi auditionem tuam, et timui. Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud. In medio annorum notum facies: cum iratus fueris, misericordia recordaberis.* (Habac. III—1 e 2) Quando Deus revelou ao propheta, e quando ouviu sua boca o que havia de fazer nos tempos vindoi-

ros, diz que ficou cheio de temor e assombro (assim o interpretaram os setenta, accrescentando por modo de glosa no mesmo texto: *Consideravi opera tua, et expavi*\*) Porque não houve obra de Deus depois do principio e creação do mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar aos homens, que o descobrimento do mesmo mundo, que tantos mil annos tinha estado incognito, e ignorado; nem que maior nem mais justo temor deva causar, aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos occultos juisos de Deus, com que por tantos seculos permittiu que tão grande parte do mundo, tantas gentes, e tantas almas, vivessem nas trevas da infidelidade, sem lhes amanhecerem as luzes da fé; tão breve noite para os corpos, e tão comprida noite para as almas. Mas no meio desses compridissimos annos, diz o propheta, que faria Deus que se descobrisse e conhecesse o que até então estava occulto: *In medio annorum notum facies.* (Ibid.) E que tendo durado tantos seculos sua ira contra aquellas gentes idolatras, em fim, se lembraria de sua misericordia: *Cum iratus fueris, misericordiae recordaberis.* (Ibid.) E que então tornaria o Senhor a vivificar e resuscitar a sua obra: *Opus tuum, in medio annorum vivifica illud.* Os setenta traduzindo juntamente, e explicando, leram: *Cum appropinquaverint anni cognosceris*\*\*. Quando chegarem os annos determinados por vossa providencia, então se-reis conhecido; e este novo conhecimento que Deus deu áquellas nações por meio dos nossos apóstolos e prégadores da sua fé, foi tornar a resuscitar a mesma obra, que tinha começado pelos primeiros apóstolos que naquellas mesmas terras a prégaram, e com o tempo estava em algumas partes amortecida, e em outras totalmente morta; isto quer dizer: *Opus tuum vivifica illud*: ou, como traslada Simaco: *Reviviscere fac ipsum*; e o mesmo propheta mais abaixo se commenta a si mesmo, dizendo: *Suscitabis arcum tuum.* (Ibid. — 9) Vós, Senhor, tornareis a resuscitar o vosso arco (que é a sua cruz), por meio de cuja prégão se resuscitaria tambem a fé e as victorias della, naquellas nações.

\* Apud. Alap. hic v. 2.

\*\* Septuaginta Vide Cornel, hic § tertio.

Assim o prophetizou na India seu primeiro apostolo S. Thomé, quando na cidade de Meliapor, então famosissima, levantando uma cruz de pedra em logar distante das praias, não menos que doze legoas, lhes disse, e mandou esculpir no pé della, que quando o mar alli chegasse, chegariam tambem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua cor, que prégassem a mesma cruz, a mesma fé, e o mesmo Christo que elle prégava\*. Cumpriu-se pontualmente a prophesia, porque o mar comendo pouco a pouco a terra, chegou ao logar signalado, e no mesmo tempo chegaram a elle os portuguezes. Igual gloria (e não sei se maior de Portugal) a da India, que ainda tivesse a S. Thomé por seu apostolo, e Portugal por seu propheta. Ainda Portugal não era de todo christão, e já os apóstolos plantavam as balizas da fé em seu nome, e conheciam e prégavam que elle era o que havia de fazer christão ao mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigações, e de quanto lhe merece Christo.

O propheta Sofonias no cap. 3.<sup>o</sup> tambem fallou mui particularmente neste glorioso assumpto: *Ultra flumina Æthiopiæ (diz elle, ou por elle Deus) inde supplices mei, filii dispersorum meorum deferent munus mihi*". As quaes palavras intendem Arias, Vatablo, Castro, e Cornelio, das nações que estão além do Tigres, e do Euphrates, isto é, dos chinas, japões, e outras gentes da India menos remotas, que por meio das prégações dos portuguezes se haviam de ajoelhar diante dos altares de Christo, e lhe haviam de levar e offerecer seus dons em testemunho de o reconhecerem por seu verdadeiro Deus; mas contra esta explicação parece que se oppõe as primeiras palavras do texto, que verdadeiramente fallam das gentes que estão além do rio da Ethiopia: *Ultra flumina Æthiopiæ, inde supplices mei, etc.*" Logo, segundo o que acima deixamos dito, não se póde intender este texto das gentes orientaes. Por este argumento ha outros auctores que o intendem do Brazil e da America, e posto de um e outro modo, sempre o oraculo ou elogio deste propheta

\* Asia Portug. part. 3 cap. 7 n. 1.

\*\* Sophon. cap. 3 v. 10. Vide Alapi. hic § tertio.

\*\*\* Vide Alapid. hic § Secund.

nos fica em casa : digo que de uma e outra terra, e de uma e outra gente, se póde intender.

E a razão é, porque segundo Strabo, Hephoro, Herodoto, e outros, debaixo do mesmo nome de Ethiopia se comprehendiam antigamente duas Ethiopias, uma oriental, que estava na Asia além do Tigres e Euphrates, d'onde era a mulher de Moysés, chamada por isso Ethiopissa; e outra occidental na Africa, que são todas aquellas terras que cerca o mar Oceano, desde Guiné até o mar Roxo : as palavras de Herodoto são estas : *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnarzatre, censebantur cum Indis specie nihil admodum à cæteris differentes, sed sono vocis dumtaxat, atque capillatura; nam Æthiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines; qui ex Africa, crespissimos inter homines habent.* De sorte que tambem havia ethiopes na Asia, como são hoje os que se conservam com o mesmo nome na Africa, e só se distinguiam uns dos outros no som da voz, e no cabello; porque os da Asia tinham o cabello solto e corredio, e os da Africa crespo e retorcido\*; a qual distincção não só é necessaria para o intendimento de muitos logares das escripturas, senão ainda dos historiadores e poetas antigos, que de outro modo se não podem bem intender : nem faça duvida a esta distincção a palavra *Chus*, de que usa indistinctamente o original hebreu, d'onde nós lemos *Æthiopiæ*; porque Membrot filho de *Chus*, e neto de *Cham*, deu o nome de seu pae ás terras orientaes, onde habitou e povoou : os descendentes deste mesmo Membrot, e deste mesmo *Chus*, como diz Hephoro referido por Strabo, e os que depois passaram a Africa, e a povoaram, levaram consigo o nome que tinham herdado de seu pae, e de seu avô; e assim como uns e outros na lingua latina se chamam *æthiopes*, e a sua terra *Ethiopia*, assim uns e outros na lingua hebraea se chamam *Chuteos*, e a sua terra *Chus*. D'onde se segue que quando na escriptura se acha este nome sem outra differença, (como neste logar de Sophonias) se póde intender de qualquer das Ethiopias, porém quando se ajuntem na historia ou narra-

\* Cornel. hic § Ultra flumina circa medium et § tertio alii.

ção algumas diferenças que o determinem, então se ha de entender determinadamente, ou só da Ethiopia Oriental, ou só da Occidental, como nós fizemos no texto de Isaias ultimamente referido.

No cap. 16 do Apocalypse, diz S. João: *Et sextus angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten: et siccavit aquam ejus, ut præpararetur via regibus ab ortu solis.* (Apoc. XVI — 12) Que o sexto anjo derramou sua redoma sobre aquelle grande rio Euphrates, e que seccou suas agoas, para apparelhar o caminho aos reis do Oriente. O maior impedimento de agoa que tinham os reis do Oriente para passar a Jerusalem, era o rio Euphrates, por ser o mais profundo e mais caudaloso de Asia; e este impedimento, diz S. João, que se lhes havia tirar de modo que se podesse passar o Euphrates a pé enxuto. Mas debaixo das figuras deste enigma se significava outra melhor Jerusalem, que é Roma, cabeça da igreja, e outro melhor Euphrates, que é o mar Oceano, pelo qual se abriu caminho aos reis do Oriente, para que podessem vir á igreja. Assim como o propheta Jeremias chamou ao Euphrates mar, não é muito que S. João chamasse ao mar Euphrates, principalmente acompanhado daquelles dois epithetos de allusão e grandeza: *Illud magnum Euphratem*; e este grande Euphrates é aquelle grande mar, pelo qual os portuguezes (maior façanha e ventura que a do outro Cyro) fizeram passagem a pé enxuto nas suas grandes náus da India, para levarem nellas a fé ao Oriente, e trazerem tantos reis orientaes á obediencia e sujeição da igreja. Não sou eu, nem auctor portuguez (como quasi todos os que atégora tenho allegado) o que isto digo, senão o doutissimo Genebrardo, insigne professor parisiense das lettras sagradas, fallando em geral dos hespanhoes, e em particular dos portuguezes, a quem só pertence a conversão dos reis do Oriente, diz assim sobre este mesmo logar do Apocalypse.

O mesmo evangelista e propheta S. João, no cap. 10, diz que viu descer do céu um anjo forte, cujas insignias descreve largamente, que nós póde ser expliquemos em outro logar; neste basta dizer que tinha na mão um livro aberto: *Et habebat in manu sua libellum apertum*; (Apoc. X — 2) e que poz o pé esquerdo

sobre a terra, e o direito sobre o mar : *Et posuit pedem suum dextrum super mare, et sinistrum super terram.* (Ibid.) Este anjo forte (diz Pedro Bulingero) é Christo ; o livro, o evangelho explicado ; e os pés de seu corpo mystico, que é a igreja, os prégadores apostolicos, que levam pelo mundo ao mesmo Christo e seu evangelho, entre os quaes o pé esquerdo, que está sobre a terra, são aquelles que sem sairem da terra firme, prégaram nella ; o pé direito, que está sobre o mar, os que navegando ás regiões apartadas e remotas do nosso hemispherio, levam a ellas a fé de Christo, e a luz de seu evangelho ; d'onde se segue que o pé direito que Christo poz sobre o mar para esta gloriosa e evangelica empreza, são entre todas as nações do mundo, por excellencia os portuguezes ; não os nomeou por seu nome este auctor, mas nomeou-os por suas obras, e é o mais honrado nome, e de maior estimação que lhes podia dar, explicando-se com as palavras seguintes : *Is-tud nostra memori factum videmus, quæ quidem regna à nobis longè dissita, et incognitæ regiones teterrimo dæmonum cultui additæ sunt, opera patrum societatis nominis Jesu ad Christi religionem traducta sunt. Sinenses enim, qui populi ad veteres Indias expectant, et infideles sunt, (relicto dæmonum cultu, ad octo millia primum) et in his reges, et principes, permultique proceres, et optimates sub anno Domini 1564 Christi Jesu fidem susceperunt ; deinde multa indorum insulæ, et regiones christianam, catholicamque amplexerunt doctrinam, et integræ civitates sacro sunt ablutæ baptismate.*

Em cumprimento desta prophécia (diz Bolingero allegando a Surio), vemos que os reinos e regiões muito apartadas de nós, que adoravam nos idolos aos demonios, pela industria dos padres da companhia de Jesus, se teem passado á verdadeira religião ; porque os chinas que pertencem ás antigas indias, e são infieis e gentios, deixando o culto da idolatria no anno de 1564, receberam a fé de Christo em numero de oito mil, em que entraram os principes e reis, e muitos grandes senhores ; e em outras muitas ilhas e terras, de tal maneira os indios abraçaram a doutrina

\* Alap. hic. § Et vidi. Alcazar hic Alap. § Aliam.

christã e catholica, que as cidades inteiras se baptisavam. Tão facilmente triumphou Christo pela voz e espada dos portuguezes, com o pé direito no mar, e o livro na mão direita!

No capitulo seguinte se verão muitos logares de varios prophetas, explicados por auctores que escreveram de cem annos a esta parte, depois que por meio da navegação do mar Oceano se quebrou o fabuloso encantamento dos negados antipodas, e se descobriram tantas terras e gentes, não só incognitas aos antigos, mas nem ainda presumidas ou imaginadas delles. Alli veremos as admiraveis propriedades, e miudissimas circumstancias, com que os mesmos prophetas fallaram dos mares, das ilhas, das navegações, das terras, dos sitios, dos rios, das minas, das arvores, dos fructos, das gentes, dos costumes, da cegueira e infelicidade em que viviam, e sobre tudo da fé e luz do evangelho, com que por meio dos prégadores de Christo o haviam finalmente de conhecer, adorar, e servir, como hoje com tanta gloria da egreja, conhecem, adoram, e servem. Agora só pergunto: Como era possivel que aquelles antigos e antiquissimos auctores explicassem neste sentido aos prophetas? Ou como podiam intender nem perceber, que destas gentes, e destas terras, e destes mares, fallavam os seus oraculos e prophcias? Se criam tão firme e assentadamente que não havia nem podia haver antipodas, como podiam explicar as prophcias dos antipodas? Se criam que a immensidade do mar Oceano não era navegavel, e tinham este pensamento por absurdo, como haviam de intender as prophcias destas navegações, e destes mares? Se criam que a zona torrida era um perpetuo incendio, e totalmente abrazada e inhabitavel, como haviam de interpretar as prophcias dos habitadores da zona torrida? Como haviam de cuidar, nem lhes havia de vir ao pensamento que os prophetas fallavam dos americanos, se não sabiam que havia America? Como dos brazis, se não sabiam que havia Brazil? Como dos peruanos e chillis, se não sabiam que havia Perú nem Chili? Como haviam de interpretar os prophetas das ilhas desertas, ou povoadas do Oceano, se não sabiam que havia no mundo taes ilhas? Como dos ethiopes occidentaes, se não sabiam que havia tal Ethiopia? Como dos japões, se não sabiam que havia Japão? Como

\*

dos chinas, se não sabiam que havia China? Se os prophetas nas figuras enigmaticas dos seus oraculos se declaram pela natureza, propriedade, costumes exercicios, e historias das gentes e reinos de que fallam, como haviam de vir em conhecimento dessas gentes, e desses reinos, os que não podiam saber sua natureza, suas propriedades, seus exercicios, e seus costumes, nem suas historias? Se declaram as terras pelos sitios, pelos rios, pelas arvores, pelos fructos, pelas minas, e seus metaes, como podiam conhecer nem atinar com as terras, os que não tinham noticia de taes sitios, de taes rios, de taes minas, de taes arvores, nem de taes fructos? E se ainda hoje depois de descobertas e conhecidas estas terras, e estas gentes, e se terem escriptos tantos livros de sua historia natural e politica, ainda por falta de noticias mais particulares e miudas, se não acerta mais que em commum e individualmente com algumas das terras e gentes de que os prophetas fallaram; que seria na confusão escurissima da antiguidade, em que nenhuma destas coisas se sabia, nem se imaginava, antes as contrarias dellas se tinham por averiguadas e certas?

Frei João de la Puente, naquelle seu erudito livro da conveniencia das duas monarchias, romana e hespanhola, trabalhando por explicar de Hespanha certo logar de Isaias, diz assim dos theologos, sendo elle mestre em theologia: *La falta de geographia, y la de otras artes liberales, es la causa porque los theologos non atine con el sentido de la divina escritura.* E isto que se não pôde dizer dos theologos do nosso tempo sem grande nota de sua sciencia e diligencia, depois do mundo estar tão descoberto e conhecido, é obrigação e força que o digamos ou supponhamos dos theologos antigos, por doutissimos e sapientissimos que fossem (como verdadeiramente eram), sem agravo, nem menos decoro de sua erudição, e grande sabedoria, porque sabiam a geographia do seu mundo, e não podiam saber nem adivinhar a do nosso; só por nova revelação e luz sobrenatural, podiam conhecer os auctores daquelle tempo, o que nós tão facil e naturalmente conhecemos hoje: mas essa revelação, e essa luz, posto que fossem varões santissimos, e tão favorecidos de Deus, não quiz o mesmo Deus que elles então a tivessem, porque era disposição mui assen-

tada da sua providencia, que estas coisas se não soubessem, e estivessem occultas até áquelles tempos medidos e taxados por elle, em que tinha decretado, que se soubessem e descobrissem.

Diz o apostolo S. Paulo, que accomodou Deus e repartiu os seculos conforme os decretos da sua palavra, para que coisas invisiveis se fizessem visiveis: *Fide intelligimus aptata esse sæcula verbo Dei, ut ex invisibilibus, visibilia fiant*; por onde não é muito que tanta parte do mundo, e as gentes que o habitavam, estivessem ignoradas e invisiveis por tantos seculos, e que depois chegasse um seculo em que se descobrissem e fossem visiveis; e assim como corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham fallado os prophetas, assim se intenderam e descobriram tambem os segredos e mysterios de suas prophcias. Destas terras ultramarinas, encobertas e incognitas, fallava Isaias, quando disse no cap. 24: *In doctrinis glorificate Dominum; in insulis maris nomen Domini Dei Israel.* E logo accrescentou: *Secretum meum mihi, secretum meum mihi*: (Isai. XXIV — 15) Este segredo é só para mim; este segredo é só para mim: e se na mesma prophcia estavam prophetisadas as coisas, e mais o segredo dellas, como podia ser que contra a verdade infallivel da prophcia soubessem os antigos deste segredo, antes de chegar o tempo, em que Deus tinha determinado de o revelar? O cantico do propheta Habacuc que tambem tracta destes novos descobrimentos, ou triumphos da fé, e da conversão destas gentes, tem por titulo *Pro ignorantibus*. E se o conselho de Deus foi que o intendmento, ou de todas, ou de muitas coisas que alli cantou o propheta, se ignorasse; que agravo, ou descredito é, ou póde ser dos antigos sabios, que para elles fossem occultas, incognitas e ignoradas? Podem os homens occultar os seus segredos, e Deus não será senhor de reservar os seus? Sendo logo certo que estes segredos da Providencia Divina se não podiam alcançar por sciencia humana, e que a mesma providencia tinha decretado, que se não soubessem por revelação.

\* Epistol. ad Heb. cap. 11 v. 3.

